

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL
EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

ARTUR VAI A GUERRA: “O RETORNO”

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Mariza Klein Ditz

SANTA MARIA, RS, BRASIL

2013

ARTUR VAI A GUERRA: “O RETORNO”

Mariza Klein Ditz

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em História e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

ARTUR VAI À GUERRA: “O RETORNO”

elaborada por

Mariza Klein Ditz

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Rondon Martim Souza de Castro, Dr. (UFSM)

Vitor Otávio Fernandes Biasóli, Dr. (UFSM)

Denise Saad, Dr^a. (UFSM)
(Suplente)

Santa Maria, 22 de outubro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos os ANJOS que, de alguma forma, passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje. Agradeço em especial:

A Deus e Madre Maria Bernarda, que sempre me atenderam em minhas orações, me mostrando o caminho certo.

À Universidade Federal de Santa Maria – pela qualidade do ensino;

À Coordenação, docentes e colegas do PPGPPC – pelo profissionalismo e estímulo à busca do conhecimento;

Ao Prof. Dr. Julio Quevedo, meu orientador, pelo acompanhamento e atenção dedicados a este trabalho. Suas orientações foram imprescindíveis para o enriquecimento e desenvolvimento dessa pesquisa. Agradeço, igualmente, a banca examinadora de qualificação, composta pelo Prof. Dr Rondon Martim Souza de Castro, e pelo Prof. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasóli, que contribuíram com questões fundamentais para a finalização deste trabalho.

Aos/às professores/as integrantes da comissão examinadora deste estudo, pelo profissionalismo e competência com que disponibilizaram seu tempo e conhecimento na leitura e exame desta pesquisa;

Aos funcionários, responsáveis pelo Acervo do Museu Municipal Senador Pinheiro Machado de São Luiz Gonzaga, em especial ao diretor João Alberto, pela confiança na pesquisa e pela disponibilização do espaço para a salvaguarda dos materiais de Artur Melo da Costa.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, pela colaboração e confiança no empréstimo de obras de seu rico acervo bibliográfico; assim como à Secretaria de Educação e a de Turismo, o 4ºRCB, administração pública, vereadores, empresa CADORE, Caixa Econômica Federal(SLG) e imprensa, por acreditarem e incentivarem a pesquisa.

A todos os amigos que presenciaram minhas angústias, minhas aflições e entusiasmos. Não vou elencar aqui nomes, para não ser injusta e esquecer alguém.

À direção e colegas de profissão, por acreditarem em mim, sempre com palavras de incentivo, especialmente os da área de História (João Alberto, Renato,

Cosete, Anderson e Décio) de Linguagens (Elenice, Olga, Viviane, Soeli, Graciele, Suzana, Luciana, Nilton e Nestor) que, no transcorrer desse período, sempre estavam dispostos a sanar minhas dúvidas, bem como aos profissionais técnicos, principalmente a Nelma e o Diego. Mais do que profissionais, vocês foram amigos.

Aos familiares de Artur Melo da Costa, por sempre estarem dispostos para me receber.

Agradeço a minha família (pais, irmão, sogros e cunhados), que estiveram ao meu lado durante esta trajetória, suportando ausências, suprimindo necessidades e anseios, fazendo orações, encorajando e acompanhando, pois fomos companheiros nesta busca, em especial:

A minha filha Natália, que, com apenas 5 anos de idade, soube entender as ausências da mãe e ficar em silêncio quando necessário, e, mesmo sem saber ler, pegava um livro e imitando a mãe, fingia que estava lendo.

Ao meu esposo Valdecir, que desde o início dessa caminhada esteve ao meu lado, incentivando, demonstrando seu companheirismo e sua compreensão. Participou de todas as minhas angústias, alegrias e esperanças e, sempre me apoiou, dando suporte em tudo que fosse necessário. A você, meu esposo, muito obrigado por tudo.

À prima Andréia e família, que me acolheram em sua casa sempre com alegria, tornando mais prazerosas minhas idas a Santa Maria.

Ao meu avô, Antonio Klein (*in memoriam*) que, por saber de minha sede pela história, falou-me de seu amigo Artur, que havia participado da Segunda Guerra Mundial.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

ARTUR VAI À GUERRA: “O RETORNO”

AUTOR: Mariza Klein Ditz

ORIENTADOR: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Esta dissertação foi desenvolvida no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e aborda como objeto central de estudo, a pesquisa sobre a vida de um são-luizense - Artur Melo da Costa-, enfatizando sua participação como ex-pracinha do Exército Brasileiro – um febiano da Segunda Guerra Mundial. O objetivo deste estudo é pesquisar e interpretar o imaginário do senhor Artur Melo da Costa e suas representações, deixando, para as futuras gerações, um registro de sua trajetória de vida. Para o andamento da pesquisa, foi necessária a utilização do método da história oral, revisão bibliográfica e empirismo. Além desta pesquisa, realizamos também, a salvaguarda de objetos, imagens e outras pesquisas referentes ao ex-pracinha. Este conjunto de materiais é parte integrante do acervo da exposição de longa duração do Museu Senador Pinheiro Machado, na cidade de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul, sendo o produto final de nossa pesquisa. A divulgação desse material também é realizada por meio de uma exposição itinerante e folders. A pesquisa e o produto materializado trazem informações inéditas e relevantes para a comunidade em questão, sendo uma contribuição ao reconhecimento, à preservação e a valorização dessa memória, que, inserida à memória coletiva são-luizense se constitui no acervo do patrimônio cultural da cidade.

Palavras-chave: memória e cidade, Artur Melo da Costa, Segunda Guerra Mundial, exposição, Patrimônio Cultural.

RESÚMEN

Disertación de Maestría
Programa de Pos-Grado Profesional en Patrimonio Cultural
Universidad Federal de Santa María

ARTUR VA ALA GUERRA: “ELVOLVER”

AUTORA: Mariza Klein Ditz

ORIENTADOR: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Esta disertación fue desarrollada en la Maestría Profesional en Patrimonio Cultural de la Universidad Federal de Santa María (UFSM) yabarca, como objeto central de estudio, la pesquisa sobre la vida de un são-luizense - Artur Melo da Costa-, enfatizando su participación como ex-soldado del Ejército Brasileño – un combatiente de la Segunda Guerra Mundial. El objetivo de este estudio es pesquisar e interpretar el imaginario del señor Artur Melo da Costa y sus representaciones, dejando para las futuras generaciones, un registro de su trayectoria de vida. Para el desarrollo de la pesquisa, fue necesaria la utilización del método de la historia oral, revisión bibliográfica y empirismo. Además de esta investigación, realizamos también la salvaguarda de objetos, imágenes y otras pesquisas referentes al ex-combatiente. Este conjunto de materiales es parte integrante del acervo de la exposición de larga duración del Museo Senador Pinheiro Machado, en la ciudad de São Luiz Gonzaga, Río Grande del Sur, siendo el producto final de nuestra investigación. La divulgación de ese material también es realizada por medio de una exposición itinerante y folders. La pesquisa y el producto materializado traen informaciones inéditas y relevantes para la comunidad en cuestión, siendo una contribución al reconocimiento, a la preservación y a la valoración de esa memoria, que, inserida a la memoria colectiva são-luizense, se constituye en el acervo del patrimonio cultural de la ciudad.

Palabras-llave: memoria y ciudad, Artur Melo da Costa, Segunda Guerra Mundial, exposición, Patrimonio Cultural.

ABSTRACT

Master Course Dissertation
Professional Graduation Program in Cultural Heritage
Universidade Federal de Santa Maria

Arthur goes to the war: "THE RETURN"

AUTHOR: Mariza Klein Ditz

ADVISER: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Defense Place and Date: Santa Maria, 22/10/2013.

This work was developed in the Cultural Heritage Professional Masters in the Federal University of Santa Maria (UFSM), and addresses as the central object of study, the research on the life of Artur Melo da Costa, emphasizing its involvement as a former soldier from the Brazilian Army - one fighter of the second World War -WWII. The aim of this study is to investigate and interpret the imaginary of Mr. Artur Melo da Costa and their representations, leaving a record of his life story for future generations. For the progress of the research, it was necessary the oral history method, literature review and empiricism. Besides this research, we also safeguarded objects, images, and other research related to the former soldier. This set of materials, the final product of our research, is part of the collection of a long-term exposure of Senator Pinheiro Machado Museum, in the city of São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul. The marketing of this material is also performed by a traveling exhibition and folders. The research and materialized product bring new and relevant information to the community in question, as a contribution to the recognition, preservation and enhancement of this memory, that inserted into the collective memory of the people who live in São Luiz Gonzaga, constitutes the collection of the cultural heritage of the city.

Key words: memory and city, Artur Melo da Costa, Second World War, exposure, Cultural Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figuras: 1, 2 e 3: Imagem de São Luiz Gonzaga, Imagem de Santo Izidro, Imagem da estátua de Sepé Tiaraju	12
Figura 4: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização dos Sete Povos das Missões.....	31
Figura 5: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Pirapó e São Luiz Gonzaga.....	34
Figura 6: Navios Mercantes Brasileiros torpedeados durante a Segunda Guerra Mundial.....	53
Figura 7: Organização da FEB	55
Figura 8: Transporte da FEB para a Itália	58
Figura 9: Transporte da FEB para a Itália- Continuação.....	59
Figura 10: Monumento do expedicionário. Parque da Redenção, Porto Alegre 16/02/2013	64
Figura 11: Carta de Cessão de Direitos.....	69
Figura 12: Pais de Artur	70
Figura 13: Acampamento em Stáfoli	82
Figura 14: Carteiras de identidades militares.....	90
Figura 15: Redação da aluna Camila em relação a palestra de Artur na Escola Municipal Leovegildo Paiva, São Luiz Gonzaga, ano de 2011.....	91
Figura 16: Artur Jovem.....	107
Figura 17: Expedicionários da FEB embarcando para a Itália	108
Figura 18: Palestra para alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Gen. Leovegildo Alves Paiva (setembro/ 2011)	109
Figura 19: Visita de alunos – Escola Municipal José Bonifácio.....	110
Figura 20: Artur – 90 anos de história (agosto/ 2011)	110
Figura 21: Monumento em homenagem aos expedicionários.....	111
Figura 22: Artur em desfile da Independência.....	112
Figura 23: Artur Melo da Costa presente nas comemorações do dia do soldado. ..	112
Figura 24: Artur sendo cumprimentado pelo capitão Mario Luiz de Oliveira.	113
Figura 25: Quadro Percurso do Brasil na Segunda Guerra Mundial (Itália).	113
Figura 26: Quadro da Medalha de Campanha.....	114
Figura 27: Quadro da Homenagem dos Americanos aos soldados brasileiros.	115
Figura 28: Quadro do Certificado de Reservista de Artur Melo da Costa.....	115
Figura 29: Lenço vermelho – representava o sangue dos companheiros mortos. ..	116
Figura 30: Homenagem como Pirapoense ilustre a Artur em 23 de novembro de 1998.	117

Figuras 31: Homenagem e Agradecimento do 4° RCB.	117
Figura 32: Homenagem a Artur	118
Figura 33: Bandeira Brasileira que cobriu o corpo de Artur durante o funeral com honras militares.	118
Figura 34: Momento da inauguração da homenagem a Artur no Museu Municipal de Pirapó.	119
Figura 35: Homenagem a Artur na Semana da Pátria de Pirapó.(setembro/2007).	119
Figura 36: CD Gravações.....	120
Figura 37: DVD – “Artur Melo da Costa: um herói missioneiro”	121
Figura 38: Imagem do primeiro banner.	123
Figura 39: Imagem do segundo banner.	124
Figura 40: Imagem do terceiro banner.	125
Figura 41: Imagem do Folder parte externa.	126
Figura 42: Imagem do folder parte interna.	127
Figura 43: Explicação do Vice Prefeito de Pirapó no evento.	134
Figura 44: Explicação da Filha do homenageado Edite Pereira da Costa no evento.	135
Figura 45: Momento do descerramento da fita.....	136
Figura 46: Convidados e público em geral visualizando o material.....	136
Figura 47: Foto da pesquisadora com o único ex- combatente vivo na cidade de São Luiz Gonzaga, o senhor José Maciel.	137
Figura 48: Fotografia do momento da apresentação do documentário “Artur Melo da Costa: Um herói missioneiro”, antes e após a cerimônia inaugural.....	137
Figura 49: Parte do público presente.	138
Figura 50: Momento da entrega do material de pesquisa da professora Ivete Grundemann ao diretor do museu e para integrar nossa pesquisa.....	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação dos expedicionários da 2° Grande Guerra Mundial.....	65
Quadro 2- Autoridades no evento.	132

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	12
1 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS E HISTÓRICAS	22
1.1 Contextualizando a Segunda Guerra Mundial	36
1.1.1 Brasil no Conflito Armado.....	49
1.1.2 O Brasil sai de “cima do muro”: a criação da FEB.....	54
1.1.3 Partida rumo ao desconhecido: A FEB chega à Itália	57
1.1.4 As dificuldades e superações nos campos de batalha	60
1.2 Participação rio-grandense na Segunda Guerra Mundial.....	62
2 MEMÓRIAS DE UM SOLDADO	67
2.1 Artur: Infância e Adolescência.....	69
2.2 Quartel e tempos de guerra.....	77
2.3 Trajetória de vida no pós-guerra.....	84
3 A HISTÓRIA CONTINUA – O PRODUTO	96
3.1 Turismo em São Luiz Gonzaga	98
3.1.1 Museu Senador Pinheiro Machado	104
3.2 A salvaguarda do material de Artur Melo da Costa.....	107
3.3 Exposição itinerante	121
3.4 “Folder”	126
3.5 Divulgação	127
3.6 Lançamento	131
3.7 Repercussão.....	139
APONTAMENTOS FINAIS.....	142
ANEXOS	151

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

As imagens que iniciam esta introdução, vistas abaixo, se constituem no patrimônio cultural de São Luiz Gonzaga e são representativas de alguns períodos importantes na construção da cultura são-luizense, atual município do Rio Grande do Sul, que fica na região das Missões o qual, com seus 34.556 habitantes, recebe anualmente um número significativo de turistas advindos das mais diferentes regiões do Estado, do Brasil e da América Latina.



Figuras: 1, 2 e 3: Imagem de São Luiz Gonzaga, Imagem de Santo Izidro, Imagem da estátua de Sepé Tiaraju

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora / 17 de setembro de 2013.

Mas serão somente estes os ícones representativos do patrimônio cultural de São Luiz Gonzaga? Geralmente quando se discute o patrimônio missioneiro e, em particular, o de São Luiz Gonzaga, logo se recorre às heranças, aos vestígios da estatuária missioneira, produzida pelos indígenas na vigência das Missões, a partir do final do século XVII. Aliado a esses poucos exemplares da estatuária missioneira existentes, exposta e apreciada pela comunidade são-luizense na Igreja Matriz, existem também, vestígios arqueológicos que repousam seguros no Museu Arqueológico e grande parte destas trajetórias podem ser recuperadas no acervo bibliográfico que se encontra no Instituto Histórico Geográfico de São Luiz Gonzaga, aos cuidados das professoras Anna Olivia do Nascimento, Maria Ivone Ávila e Maria

Ivete Cattelan, possibilitam aos estudiosos o contato direto com o passado distante, que começa bem antes da chegada dos padres da Companhia de Jesus.

O acervo patrimonial de São Luiz Gonzaga não se resume somente a esse passado histórico guarani- missioneiro, ou simplesmente indígena sob a orientação jesuítica. Ele é complexo, vasto e rico. Convém dizer que entendemos aqui por patrimônio cultural o que é percebido como parte integrante do passado e da história do município, valorizado e preservado, tanto nos aspectos materiais como imateriais, e isso ocorre por meio de ações coletivas, de diversos grupos, em diferentes épocas do processo. Nesse sentido, selecionamos apenas uma pequena parcela neste universo patrimonial, as memórias de Artur Melo da Costa, e lançamos um produto concernente ao Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, em sua linha de pesquisa História e Patrimônio Cultural.

Não há dúvida, tanto para os historiadores quanto para a sociedade são-luizense em geral, que, num passado distante e ao mesmo tempo tão presente nas representações e no imaginário da sociedade local, ocorreu à invasão espanhola na América e que a região do noroeste do Rio Grande do Sul ficou marcada por essa ocupação. A Companhia de Jesus, criada no século XVI, na Europa, tem, como grande objetivo, a busca por novos fiéis e, para isto, seus integrantes - conhecidos como padres jesuítas - se espalharam por novas terras, entre elas as americanas e as asiáticas. Aqui na América, além de marcar a ocupação da Coroa Espanhola criou-se um projeto de evangelização das populações originárias, consolidado por meio das Missões Jesuítico-Guaranis em duas fases: a primeira, nos anos de 1626 a 1641; e a segunda, nos anos de 1682 a 1768. Na segunda fase, no ano de 1687, foi fundada a redução de São Luiz Gonzaga.

São Luiz Gonzaga tem bem presente esse passado, fazendo parte do imaginário local e regional, por meio de sua divulgação histórica e principalmente turística. Por isso, sempre que se pensa em São Luiz Gonzaga, se fala em Missões, e os são-luizenses têm orgulho de ter esse passado missioneiro. Nós também temos, mas acreditamos que a história continua e a pesquisa tem que avançar.

Dentro da produção historiográfica contemporânea temos alguns profissionais são-luizenses que estão se qualificando e abordando parte da história missioneira como também mais recente de nossa cidade e ou região, assim construindo ou

desconstruindo a história local. Sonia Bressan Vieira (2010)¹ constata que, com o processo de urbanização ocorrido no mesmo espaço da antiga redução de São Luís, não houve o cuidado com a preservação do passado missioneiro; já Pommer (2009)² e Nascimento (2012)³ abordam a tentativa de reconstrução e valorização da história e dos vestígios missioneiros na região a partir da década de 1980 em vista da crise financeira onde o turismo poderia ser uma saída para o desenvolvimento da região; ambas questionam que outros aspectos da história local estariam ficando em segundo plano, devido ao movimento denominado de “missioneirismo” por Pommer. A questão política e de certo modo ideológica sobre a recuperação desta história é tão presente inclusive na educação, como nos mostra Botteselle (2010)⁴, onde a história missioneira ganha mais espaço nos currículos escolares de nossa cidade; também Hengen (2005)⁵ aborda as possibilidades de integração cultural latino-americana por meio da história, memória e do turismo, partindo do pressuposto da história em comum das reduções jesuíticas com países vizinhos ao Brasil.

Podemos perceber quanto é significativa essa preocupação com a história de um passado jesuítico, mas estamos visualizando por meio de pesquisas mais recentes, uma maior abertura de estudos sobre outros momentos históricos, mesmo que estes muitas vezes não tenham o reconhecimento adequado, Vitor (2011)⁶, por exemplo, ao questionar sobre a importância dada aos monumentos ou locais de memória que representam a história missioneira em relação a outros que retratam a história do último século em sua pesquisa, faz um comparativo dos gastos para a restauração da igreja de Santo Ângelo, que remete a um passado missioneiro, em relação aos recursos disponibilizados para a inauguração do memorial da Coluna Prestes, na mesma cidade, e nos desafia a pensar sobre o tratamento dispensado por muitos historiadores ao passado histórico de São Luiz Gonzaga. Estes estão

¹ Tese de doutorado em História pela PUC no ano de 2010 intitulada “Sobre as Ruínas do Templo.... (porque templo já não é), História Municipal de São Luiz Gonzaga (1880-1932)”.

² POMMER, Roselene Moreira Gomes. *Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional*. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2009. 266p.

³ Cosete Nascimento do Nascimento é mestre em Patrimônio Cultural pela UFSM no ano de 2012, sua dissertação é intitulada : “Um olhar sobre o Patrimônio Cultural de Bossoroca-RS”

⁴ Renato Botteselle é mestre em Educação pela UNIJUÍ, sua dissertação é intitulada: “A história Missioneira nos Currículos Escolares em São Luiz Gonzaga: contribuição na formação discente e na construção da cidadania”.

⁵ João Alberto Machado Hengen é mestre pela UFSM, sua dissertação é intitulada: “Turismo, História e Memória: possibilidades de integração cultural latino- americana”

⁶ Amílcar Guidolim Vitor é mestre em Patrimônio Cultural pela UFSM, sua dissertação é intitulada: “A coluna Prestes em Santo Ângelo/ RS: recorrendo ao passado para erigir um patrimônio.”

buscando descortinar alguns aspectos, mesmo que, para isso se enfrente críticas, pois todo trabalho acadêmico é passível de críticas.

É nesta cidade, São Luiz Gonzaga, e abordando parte da história mais recente, que desenvolvemos nossa dissertação para o mestrado em Patrimônio Cultural pela UFSM. Este estudo aborda, como objeto central de estudo, a pesquisa sobre a vida de um são-luizense chamado Artur Melo da Costa, enfatizando sua participação como ex-pracinha do Exército Brasileiro – um febiano da Segunda Guerra Mundial – e a interpretação do seu imaginário. Temos, como delimitação temporal inicial, os anos vinte do século XX, período de seu nascimento, até os dias atuais.

O presente estudo justifica-se pela importância que Artur vem adquirindo na história local – relevância esta corroborada pela existência de um monumento em homenagem aos são-luizenses que participaram da Segunda Guerra Mundial e no qual consta seu nome. Este monumento está localizado no Centro Esportivo Expedicionário Cícero Cavalheiro, cujo nome enaltece outro ex-combatente que também lutara na Segunda Guerra; justifica-se, ainda, pela participação de Artur nas escolas, através de palestras ministradas; pelos registros nos jornais; pela sua valorização regional; e, principalmente, pelo documentário intitulado *Artur Melo da Costa: um herói missioneiro*⁷.

Não é nosso intuito desvendar os aspectos da guerra, mas sim o cotidiano do nosso personagem, seu imaginário, sua interação com a sociedade, a forma como conseguiu superar as dificuldades no pós-guerra e, por meio de sua história, tornar-se um herói para muitos de nossos jovens. cremos que, ao cruzarmos os dados obtidos através das diferentes fontes de pesquisa, poderemos obter uma noção fidedigna da trajetória de vida de seu Artur – o guardião de uma memória, para que não caia no esquecimento; e, embora não sejamos sabedores das “verdades absolutas” sobre o objeto em questão, esperamos contribuir com a nossa interpretação sobre os fatos que consideramos relevantes para o estudo em pauta.

Será preocupação central desta pesquisa e posterior produção bibliográfica a questão ética, até porque trataremos de um personagem conhecido regionalmente; portanto teremos cuidados redobrados em seguir o que recomendam os protocolos

⁷ Documentário produzido em São Luiz Gonzaga, no ano de 2005, com objetivo pedagógico referente ao conteúdo da Segunda Guerra Mundial, no qual Artur Melo da Costa conta grande parte de sua história como ex-combatente deste episódio da história.

éticos. A história oral proposta por nós está estabelecida em normas técnicas e éticas, respeitando e sendo fiel as informações provenientes das entrevistas, e, preservando a integridade dos sujeitos participantes nas diversas pesquisas.

Como trabalho recente, inclusive analisando o documentário supracitado, tem a dissertação no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural da UFSM de Anderson Iura Amaral Schmitz, defendida em 2011, e intitulada *Artur Vai à Guerra: a memória de um febiano perenizada em linguagem fílmica*. Vale destacar que a referida dissertação nos servirá de base no que se refere à biografia de Artur, norteando as passagens de sua vida, e devido à existência dessa pesquisa introdutória sobre esse personagem, escolhemos como título de nossa dissertação Artur vai a Guerra: “o retorno”. Destacamos que, apesar de escrevermos sobre o seu retorno da guerra, não foi devido a este aspecto que escolhemos o referido título e sim para nos referirmos a um retorno mais aprimorado dos estudos sobre esse agente histórico.

Como objetivo geral, queremos pesquisar e interpretar o imaginário do senhor Artur Melo da Costa e suas representações, deixando para as futuras gerações um registro de sua trajetória de vida. Como objetivos específicos, pretendemos fazer uma abordagem conceitual e histórica; caracterizar o espaço de vivência e as relações sociais construídas em Pirapó e São Luiz Gonzaga; conhecer aspectos da participação do senhor Artur Melo da Costa na Segunda Guerra Mundial, reconhecendo a importância desse fato histórico para sua vida; analisar o processo de retorno ao cotidiano de sua vida e a valorização nos dias atuais, e por fim, organizar uma exposição de longa duração no Museu Municipal Salvador Pinheiro Machado, em São Luiz Gonzaga, com os materiais que retratam a trajetória de vida do ex- pracinha, para que exista a salvaguarda desse material e para que a comunidade se aproprie ainda mais de sua história como parte do seu patrimônio cultural. Como parte introdutória do primeiro capítulo, abordaremos os conceitos de história oral, imaginário, memória e patrimônio cultural, pois os consideramos relevantes para o entendimento da pesquisa.

Entendemos a História Oral como uma metodologia que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da trajetória de vida e produção do conhecimento. No desenvolvimento da pesquisa oral, observamos que, para Lucila Delgado:

A história oral é o procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar por meio das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas divisões. (DELGADO, 2006, p.15).

Como nosso objetivo é interpretar o imaginário do depoente e analisar e correlacionar os fatos ocorridos em sua vida, a nossa fonte principal se torna a oral, mesmo que, enquanto pesquisadora, devemos realizar uma interação entre a teoria que deu suporte para a investigação e as falas registradas; para isso, nossa pesquisa terá um corpo teórico que dará consistência ao questionamento proposto. O Uso da História Oral se faz no diálogo com inúmeras fontes escritas, ou seja, como nos relata Portelli (1997), a escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si e sim completam-se mutuamente.

Fazer história oral significa produzir conhecimento histórico, científico e não apenas fazer um relato ordenado da vida e experiência de alguém. Segundo Portelli (1997, p.31), “a primeira coisa que torna a história oral diferente, é que ela nos conta menos sobre eventos do que sobre significados”.

Por meio da história oral registraremos a história que antes existia, mas estava oculta para a sociedade no geral, e não somente isto: esta história será analisada, articulada à história geral, interpretada na busca de um significado mais amplo. Do ponto de vista da apresentação formal da pesquisa, é elaborado um texto que integra as falas do depoente, os registros bibliográficos e as nossas reflexões.

A presente dissertação utiliza uma abordagem exploratória de caráter descritivo, sendo aquela que observa, registra, analisa e correlaciona fatos e fenômenos. É ainda um estudo de caso, visto que pretende examinar aspectos da vida de Artur.

Em relação à memória, acreditamos ser importante o conhecimento referente à memória de idosos; para isto, pretendemos analisar as ideias de Ecléa Bosi, a qual questiona a importância da análise crítica em relação à memória de idosos, fazendo observações como:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994. p.55).

Nesse sentido, também nos apoiamos em Tedesco, o qual se refere aos fragmentos da memória de idosos e nos leva a análise de que:

Os “nonos” querem transmitir. Essa noção de transmissão é muito forte no significado dos relatos. Transmitir às gerações seguintes ensinamentos não apenas com o sentido de linearidade, mas, também, como revisão, comparação, reflexão, crítica à ideia de fim, de ausência, etc. No fundo, está o desejo de uma manifestação de um aprendizado de vida, anos de vida vivida, de desejo de conhecer o viver e o vivido vivenciado, de não se deixar levar pela dimensão atual do movimento rápido das coisas e de sua superação, alteração, fragmentação e descarte. (TEDESCO, 2002, p. 57).

Em relação às expressões do patrimônio cultural, torna-se relevante abordar sobre a importância e a legitimidade de determinados bens, para que a comunidade onde ele esteja inserido acabe reconhecendo esta expressão como elemento integrante do patrimônio cultural, pois, às vezes, o que parece patrimônio para uns, para outros pode não ter esse significado. Tendo em vista o exposto, verificam-se que alguns dos elementos que constituem o patrimônio cultural podem ser considerados representações simbólicas construídas a partir de interesses sociais. Entretanto, cada elemento patrimonial pode assumir um significado diferente para os grupos integrantes da sociedade, os quais se identificam, ou não, com os objetos ou bens culturais que representam eventos do passado no presente. Por consequência, Dias (2006, p. 91) afirma que “há uma tendência, cada vez mais acentuada, de considerar o patrimônio como uma construção social, ou seja, como algo dinâmico, enraizado no presente, a partir do qual se reconstrói, seleciona e interpreta o passado”. Dessa forma, pode-se verificar a importância que as representações sociais têm para que diferentes expressões do patrimônio cultural sejam reconhecidas pelas sociedades em que estão inseridas. Estas representações constroem uma imagem sobre os bens materiais e imateriais que constituem o patrimônio cultural, influenciando consideravelmente a opinião pública.

Ainda no primeiro capítulo haverá uma narrativa referente à Segunda Guerra Mundial nos seus aspectos gerais e por meio de um relato mais detalhado a participação do Brasil naquele evento, pois é neste contexto histórico que se insere nosso objeto de estudo.

No segundo capítulo, colocaremos sob análise as memórias do senhor Artur Melo da Costa. Para tanto, será considerada válida a participação de importantes personagens ao longo de sua vida, tanto no plano da construção de sua memória

como nas pessoas que ainda podem nos dar alguma contribuição como, por exemplo, sua única irmã viva, com 96 anos; seus filhos; sua esposa; enfim, indivíduos que acompanharam o transcorrer da vida de Artur. Para um melhor entendimento, dividimos o texto em três fases da vida de Artur: a primeira destaca episódios de sua infância e adolescência; a segunda, o período em que esteve na guerra e a terceira o pós- guerra até o fim de sua vida.

Em estudos anteriores, nos chamou a atenção a sua convivência, ainda na infância, com um ex-combatente da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865 a 1870); o envolvimento familiar na revolução de 1930⁸, já que dois irmãos mais velhos tiveram de fugir para outro país – Argentina –, sendo que um deles acabara sendo aquartelado em São Luiz Gonzaga; as histórias que seu pai contava sobre a revolução de 1923⁹; além de fatos que ele mesmo presenciara entre seus sete e oito anos de idade, buscando assim descobrir a ligação de suas representações com a vida real ao passar dos anos, permitindo nos questionar sobre a hipótese de existir relação de suas vivências na infância com o seu imaginário durante a participação na Segunda Guerra Mundial.

Em decorrência da aceleração da história, de que nos fala Pierre Nora (1993), vivenciamos hoje um momento histórico que nos move no sentido de que é urgente e necessário guardar os cacos de memória, os fragmentos que podem sustentar e ancorar as recordações de um grupo, para não se perderem em definitivo os vínculos com o passado. Diante das relações efêmeras cada vez mais presentes no cotidiano, quando tudo parece se perder no momento seguinte ao seu acontecimento, revela-se a necessidade de buscar referências. Essa fluidez exacerbada acaba conduzindo a um movimento de reação, o qual busca preservar o presente como possibilidade de não se perder definitivamente o vínculo com o passado. A necessidade de guardar algo que estabeleça esses vínculos surge da percepção de que podem se perder as lembranças das vivências, e assim teremos a possibilidade de recorrer a tais referências quando necessário. Portanto, o produto que apresentamos como um dos requisitos para o Mestrado em Patrimônio Cultural é a salvaguarda de objetos, imagens e pesquisas referentes ao ex- combatente Artur

⁸ A revolução de 1930 foi um movimento armado envolvendo Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, e teve fim com o golpe de estado, intitulando Getúlio Vargas como Presidente. Assim se encerrou o período da República Velha.

⁹ A revolução de 1923 foi mais conhecida como dos maragatos de lenço vermelho e dos chimangos de lenço branco.

Melo da Costa, material este que já faz parte do acervo da exposição de longa duração do Museu Senador Pinheiro Machado, na cidade de São Luiz Gonzaga, desde o dia 15 de maio de 2013. Integrando esse produto desenvolvemos também uma exposição itinerante com três “banners” que fazem um breve histórico da vida de Artur, além de destacar o material exposto no museu. Também construímos um folder para ser distribuído a população visitante do museu e nos locais que a exposição itinerante for exposta. Na fase final da dissertação, ou seja o terceiro capítulo, explicaremos o desenvolvimento da construção desse produto e sua inserção na sociedade.

De acordo com as palavras de Nora,

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a esse momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação (NORA, 1993, p.7).

Os locais transformam-se em possibilidade de depósito residual pela busca de sua continuidade. Neste sentido, afirma que “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” (NORA, 1993, p. 9).

A problemática dos lugares evidenciada por Nora (1993) nos leva a avaliar e tentar compreender os processos que permitem a determinados espaços serem referidos como lugares de memória e o potencial que representam como fonte de interpretações da sociedade. De acordo com Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...). (NORA, 1993, p. 13).

Esses depósitos residuais revelam-se como escoadouro para manter vivo o vínculo com um passado carregado de significados, valorizados pelo grupo que se dispõe a guardá-lo.

À medida que desaparece a história tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história. (NORA 1993, p. 15).

Neste sentido, é que compreendemos as palavras de Nora, como indicadores acerca do que devemos perceber como lugares de memória.

Dessa maneira, apresentamos também, no terceiro capítulo, alguns lugares de memória do município de São Luiz Gonzaga, na perspectiva apontada por Nora (1993), compreendendo-os como espaços estabelecidos historicamente como guardiões da memória local. Desse ponto de vista, avaliamos estes lugares como possíveis elementos usados para efetivar processos de construção de identidade para o município, e, para nossa pesquisa, o principal destes lugares a ser analisado é o Museu Municipal Senador Pinheiro Machado, onde estão inseridos os materiais de Artur.

Com a exposição de longa duração, a itinerante e a pesquisa, temos um importante registro para a história de São Luiz Gonzaga e região, onde Artur Melo da Costa está inserido, e por meio destas acreditamos que a história se materializa e permanecerá viva na memória de muitas gerações.

1 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS E HISTÓRICAS

Neste capítulo abordaremos, inicialmente, alguns conceitos necessários que permearão as discussões, não somente no sentido de delimitar os termos e dar um suporte teórico para as nossas reflexões, mas também trazer para a pesquisa informações apropriadas e compreensíveis. De forma breve, discorreremos sobre alguns pensamentos de autores renomados em relação aos conceitos de: imaginário, memória, história oral e patrimônio cultural.

Os pesquisadores estão acompanhando um enriquecimento dos estudos históricos no que se refere ao interesse por novos objetos e novas abordagens. A historiografia da segunda metade do século XX assistiu à significativa emergência de campos do saber historiográfico, que passaram a valorizar o universo mental dos seres humanos em sociedade, os seus modos de sentir e o imaginário por eles elaborado.

Entende-se, segundo Pesavento (2005), que a história do imaginário está inserida nas mudanças epistemológicas da história, assim como as representações, o uso da memória, a narrativa, a ficção e a ideia das sensibilidades – estas últimas atuando no campo da história cultural.

[...] com o advento da História Cultural que o imaginário se torna um conceito central para a análise da realidade, a traduzir a experiência do vivido e do não-vivido, ou seja, do suposto, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído. (PESAVENTO, 2005, p. 47).

Analisando o histórico do uso do imaginário em obras publicadas, constata-se que a elaboração de um conceito (ou noção) de “imaginário” para as ciências humanas deve-se muito a Cornelius Castoriadis, cuja obra de referência é *A Instituição Imaginária da Sociedade* (1982), e a historiadores como Jacques Le Goff, em seus livros *O Imaginário Medieval e o Nascimento de Purgatório*, e Georges Duby, em sua obra *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*, na qual pode-se observar:

A ideologia, sabemos-lo bem, não é reflexo do vivido, mas um projecto de agir sobre ele. Para que a acção tenha qualquer possibilidade de eficácia, é preciso que não seja demasiado grande a disparidade entre a representação imaginária e as “realidades” da vida. (DUBY, 1994, p. 20).

A história do imaginário não se ocupa propriamente dessas longas durações nos modos de pensar e de sentir, mas, sim, da articulação das imagens visuais, verbais e mentais com a própria vida que flui em uma determinada sociedade. Um exemplo disso foi o que Jacques Le Goff pretendeu fazer em sua obra *O Nascimento do Purgatório* (1990), em que busca investigar a mútua interação entre o imaginário religioso medieval e a sociedade que o produziu. Para Le Goff, o imaginário é um conceito tão amplo que, sendo assim, tudo pode ser submetido a uma leitura imaginária.

Sobre o tema em questão, consideramos também a visão de Gilbert Durand:

A história não explica o conteúdo mental arquetípico, pertencendo a própria história ao domínio do imaginário. E, *sobretudo, em cada fase histórica, a imaginação encontra-se presente, inteira, numa dupla e antagonista motivação: pedagogia da imitação, do imperialismo das imagens e dos arquétipos tolerados pela ambiência social, mas também fantasias adversas da revolta devidas ao recalçamento deste ou daquele regime de imagem pelo meio e o momento histórico.* (DURAND, 1997, p. 390).

Pesavento (2005) afirma que o imaginário sempre se representa por meio de imagens ou de discursos, e isso se dá através da memória. Acredita-se que, em cada época da vida, os homens constroem representações para conferir sentido ao real. A própria identidade é constituída pela memória.

Quando tratamos de memória, surgem várias interpretações e, por isso, nos valem novamente de Jacques Le Goff (2003) para melhor compreensão do conceito. Segundo ele,

Pela memória, temos a propriedade de conservar certas informações que, por nos remeter a um conjunto de funções psíquicas, permite-nos atualizar impressões e informações passadas ou que representamos como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 419).

O ato de rememoração requer um comportamento narrativo, pois se trata da “comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”. (LE GOFF, 2003, p. 421).

A memória traduz registros de experiências, imagens, representações de espaços vividos. Devido a isso, é importante recordar, sendo que, para a História, ela serve como matéria-prima para a construção do conhecimento.

A presença do passado das pessoas vem expressa de forma natural através da memória que é seletiva, ou seja, expressando somente o que foi significativo

tanto no âmbito social como no coletivo, ou seja, nem tudo fica gravado nem tudo fica registrado.

Acredita-se ser importante para a pesquisa, o conhecimento referente à memória de idosos, levamos em consideração o que Ecléa Bosi (1994) diz em seu livro *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55).

Por isso é preciso ter todo cuidado com a pesquisa realizada no sentido de saber analisar o que realmente se passa no imaginário de Artur, (personagem apresentado na introdução dessa dissertação) quando conta suas histórias de vida, o que faz com muito gosto, fato este, que ocorre também, com a maioria dos idosos ao se lembrarem do passado como se quisessem nos ensinar, nos aconselhar. Também Tedesco (2002), ao se referir aos fragmentos da memória de idosos, sobre isto comenta:

Os “nonos” querem transmitir. Essa noção de transmissão é muito forte no significado dos relatos. Transmitir às gerações seguintes ensinamentos não apenas com o sentido de linearidade, mas, também, como revisão, comparação, reflexão, crítica à idéia de fim, de ausência etc. No fundo, está o desejo de uma manifestação de um aprendizado de vida, anos de vida vivida, de desejo de conhecer o viver e o vivido vivenciado, de não se deixar levar pela dimensão atual do movimento rápido das coisas e de sua superação, alteração, fragmentação e descarte. (TEDESCO, 2002, p. 57).

Quando um historiador se propõe a fazer entrevistas de histórias de vida, deve ter presente que estará trabalhando com duas formas de memória, que são: a *individual*, que consiste nos acontecimentos vivenciados pessoalmente, e a *coletiva*, que incide acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencer, segundo abordado por Halbwachs (2006). Às vezes, pode acontecer de a pessoa nem ter participado de determinados eventos, contudo, no seu imaginário, aquilo tornou-se tão importante que ela acaba se confundindo em relação a ter participado ou não de um determinado episódio. Por isso o problema consiste em o pesquisador saber interpretar esse material.

Em entrevistas muito longas, sem ordem cronológica, observa-se que o entrevistado, ao voltar aos fatos, acaba distorcendo informações, bem como

acontecimentos que são lembrados sem mudanças como se fizessem parte da sua essência como ser humano,

a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, um passado que não é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto. (TEDESCO, 2002, p. 86).

Em relação ao conceito de história oral, que é o principal método adotado, principalmente na segunda parte da dissertação, este, acompanha a renovação da pesquisa histórica que vem ocorrendo nas últimas décadas e que o entendemos como meio mais apropriado para a produção do conhecimento histórico mais recente, principalmente de histórias muitas vezes esquecidas pela historiografia tradicional, mesmo sabendo que os depoimentos traduzem visões particulares de processos coletivos.

A técnica usada pelo pesquisador são entrevistas. Para Lucilia Delgado (2006, p. 21-22) existem dois tipos de entrevistas entre as mais usadas, “os depoimentos de história de vida e entrevistas temáticas”, segundo ela, as entrevistas de histórias de vida, constitui-se por depoimentos aprofundados e, normalmente, mais prolongados, orientados por roteiros abertos, semi-estruturados, que objetivam reconstruir, através do diálogo do entrevistador com o entrevistado, já as entrevistas temáticas, são desdobramentos da história de vida em relação a um tema específico, vivenciado ou testemunhado, podendo compor um projeto de pesquisa.

Assim como Delgado, Thompson (2002) interage sobre o tema entrevista, lembrando que:

Ser bem-sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevistas, que vão desde a que se faz em forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade de método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade. (THOMPSON, 2002, p. 254).

A preparação, realização, encerramento, transcrição e socialização são etapas demoradas, mas de fundamental importância para a produção final do texto.

Quando fala-se em história oral, estamos falando de pesquisa histórica cujo principal fonte é a memória, material coletado pelo pesquisador em diálogo e

entrevista com o personagem a ser pesquisado, e que, assim como outras fontes, devem, portanto, serem analisadas.

O objeto de estudo em questão faz parte do patrimônio cultural de São Luiz Gonzaga, fato já abordado na dissertação de Schmitz:

Com relação ao senhor Artur Melo da Costa e seus feitos na Itália, já temos uma ideia, ainda muito ínfima, de que ele possa se inserir como um patrimônio de brasilidade, de amor e dedicação à Pátria, dado que, em São Luiz Gonzaga, em momentos oportunos, ele é tido como um herói, um exemplo. (SCHMITZ, p.38, 2011).

Portanto, á necessidade de uma melhor explanação sobre o conceito de Patrimônio Cultural. Cremos que, nos últimos anos,

O conceito 'patrimônio cultural' de um discurso patrimonial referido aos grandes monumentos artísticos do passado, interpretados como fatos destacados de uma civilização, avançou para uma concepção do patrimônio entendido como o conjunto dos bens culturais, referente às identidades coletivas. (ZANIRATO, 2006).

O patrimônio cultural pode ser definido como o conjunto de bens de ordem material e imaterial, os quais fazem parte da identidade e da memória dos diferentes povos que constituem a sociedade. Podemos citar como exemplos, desde os sítios arqueológicos e as estruturas arquitetônicas, como, modos de fazer, agir, pensar, entre outros.

Vale ressaltar que, durante muito tempo pensava-se em preservar somente o material (propriamente excludente), esquecendo-se do patrimônio imaterial integrado na constituição desse passado.

Temos que ter presente que o patrimônio cultural não é um dado; ele é uma construção, resultante do valor e da significação atribuídos aos elementos que o compõe.

Por isso, deve haver uma identificação comum, um sentimento de pertencimento, de interesse por parte da população, para que haja a salvaguarda desse patrimônio. Também em relação às expressões do patrimônio cultural, torna-se relevante ratificar a importância e a legitimidade de determinados bens, para que a comunidade onde ele esteja inserido acabe reconhecendo esta expressão como elemento integrante do patrimônio cultural, pois, às vezes, o que parece patrimônio para uns, para outros pode não ter esse significado.

Em patrimônio cultural, observa-se também o conceito de Mário Chagas, quando afirma ser um:

[...] conjunto determinado de bens tangíveis, intangíveis e naturais, envolvendo saberes e práticas sociais, a que se atribuem determinados valores e desejos de transmissão de um tempo para outro tempo, ou de uma geração para outra geração. O patrimônio cultural, como se sabe, é terreno em construção, fruto de eleição e campo de combate (CHAGAS, 1999, p. 19).

Relacionando o conceito de Chagas e a abordagem de Zanatta (2011) que diz: “À noção de Patrimônio Cultural, não cabem delimitações estáticas ou conceitos absolutamente rígidos. As discussões teóricas não a tornam efetiva e operária como se poderia supor”, entende-se assim o conceito amplo em que o termo patrimônio cultural se faz presente, e que é um processo, o qual está sendo construído e/ou valorizado pela própria sociedade inserida nele.

Com a Constituição Brasileira de 1988, há maiores esclarecimentos sobre o tema patrimônio cultural, dizendo que; esta opta por usar o termo como conceito amplo e em substituição ao então usado Patrimônio Histórico e Artístico, deixando claro que todos os bens móveis, imóveis ou imateriais, que se referem a nossa cultura, identidade e memória, passam a ser reconhecidos e necessitam ser preservados. É o que diz o artigo 216 da Constituição Brasileira, que declara que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, Constituição Federal de 1988).

Em relação aos elementos que compõe o Patrimônio Cultural também pode-se observar que:

O patrimônio cultural apresenta-se sob diversas formas. Sob a forma de BENS MATERIAIS, compreende toda a produção cultural de um povo, desde sua expressão musical, até sua memória oral, passando por elementos caracterizadores de sua civilização. Ainda sob a forma de bens materiais, o patrimônio divide-se em dois grupos básicos: BENS MÓVEIS -

grupo que compreende a produção pictórica, escultórica, material ritual, mobiliário e objetos utilitários e BENS IMÓVEIS - que não se restringem ao edifício isoladamente, mas compreendem também seu entorno, garantindo sua visibilidade e fruição. (<http://coral.ufsm.br/ppgppc>). Acesso em 12 de junho de 2013.

Ficam evidenciados, assim, alguns aspectos que se relacionam diretamente com a pesquisa aqui apresentada: a relação com a ideia de herança, que passa de uma geração para outra; sua ligação com a articulação da memória social e com o modo de viver e a memória oral.

Com esse novo olhar sobre o patrimônio, não nos parece improvável enquadrar a história de Artur Melo da Costa como patrimônio cultural de nossa cidade, fato demonstrado principalmente pela busca incessante de informações da população nos museus e pelo documentário “Artur Melo da Costa: um herói missioneiro”, o qual relata alguns pontos sobre sua vida, o cuidado com a preservação de sua memória, o sentimento de patriotismo que ele desencadeia em nossos jovens, sendo considerado um exemplo a ser seguido. Artur faz parte do patrimônio cultural de São Luiz Gonzaga, desde quando suscita a memória de um passado, até no momento atual, em que sua trajetória de vida é perenizada no Museu Municipal Senador Pinheiro Machado.

Sabe-se por meio desta pesquisa, estar construindo a história, não só de um personagem, mas, sim, o entendimento deste nos fatos gerais que circundaram sua vida e, para isso, é necessário uma análise mais abrangente do contexto histórico em que este está inserido, o que será feito no decorrer da dissertação.

Por sua vez, o imaginário associa-se também aos espaços em que está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias. Sabe-se que, segundo Nora (1993) existem “lugares de memória” que podem ser o local onde a pessoa passou sua infância e que permaneceu latente na lembrança, assim como os próprios monumentos são lugares de memória, uma vez que servem como uma relembração ao passado, sendo importante, portanto, conhecer a história dos lugares onde Artur viveu: Pirapó e São Luiz Gonzaga.

Pirapó, onde o senhor Artur viveu sua infância e vida adulta, localiza-se na Região das Missões, ao noroeste do estado, distanciado a 580 Km da capital. Seus limites se dão com os municípios de Roque Gonzales, Dezesseis de Novembro, São Nicolau e com o país da Argentina.

“Sua população é de 3.005 habitantes, sendo que a maioria habita a zona rural. Suas origens étnicas predominantes são a alemã (39,8%) e a luso-brasileira (58,9%)”. (<http://www.pirapo.rs.gov.br> – Acesso em 12/10/2012).

Em relação à sua origem, Pirapó era, inicialmente, habitado por índios caingangues e, posteriormente, por tupis-guaranis, tendo registros de uma capela jesuítica, que ficava localizada na Linha Figueira, onde consta que as suas paredes foram transformadas em taipas de pedras, ainda existentes naquela localidade. Na segunda metade do século XIX, já havia um povoamento luso-brasileiro, que sobrevivia, assim como os indígenas, da natureza e de uma agropecuária de subsistência.

No início do século XX, a partir de setembro de 1903, foi fundada uma colonização alemã em Pirapó, através de Ernesto Henrique Guilherme Wilhelm Sommer e familiares, chegando as primeiras doze famílias no dia 18 de maio de 1904, provenientes da Região do Vale do Rio dos Sinos (RS), dando início a mais um povoamento localizado no município de São Luiz Gonzaga, que, inicialmente, foi chamado de *Colônia Sommer*, depois ficou conhecido como *Colônia Pirapó*; em seguida, foi denominado de *Vila Pirapó*; e, por último, ficou sendo simplesmente *Pirapó*, nome dado devido às origens, uma vez que, num período bem anterior ao século XX, os atuais municípios de Pirapó e Roque Gonzales denominavam-se Pirapó, cujo cacique maior foi o índio guarani Nheçu, que habitava o Cerro do Inhacurutum, tendo sido sob suas ordens que foram mortos os três Mártires das Missões. Na língua tupi-guarani, Pirapó significa “salto do peixe”, no Salto Pirapó, reduto predileto dos índios guaranis, atualmente localizado no município de Roque Gonzales.

Os colonizadores enfrentaram grandes dificuldades devido a intempéries do tempo, à falta de animais de procriação, de rodovias e de recursos industriais, médicos e espirituais. Mas, mesmo assim, a comunidade foi evoluindo rapidamente.

Henrique Sommer instalou uma balsa sobre o Rio Ijuí – travessia Pirapó-Roque Gonzales – e, até a década de 50, a base da economia dava-se através da intensa exportação, via fluvial, valendo-se de catres, barcos e lanchas, os quais transportavam, principalmente, a madeira de lei (pau-ferro), produtos agrícolas, como erva-mate, fumo e feijão, e de agroindústria, como a cachaça, o queijo, o couro, a banha e a rapadura. Neste período, várias famílias alemãs e luso-brasileiras foram adentrando-se na Colônia Pirapó. Entretanto, a partir dos anos 50, foi

cessando a comercialização e a base da economia modificando-se apenas para a agropecuária, cujo escoamento da produção de suínos e de grãos; como soja, milho, trigo, feijão e arroz passou a ser rodoviário, principalmente pela construção da Ponte de Travessia *Pirapó-Dezesseis de Novembro*. Politicamente, foi a partir de 1955, que Pirapó passou a ser um distrito de São Luiz Gonzaga e, a partir de 1966, passou a integrar o município de São Nicolau, passando a distrito deste em 11 de novembro de 1980.

A população de Pirapó iniciou uma campanha pela emancipação em 1981, quando uma comissão iniciou a luta pela conquista da autonomia, não sendo exitosa na primeira tentativa, em 1984. Após isso, uma segunda comissão foi formada, desta vez logrando êxito e resultando no plebiscito que se realizou em 20 de setembro de 1987, com uma apuração de 90% dos votos a favor da emancipação, sendo, então, criado o novo município de Pirapó, em 30 de novembro de 1987, através da Lei nº 8.425, com a sua instalação efetuada em 1º de janeiro de 1989.

A base da economia continua sendo a agropecuária, com destaque para a produção de soja e para a bovinocultura (corte e leite). Contudo, há também a produção de outros grãos, como o milho, o trigo e o feijão, bem como a introdução da piscicultura.

Em 1991, Artur e sua esposa, que se encontrava adoentada, mudaram-se do campo, em Pirapó, para São Luiz Gonzaga em busca de tratamento médico, vindo ele a ficar viúvo cinco anos depois e decidindo casar-se novamente, fato este que o motivou a permanecer na cidade, onde residiu até os seus últimos anos de vida.

São Luiz Gonzaga é um município que se localiza na região Noroeste do estado, pertencendo à microrregião das Missões. Foi fundado, em 1687, pelo padre Miguel Fernandes, sendo elevada à categoria de cidade em 03 de junho de 1880. Distante 533 km da capital do estado, “o município possui uma área territorial de 1.296 km² e conta com uma população total de 34.556 habitantes (Censo Demográfico 2010), sendo 30.511 residentes na zona urbana e 4.047 na zona rural”. (<http://www.saoluizrs.com.br> – Acesso em 12/10/2012).

São Luís das Missões, como era chamado de início, foi fundada em 1687, pelo padre Miguel Fernandes, no chamado território das Missões – sendo estas criadas em decorrência da ação dos jesuítas, destinada à catequese dos índios guaranis, habitantes daquela época.

As missões jesuíticas se desenvolveram por largo território que atingia regiões dos atuais Brasil, Argentina e Paraguai. Das trinta reduções jesuíticas existentes, sete se fixaram à margem esquerda do Rio Uruguai, depois de 1687, dando origem aos Sete Povos das Missões, em cujos territórios hoje se situam os atuais Sete Povos das Missões, veja localização na figura 4:

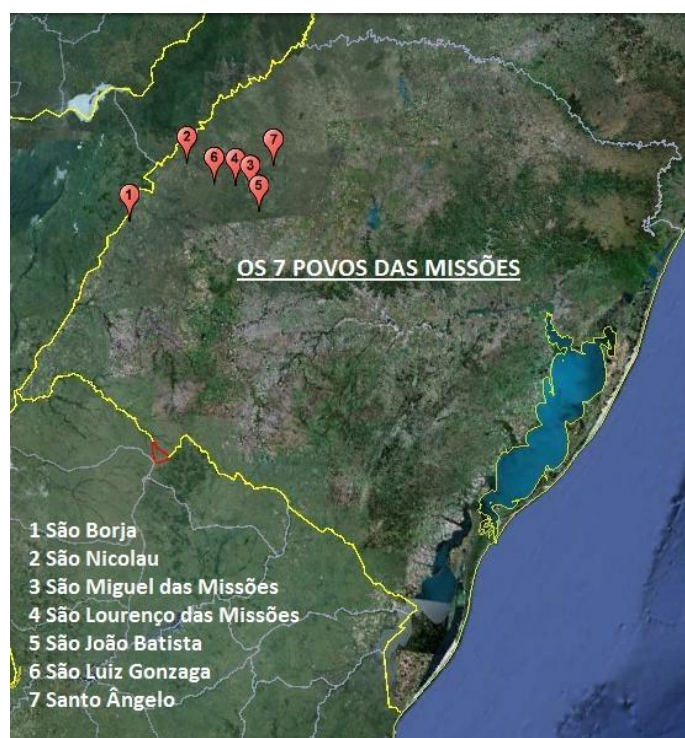


Figura 4: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização dos Sete Povos das Missões.
Fonte: Google Earth

As missões sobreviveram até 1756, quando guaranis e jesuítas foram expulsos por tropas portuguesas e espanholas, por força da nova divisão do território entre as duas nações, estabelecidas pelo Tratado de Madri de 1750.

Após 1756, com o término da Guerra Guaranítica, onde muitos indígenas morreram, ocorre uma série de mudanças no cotidiano das Missões, como é o caso de São Luiz Gonzaga, que foi ocupada pelas tropas luso-espanholas; por isso, a maioria dos sobreviventes teve que transmigrar para a outra margem do rio Uruguai, conforme os desígnios do Tratado de Madri, de 1750. Outras famílias indígenas foram conduzidas para o Rio Grande de São Pedro e organizadas na aldeia de São Nicolau às margens do Rio Pardo ou para a Aldeia dos Anjos, às margens do rio Gravataí. No entanto, algumas famílias acabaram ficando na região e se reorganizaram no espaço do povoado de São Luiz, e quando o Tratado de Madri foi

anulado pelo Tratado de El Pardo, de 1761, a comunidade estava de certa forma reorganizada a ponto de seus guerreiros participarem das orlas comandadas pelo Gal e Governador de Buenos Aires por D. Bruno de Zavala, as quais ocuparam o Rio Grande de São Pedro em 1763, perdurando até 1777. Nesse período, a Corte de Espanha decidiu pela expulsão dos Jesuítas da América, em 1768, quando então esses padres missionários foram substituídos, em São Luiz Gonzaga, por autoridades espanholas e padres Franciscanos. Durante esse longo período de guerra (1763-1777) entre portugueses, espanhóis e indígenas pelas terras do atual Rio Grande do Sul, com certeza, os indígenas de São Luiz tiveram atuação decisiva e definitiva na constituição e efetivação dos conflitos, e lutavam lado a lado com as autoridades espanholas e os seus orientadores espirituais – os Franciscanos – e defendiam os seus interesses de posse pela terra que outrora ocupavam. Pode-se dizer que eles não só elaboraram e participaram desse processo, como foram os verdadeiros protagonistas dessa história. Porém, os conflitos foram dirimidos e encerrados através de um acordo diplomático entre as Cortes Ibéricas, na assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, que garantiu a posse definitiva das terras de São Luiz, e por consequência da atual Pirapó para os indígenas, particularmente como território do Vice-Reinado do Rio da Prata, criado em 1776, cuja sede era Buenos Aires. Aos poucos, o território das Missões Orientais começava a ser reconstruído, após a catarse de décadas de depredação (1750-1777). Nesse período de muitos conflitos e guerras, o sangue dos indígenas marcou essa terra, que finalmente tinha dono.

Porém, os portugueses, insaciáveis na sua ânsia de conquistar, dominar e se assenhorear das terras que diziam lhes pertencer, não pararam e pouco se orientaram pelo que estimulava Santo Ildefonso; continuaram se expandindo de leste para oeste e expropriando os territórios hispânicos da banda oriental do rio Uruguai. No período que vai de 1780 até 1801, os portugueses avançaram por áreas da bacia do rio Jacuí e espalhavam as suas sesmarias e se apropriavam do gado das estâncias missioneiras. Ocorreram os processos expropriativos da terra, iniciados com a ocupação das estâncias missioneiras e percorridos pela ação dos estancieiros rio-grandenses, que conquistaram o território em 1801, quando foram organizadas pequenas tropas de milicianos que realizaram os primeiros ataques à região das Missões e não pouparam seus habitantes e propriedades. Nesse evento, destacou-se o militar, major de milícias e estancieiro Manuel dos Santos Pedroso

[Maneco Pedroso], com sua tropa de 30 homens armados, e o comerciante e contrabandista José Francisco Borges do Canto e com seus 15 homens armados. Nesse processo de conquista do território, decorreu a progressiva doação de sesmarias pelo governo português nos primórdios do século 19. Esse processo contou com ações de indígenas, africanos e afro-brasileiros, pequenos lavradores, acompanhados pela destruição do patrimônio de cultura material existente, transformado em ruínas – as ruínas das Missões Orientais do Uruguai. De acordo com Pesavento:

Com a conquista das Missões Orientais, em 1801, por Manuel dos Santos Pedroso (um estancieiro/soldado) e José Borges do Canto (desertor dos Dragões e contrabandista), com o beneplácito das autoridades portuguesas, o Rio Grande do Sul conquistou sua fronteira oeste. As Missões, que se achavam em decadência sob a administração espanhola leiga, transformaram-se em nova área para expansão das sesmarias. (PESAVENTO, 2002, p. 23).

Iniciou-se o desenvolvimento da atividade agrícola e pecuária, alcançando um momento de progresso que culminou com a emancipação política de São Luiz Gonzaga, em 1880.

No período republicano, a maior figura política para região foi o Senador Pinheiro Machado, cuja família residia no município de São Luiz Gonzaga, este trouxe melhorias na infra-estrutura são-luizense, como: a ponte que liga São Luiz as terras de São Borja e o início da construção da estrada de ferro.

É importante destacar, para o decorrer da pesquisa, o registro da chegada da unidade do Exército Brasileiro, regimento transferido para São Luiz Gonzaga em 08 de junho de 1905, com a denominação de “5º Regimento de Cavalaria Ligeira” sob o comando do Ten. Cel. João Inácio Alves Teixeira. Em 1920, teve sua designação mudada para 3º Regimento de Cavalaria Intendente (3º RI), se instalando na atual dependência em oito de junho de 1924. A partir do ano de 1974, recebe a denominação de “4º Regimento de Cavalaria Blindada”.

No transcorrer do século XX, São Luiz teve a implementação de indústrias e comércio, sendo ainda forte a economia pecuária e agrícola. Veja, no mapa da figura 5, as localidades onde Artur residiu.

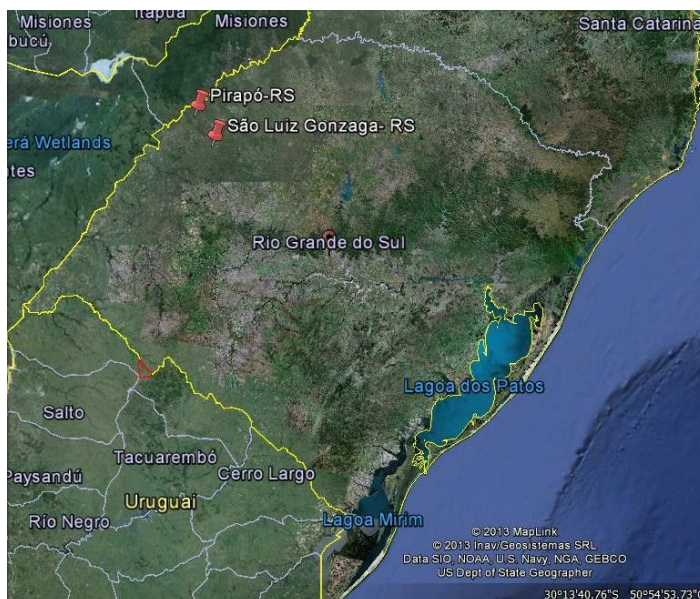


Figura 5: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Pirapó e São Luiz Gonzaga.
Fonte: Google Earth

Apesar de todo este histórico missioneiro nos lugares de vivência de Artur, ele não se identifica como missioneiro, e sim como um gaúcho, talvez por sua infância nos campos, seguindo a vida de seu pai que também cuidava do gado como capataz de estância, como mostra Schmitz (2011) em sua dissertação:

Nesse período, seu pai era gerente de uma estância, com ele havia aprendido a lida campeira e o cultivo de produtos agrícolas. Quando casou, continuou morando no mesmo local com seus pais e irmãos. Quando seu pai foi morar no interior da cidade de Porto Xavier, indo atrás de uma oportunidade melhor, Artur passou a trabalhar como peão de estância para o antigo patrão de seu pai. Como era muito bom peão e tinha influência sobre os demais, foi conduzido ao posto de capataz (gerente) da estância, tendo com isso uma boa melhoria em seu ganho financeiro. (SHMITZ, 2011, p. 55)

Artur não tem um sentimento de pertencimento ao passado “glorioso” missioneiro, ou seja, não reconhece o patrimônio cultural missioneiro como seu. Para Prats (2008), o patrimônio cultural é invenção e construção social, invenção pela capacidade de gerar discurso sobre a realidade e construção social através dos processos de legitimação, de assimilação social dos discursos.

Na vida social de Artur, estava muito mais presente a assimilação de um gaúcho que cria o gado, do que a de um passado missioneiro. Essa ideia vem de muitos dizeres que reforçam o conceito de que gaúcho é aquele que cria o gado. Segundo Fagundes (1995, p.96.), “o gaúcho deve ser percebido como alguém que

cria o gado em regime extensivo e que trabalha a cavalo. Ou como alguém que trabalha para quem cria o gado”.

Essa vivência ficou impregnada no seu imaginário e, assim, se constituiu uma imagem de si mesmo como a identidade de ser gaúcho, diz Pesavento:

Esse é, por assim dizer, um processo constituído historicamente: o da elaboração ,em cada sociedade, de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva. A isso dá-se o nome de imaginário social, através do qual as sociedades definem a sua identidade e atribuem sentido e significado às práticas sociais (PESAVENTO,1993, p. 383).

Tal identidade talvez possa ser explicada, ainda, pelo seu espírito militar de defesa de sua pátria, com o orgulho de ser gaúcho, por ser filho de uma terra de lutas, que ocorrem desde a sua constituição como estado brasileiro ou, até antes, nessa região das Missões, afinal é uma região de fronteiras, onde as disputas pela terra eram frequentes, desencadeando, assim, em nos habitantes esse espírito guerreiro. Como disse o positivista Jorge Sallis Goulart, na década de 1920, quando se refere à figura do gaúcho primitivo, formador do Rio Grande, associando guerra e bravura com nacionalidade:

O espírito militar é um sentimento de fundo eminentemente associativo. A camaradagem, a fraternidade, o gosto de afrontar o comum, a hora de morrer pelo bem de todos e pela integridade da terra dão bem depressa ao indivíduo a concepção dessa entidade espiritual que é a Pátria, e que ele se acostuma a considerar como o conjunto de todos aqueles que falam a mesma língua, que concebem os mesmos desejos, que lutam pelos mesmos princípios, que defendem o mesmo canto de terra. E o homem, então, numa síntese admirável, chega a viver por uma ideia, uma abstração, um símbolo que é a razão de ser da sua existência e da dos seus cidadãos. (GOULART, 1978, p.76).

Essa identidade nacional e/ou regional constrói-se por meio de um processo histórico e, como cita Padoin (1999), “um homem soldado foi fruto da contingência histórica do Rio Grande do Sul num espaço fronteiro, influenciando na formação da mentalidade, do imaginário do homem da campanha”. A origem dos gaúchos se confunde com a formação da fronteira sul do País, num período de lutas e entreveros, de atos heróicos e homens rudes e valentes. O discurso e a imagem da origem do gaúcho como uma raça de heróis leva muitos a quererem descender dessa visão.

Podemos dizer aqui que o senhor Artur se considera um gaúcho e brasileiro que lutou pelo país, ou seja, é o regional inserido no nacional e esse processo de

nacionalismo entre as regiões brasileiras começa a ocorrer justamente na década de nascimento de Artur, nos anos de 1920, numa busca de projetar o Rio Grande do Sul no país, principalmente no meio político, culminando com Getúlio Vargas no Poder. Ele se pensa uma figura regional (gaúcho e maragato) inserido num quadro nacional (ex-soldado e participante de uma luta em defesa da nação – ou da Pátria, como diz o personagem – que, de alguma maneira, precisa continuar). Não podemos esquecer que Artur se auto-intitula um “guerreiro”. Quer continuar se pensando guerreiro – uma construção que interessa a cidade de São Luiz e ao Exército também.

A colonização tardia e a questão de fronteiras indefinidas, juntamente com as guerras contínuas contra castelhanos, índios e paraguaios iam configurando o tipo humano audacioso e guerreiro. O Rio Grande do Sul era visto como defensor da pátria desde os tempos de colônia, e mesmo após o império e a república.

Navarro, em seu livro *História no Plural*, fala sobre o imaginário de formar identidades. Segundo a autora, “o imaginário que aflora nos mais diferentes tipos de discurso é um forjador de sentimentos, de identidades...”. (SWAIN, 1993, p. 48).

Quando se fala em identidade, é no sentido superficial, no de imagem de si, para si e para os outros. A imagem que a pessoas adquirem de si mesmas, ao longo de suas vidas, é a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si próprio, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida pelos outros.

Exposto o referencial teórico, cabe ressaltar que esta dissertação não tem como objetivo tratar da condução da política externa ou da participação militar do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, para efeito de contextualização, torna-se necessário apresentar algumas das principais decisões tomadas em nível de mundo e pelo governo brasileiro no cenário internacional durante a guerra – inclusive o envio de tropas para lutar na Itália.

1.1 Contextualizando a Segunda Guerra Mundial

Abordaremos inicialmente o período anterior a Segunda Grande Guerra, marcado por problemas econômicos, políticos e sociais no mundo inteiro. Estes problemas trouxeram crises maiores ainda, como a radicalização política, o comunismo, os regimes totalitários, o fascismo¹⁰ e o nazismo¹¹. Para alguns regimes

¹⁰ Regime político de caráter totalitário que surge na Europa no entre - guerras (1919-1939). Originalmente é empregado para denominar o regime político implantado na Itália por Benito

totalitários, as soluções para os problemas não passavam necessariamente por um processo pacífico e sim por um processo bélico e de expansão territorial, aspirando à dominação mundial.

Os Estados Unidos da América, na década de 1920, destacava-se como um dos grandes produtores agrícolas e de manufaturados, garantindo uma economia rica e forte. De importador de produtos manufaturados, antes da Primeira Guerra Mundial, passaram a exportador de bens de consumo para o mundo inteiro. A substituição das importações e as exportações trouxeram, aos americanos, prosperidade e a sua industrialização, o tornando hoje uma potência mundial.

Os países europeus, antes em conflito na Primeira Guerra Mundial, voltam a produzir seus produtos manufaturados, na tentativa de recuperar mercados consumidores, dando origem a uma concorrência forte, baixando os preços dos produtos, gerando estoques imensos de excedentes. Os capitalistas estadunidenses, incomodados, desesperados, começaram a estocar grandes quantidades de produtos a altos custos; além disso, especulavam na Bolsa de Valores de Nova Iorque, comprando ações, endividavam-se nos bancos, tentando valorizar as empresas e superar a crise da superprodução e do pequeno consumo mundial. Mas a questão econômica não teve solução e a crise mundial de 1929 instalou-se de forma violenta, quebrando a bolsa de valores de Nova Iorque, empresas, indústrias, bancos; todos faliram: reduziu-se a produção, aumentou o desemprego e rebaixou-se salários; foi a pior depressão econômica da história dos Estados Unidos da América.

A crise mundial atingiu o mundo capitalista, principalmente os relacionados aos americanos, havendo falências pelo mundo afora. O Brasil foi afetado pela crise mundial, pois o café, que era o nosso principal produto de exportação, significava mais de 70% das nossas exportações e era praticamente todo exportado aos Estados Unidos, exportação que, devido à crise, foi reduzida drasticamente.

Mussolini entre 1919 e 1943. Suas principais características são o nacionalismo, que tem a nação como forma suprema de desenvolvimento, e o corporativismo, em que os sindicatos patronais e trabalhistas são os mediadores das relações trabalhistas, assim como o nazismo, adquiriram mais força com a crise do capitalismo.

¹¹ O nazismo, é a ideologia praticada pelo Partido Nazista da Alemanha, formulada por Adolf Hitler, e adotada pelo governo da Alemanha de 1933 a 1945, e esse período ficou conhecido como Alemanha Nazista ou Terceiro Reich. Esse regime, a exemplo do fascismo, tomou espaço como uma forma de defesa a Grande Depressão ocorrida a partir da crise de 1929 nos Estados Unidos da América que influenciou a política capitalista por todo o mundo.

Franklin Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, em 1933, intervém na economia, adotando um plano econômico chamado “New Deal”, visando recuperar a economia e a esperança de um povo falido; cria frentes de trabalho público, reativa o mercado interno, diminui o desemprego e a miséria. Esta política permitiu uma recuperação lenta da economia americana.

Na Europa, parece que a paz estava assegurada, mas a economia europeia sofria crises financeiras, sociais e políticas. Era preciso fazer a reconstrução do parque industrial, das moradias, da produção agrícola, de escolas e de hospitais. O dinheiro era pouco para todos os compromissos pós-guerra, gerando inflação e o descontentamento da população. Outro problema surgiu das colônias que percebendo o enfraquecimento europeu, começaram a lutar por sua independência, aumentando as dificuldades financeiras dos europeus.

Na Itália, surgia o fascismo, liderado por Benito Mussolini, pregando que a união fortalece o grupo, a nação. Aproveitando-se da crise de governo italiana, Mussolini, com seus 30.000 camisas negras¹², na marcha sobre Roma, toma o poder e implanta o totalitarismo, baseado no nacionalismo, defendendo o militarismo como forma de alcançar a expansão territorial como política de estado; para isso, controlou a política com o partido único, retirou a liberdade de imprensa e sindical. Desenvolveu o sentimento patriótico e da disciplina.

A Alemanha pouco ou nada tinha para reconstruir após a Primeira Guerra Mundial, mas pesava e muito as condições econômicas impostas pelo Tratado de Versalhes¹³. Alguns problemas enfrentados pelos alemães, como o desemprego, a inflação alta, a violência, o descontentamento da população com críticas duras ao Tratado de Versalhes. Diante da crise alemã, surge o Partido Nacional-Socialista dos trabalhadores Alemães, liderado por Adolf Hitler, que a exemplo do fascismo defendia o nacionalismo como solução para a crise. A situação da Alemanha piorava, a produção diminuía, aumentava o desemprego, e ocorria um aumento estrondoso da inflação. Os nazistas tentam tomar o poder com um golpe; derrotados, Hitler foi preso. Mais tarde, livre e com apoio dos empresários, em 1930, vence as eleições e é nomeado Chanceler: estava no poder.

¹² Milícia Militar para a Segurança Nacional Italiana que, devido à cor do seu uniforme, levou seus integrantes a ser conhecidos como camisas negras.

¹³ Foi um tratado de paz adotado pelos países envolvidos na Primeira Guerra Mundial, onde o principal aspecto era responsabilizar a Alemanha por todas as responsabilidades da guerra, impondo restrições ao país.

Adolf Hitler fechou o Partido Comunista, criou uma polícia chamada Gestapo - que era uma espécie de polícia secreta de estado, tomou medidas que restringiam as liberdades constitucionais dos alemães, intervindo na economia, começou a produzir armas, aumentou a produção industrial. Defendia a política fascista do totalitarismo, do militarismo, do controle total do estado, e do expansionismo alemão como solução dos problemas de falta de mercados consumidores e fontes de matérias-primas para a indústria.

Em 1938, Hitler invadiu a Áustria alegando necessidade de espaço vital e a integração de populações alemãs, que eram a maioria neste país; a população austríaca, de certa forma apoiou a invasão. Esta anexação foi reconhecida pela Inglaterra e França na Conferência de Munique. Em 1939, usando dos mesmos argumentos, tomou toda a Tchecoslováquia. A reação do mundo político foi pequeno, parecendo que tinham a seguinte leitura; não há um problema: “eles, que são os alemães, que se entendam”.

O Japão, do outro lado do mundo, estava em conflito com a China e em 1937 invadiu aquele país tomando suas planícies ricas, como consequência de sua política expansionista, que teve o apoio de Hitler. Em 1941, o Japão decidiu participar da guerra, formando o eixo Roma-Berlim-Tóquio.

A URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) passava por transformações econômicas, políticas e sociais, em processo de implantação do comunismo, e que, durante o processo, sofreu um viés, liderado por Stálin, de coletivismo estatal, desviando-se assim do socialismo ideal. A tradição soviética de conquista de territórios novos com guerras não arrefeceu com o socialismo; Stálin negocia secretamente com Hitler a partilha da Polônia pós-guerra, em cima de um pacto de não-agressão mútua (1939). Mas este pacto não impediu a invasão de Hitler a URSS em 1941.

O palco da guerra estava pronto. A guerra é iminente. As causas econômicas, políticas e sociais impulsionam os fatos na direção do conflito mundial. As indústrias bélicas produzem grande quantidade de armamentos; as nações militarizaram-se, os ditadores do eixo (Roma-Berlim-Tóquio) direcionam sua propaganda para um rumo sem volta, o expansionismo e a dominação do mundo.

A Alemanha dá os primeiros passos, anexando duas nações importantes (Áustria e Tchecoslováquia), fortalecendo-se como nação poderosa, com mais soldados, armas e infra-estrutura geral. O mundo aceitou estas anexações. Hitler

ganha força e sonha anexar a Polônia, nação com uma grande parte da população alemã. Quer o apoio dos poloneses, como aconteceu com os austríacos, tchecos e eslovacos, mas a Polônia tem história, tem soberania; além disso, havia a promessa da França e da Inglaterra em ajudá-la a defendê-la das garras do nazismo; portanto, os poloneses não aceitaram ser anexados por Hitler e preparam seus exércitos para se defender.

A Segunda Guerra Mundial iniciava às duas horas de primeiro de setembro; o Primeiro Regimento Montado da Wehrmacht foi um dos grupos despertados em seus bivaques pelo toque do clarim – algumas unidades alemãs e muitas polonesas, seguiram a cavalo para a batalha. Os esquadrões selaram, montaram e puseram-se em marcha até a linha de partida, ao lado de barulhentas colunas de blindados, caminhões e canhões. A ordem fora dada:

Retirar as coifas dos canhões! Carregar! Usar travas de segurança. Às 4h-40, os grandes canhões do velho couraçado alemão Schleswig-Holstein, ancorado no porto de Danzig para uma “visita de estreitamento de laços”, abriram fogo contra o forte polonês de Westerplatte. Uma hora depois, soldados alemães demoliram postes da fronteira ocidental, abrindo caminho para que as lideranças da força de invasão adentrassem na Polônia. (HASTINGS, 2012, p.18).

A Polônia gabava-se de ter o quarto maior exército da Europa e acreditava na possibilidade de repelir as forças nazistas de seu território; apostaram muito, mas o armamento polonês estava obsoleto e a “vulnerabilidade das defesas polonesas era óbvia em toda a parte”. (HASTINGS, 2012, p.18).

O alto comando da França tinha insistido que os poloneses concentrassem suas forças atrás de três grandes rios no centro do país, mas o governo de Varsóvia achou mais importante defender os 1.440 quilômetros de fronteira com a Alemanha, em boa parte porque a maior parte da indústria polonesa se localizava a oeste; com isso, algumas divisões ficaram responsáveis por fronts de 29 quilômetros, quando suas forças – cerca de quinze mil homens – mal davam conta de cinco ou seis quilômetros. O ataque alemão de três pontas – norte, sul e oeste – penetrou profundamente no país em face da resistência ineficiente, isolando bolsões de defensores. (HASTINGS, 2012, p.19).

A Polônia teve dificuldades de reconhecer a gravidade da guerra; enquanto isso, milhares de soldados e civis eram metralhados e bombardeados pelos alemães.

A França e a Inglaterra tinham dado garantias de apoio à Polônia e, dois dias depois de iniciada a invasão alemã, declararam guerra à Alemanha. Hitler nunca acreditou nas garantias dadas aos poloneses pelos franceses e ingleses, porque anteriormente, nas anexações da Áustria e da Tchecoslováquia, contou com a condescendência destes países; recuperou-se rapidamente deste choque inicial, avançando cada vez mais no território polonês. Na Polônia, a notícia das declarações de guerra da França e Inglaterra provocou uma onda de esperança: poloneses abraçavam-se nas ruas, vibravam e gritavam contra a agressão e a injustiça. Após cinco dias, franceses e ingleses pouco ou nada tinham feito na defesa da Polônia, pois não contavam com exércitos preparados para uma imediata ação. Os poloneses logo perceberam que estavam sozinhos em sua agonia.

A promessa de apoio franco-anglo não se concretizava e, para piorar a situação dos poloneses, a União Soviética deflagrou uma invasão na Polônia para garantir a sua parte na divisão territorial com a Alemanha. Hitler concorda com a anexação da Polônia Oriental pelos russos. Acreditava que esta intervenção dos soviéticos poderia lhe favorecer, levando os Aliados a declarar guerra também aos russos. Houve debates, discursos de repúdio contra Stálin, mas a declaração de guerra não ocorreu.

Ao final de três semanas de guerra, quase não havia mais resistência polonesa; a capital, já dominada pelos alemães, tremia a todo momento com as bombas que destruíam impiedosamente o que ainda restava inteiro. O governo e o exército polonês sentiram-se traídos pelos Aliados Ocidentais, pois não houve a intenção de apoiar a Polônia com armas e militares.

Após 28 dias de combate, Varsóvia capitulou. O exército polonês aos poucos vai rendendo-se. Hitler anexou a Polônia Ocidental.

A Polônia tornou-se o único país ocupado por Hitler onde não houve colaboração entre conquistadores e conquistados. Os nazistas classificaram os poloneses como escravos e receberam, em troca, um ódio implacável (HASTINGS, 2012, p.37).

Mas a paz estava longe de ser conquistada ou acordada. Neste momento, pós- Polônia anexada, de poucas batalhas, indefinições ocorrem pelos dois lados desta guerra; aliados desanimados e pouco preparados, sem querer investir em guerra, sem convicções, com muitas ressalvas quanto à perspectiva de uma guerra,

sem objetivos militares convincentes, levam muitos políticos britânicos e franceses a desejar “uma paz arranjada com Hitler, desde que ele aceitasse ter alguma moderação em suas ambições territoriais, para manter as aparências”. (HASTINGS, 2012, p.41).

A Alemanha convivia com crises econômicas, devido à falta de matérias-primas; quando em guerra, faltava mão-de-obra; diante dessas dificuldades, é notável que Hitler retivesse seu domínio psicológico do conflito. Sua grande vantagem era que os Aliados, por questão de princípio, haviam assumido o compromisso de enfrentar e de derrotar o nazismo, mesmo sem ter o apetite para as iniciativas sangrentas e os sacrifícios humanos necessários. Assim, Hitler estava livre para seguir seus próprios caprichos.

Stálin percebia, neste conflito, mais uma oportunidade para expansão territorial; pensando reforçar a posição estratégica da União Soviética, invadiu a Finlândia, em novembro de 1939. Apesar da resistência do fraco e pequeno exército finlandês, estimulados com a possibilidade do apoio prometido pela Inglaterra e pela França, que nunca se concretizou, a resistência causou muitas baixas aos russos, tornando cara a conquista e escancarando as deficiências do exército da União Soviética.

Os países pequenos da Europa faziam o possível para não se envolver na guerra. Muitos evitavam associar-se com a Alemanha, o que exigia a aceitação da hegemonia de Hitler, mas mesmo aqueles que favoreciam os objetivos das democracias hesitavam em se juntar a elas no estado de beligerância. A experiência histórica ensinava que estariam expostos aos horrores da guerra em troca de pouca vantagem: o destino da Polônia e da Finlândia ressaltava a incapacidade dos Aliados de protegerem as vítimas escolhidas pelo ditador. (HASTINGS, 2012, p.57).

Em nove de abril de 1940, a marinha alemã invade a Noruega, que, despreparada para a Guerra, não fez resistência efetiva, mas com o apoio dos Aliados principalmente ingleses, os combates se estenderam um pouco mais de um mês até a sua rendição. Apesar de os alemães sofrerem baixas pesadas na guerra contra a Noruega, a conquista, por outro lado, garantiu a Hitler bases navais e aéreas importantes para posterior invasão da União Soviética.

A França, Holanda e Bélgica, no dia 10 de maio, sofrem o primeiro ataque alemão. As defesas da Holanda e da Bélgica não resistiram por muito tempo e foram esmagadas. A França, indecisa e mal preparada para uma guerra em grandes

proporções, é uma presa fácil para o exército alemão, que avança sem resistência efetiva:

Durante os dois primeiros dias da campanha, o alto-comando francês não percebeu os perigos: uma testemunha descreveu a postura de Gamelin como positivamente confiante, “andando para cima e para baixo pelo corredor de seu forte, com ar satisfeito e marcial”. (HASTINGS, 2012, p.69).

Os ataques dos alemães contra o exército francês foram de grandes proporções: usando mais de mil aviões, arrasou o II Exército francês no rio Meuse. A resposta francesa foi lenta e de uma ineficiência absurda. As notícias que chegavam ao alto-comando francês eram desesperadoras; as formações do exército francês caíam uma após outra; os soldados franceses fugiam do campo de batalha. Algumas unidades francesas realizaram ataques vigorosos e bem-sucedidos, mas pouco ou nada adiantou na contenção do forte exército alemão. “Oito milhões de franceses abandonaram suas casas no mês que se seguiu ao início do ataque alemão, a maior massa migratória da história da Europa Ocidental”. (HASTINGS, 2012, p.73)

A Bélgica assina a rendição em 28 de maio de 1940. A França continuou resistindo, carcomida passo a passo pelos alemães; em 29 de maio, piorando a situação francesa, acontece a evacuação de Dunquerque, mais um desastre militar protagonizado pelos britânicos, acusados de trair seus aliados. Em junho, o exército francês, um pouco melhor organizado, imputou muitas baixas ao exército alemão, mas as últimas barreiras do exército francês foram rompidas e, no dia 14 de Junho de 1940, houve a queda da capital, Paris. Três dias após a queda da capital, a França capitula.

Nos anos que se seguiram ao desastre de 1940, o exército alemão demonstrou repetidamente sua superioridade institucional sobre os Aliados Ocidentais, que só se impunham no campo de batalha quando tinham superioridade substancial em homens, tanques e apoio aéreo. (HASTINGS, 2012, p.87).

O destaque do exército alemão era a energia dinâmica de seus oficiais, inspiração oportunista e a sua rapidez na movimentação.

A União Soviética de Stálin observava atentamente o desenrolar da Guerra entre os países ocidentais, acreditando na destruição e no enfraquecimento dos mesmos; para ganhar vantagens, reforçou e armou seu exército. Aproveitou-se do

caos do momento para ampliar suas vantagens territoriais, anexando os países bálticos e tomando parte da Romênia.

Em 10 de junho, a Itália entra na guerra, ao lado da Alemanha. Benito Mussolini temia Hitler e não simpatizava com os alemães, mas foi incapaz de resistir a tentação de garantir vantagens territoriais na Europa e na África. Mussolini não queria a guerra, mas queria recompensas com um mínimo de derramamento de sangue; acreditava na paz logo, mas antes esperava demonstrar alguma contribuição; queria ver a Inglaterra esmagada por Hitler, mas contava com altas baixas alemãs; queria Hitler vencedor, mas não todo poderoso. Todos os seus projetos sucumbiram de modo penoso e ridículo.

A Inglaterra preparava-se para a guerra iminente; o Primeiro Ministro Britânico chamava o povo para cumprir com o seu dever, defender a democracia e a soberania. Hitler acreditava, devidos aos seus triunfos, que seria fácil vencer os britânicos; bastava uma ação dos aviões bombardeiros e o armistício seria assinado. A perspectiva de invasão da Grã-Bretanha era descartada por Churchill, devido aos alemães não terem barcos de desembarque e de escoltas para proteger um exército através do canal contra o poderio da frota da Inglaterra.

Em julho de 1940, começou o ataque aéreo contra a Inglaterra. Esta batalha favoreceu aos britânicos, pois suas armas de defesa eram bem equipadas, com sofisticadas redes de radares, observadores terrestres e radiotelefonia no mundo.

Se o equipamento e o desempenho do exército britânico foram insatisfatórios durante toda a guerra, o país de Churchill superou, em muito, a Alemanha na aplicação da ciência e tecnologia: a mobilização dos melhores cérebros civis e sua integração ao esforço de guerra, nos mais altos níveis, foram uma brilhante façanha britânica. A RAF havia desenvolvido um notável sistema de defesa, enquanto seus adversários não tinham qualquer sistema de ataque confiável. (HASTINGS, 2012, p.95).

Os alemães combateram a Inglaterra com incompetência, arrogância e ignorância, mas tinham duas vantagens: a primeira, era que tinham um número maior de bombardeiros; e a segunda era que seus pilotos eram mais experientes, pois eram veteranos em combate.

Em agosto de 1940, ocorreram os maiores combates aéreos dos alemães contra a Inglaterra, perfazendo milhares de incursões sobre os britânicos. Ambas as forças aéreas acreditavam na grande destruição da outra, mas a falha da inteligência alemã foi mais séria, pois, divulgava que estavam vencendo a guerra,

enquanto as baixas de aeronaves eram grandes; os britânicos levavam sempre vantagens, infringindo-lhes perdas intoleráveis.

O povo da Grã-Bretanha suportou a provação com alguma bravura. Aqueles que não viviam em conturbações foram poupados dos ataques da Luftwaffe, mas o medo de uma invasão era quase universal (HASTINGS, 2012, p.104).

Os ataques da força aérea alemã continuaram até maio de 1941, infringindo muitos danos às cidades britânicas e minando profundamente o espírito das milhões de pessoas que passaram noites inteiras em abrigos com suas famílias e com muito medo. Além da destruição de prédios, indústrias, igrejas, casas, os bombardeios trouxeram miséria e a sordidez impostas.

Hitler não tinha vencido os britânicos após tantos combates aéreos, pois estava convencido de que ao derrotar a União Soviética, seria inevitável a capitulação da Inglaterra. Então decidiu atacar a União Soviética, baseado em três razões:

Em primeiro lugar, ele queria realizar sua ambição de erradicar o bolchevismo e criar um império alemão no leste; em segundo lugar, parecia prudente eliminar a ameaça soviética antes de voltar-se novamente para oeste e para um acordo final com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos; em terceiro lugar, Hitler identificava argumentos econômicos. (HASTINGS, 2012, p. 113).

Os alemães importavam muita matéria-prima e outras mercadorias da União Soviética, criando um nível de dependência intolerável.

Benito Mussolini tinha o desejo de conquistar territórios, então lançou ofensivas que iniciaram os conflitos no Mediterrâneo, mas seu preparo para a guerra era precário e sem efetividade. Seus comandantes eram incompetentes, seus soldados eram despreparados e suas armas obsoletas. Além disso, a Itália era pobre e com pequeno poder de reação. Em 1940, o governo fascista de Mussolini estava impaciente, obcecado para conseguir algum êxito italiano que justificasse uma fatia das conquistas do Eixo, pois acreditava que estas conquistas seriam necessárias para enobrecer o fascismo e fortalecer o espírito de seu povo.

A maioria dos países do Oriente Médio era a favor do Eixo, porque acreditavam que seriam apoiados na luta pela independência contra os britânicos.

No verão de 1940, o exército italiano teve grandes conquistas sobre os países árabes; às aspirações aumentavam e quiseram conquistar o Canal de Suez dos britânicos.

Mas as operações de Mussolini eram prejudicadas por sua confusão de meios e objetivos: na Itália, ele desmobilizou parte do exército para trabalhar na colheita. Ignorando o princípio vital da concentração de força, preparou-se para invadir a Iugoslávia e a Grécia. (HASTINGS, 2012, p. 122).

O governo italiano tinha a ambição de ampliar seu império africano, mesmo que totalmente incompatíveis com as aspirações dos povos locais. No início, Mussolini recusou ajuda do exército alemão, que poderiam ter sido decisivas na conquista do Norte da África, por querer manter os alemães fora de sua esfera de influência. O exército italiano, sem políticas claras e poucas estratégias, perdeu progressivamente metade da sua força aérea, seus tanques e a credibilidade militar. As defesas italianas desmoronaram com velocidade impressionante. Para não perder tudo o que tinha conquistado o exército italiano foi socorrido pelo exército alemão em Trípoli. Mesmo assim, em outubro de 1940, a Itália invade a Grécia. Os italianos acreditavam em facilidades na invasão à Grécia, calculavam que bastaria apenas um bombardeio simbólico para que ocorresse a capitulação de Atenas. Mas os gregos repeliram, com todas as forças possíveis, a invasão italiana e suas forças avançaram contra a Albânia com a intenção de atacar a Itália. “O moral do povo italiano caía conforme se tornava claro que as ambições de seu líder haviam sido frustradas de forma humilhante e que, em consequência, os italianos precisariam curvar-se à hegemonia alemã no Mediterrâneo”. (HASTINGS, 2012, p. 131). Esta hegemonia alemã se dava na dominação da Romênia, na Iugoslávia, na Grécia. Os gregos especulavam a possibilidade de apoiar o Eixo para se libertar dos britânicos, mas, após a invasão do exército italiano, o jogo virou até a nova invasão alemã.

Os alemães invadem a União Soviética no dia 22 de Junho de 1941, do Báltico ao mar Negro, numa frente de 1.400 quilômetros, esmagando as defesas russas de forma devastadora. Esta invasão foi no momento decisivo da guerra, pois era o objetivo mais ambicioso de sua história – criar um novo império no leste. Este objetivo se concretizava na destruição do bolchevismo – que, como um fantasma, pairava ameaçadoramente sobre o ocidente - e a escravização da vasta população russa com apropriação dos enormes recursos naturais.

Stalin acreditava que, numa guerra contra os alemães, quando quisesse, poderia atacar a retaguarda de Hitler para garantir concessões territoriais por parte dos aliados. Atacados de surpresa, pois esperavam a guerra para mais tarde ou no próximo ano, ainda despreparados, pouca resistência ofereceram ao exército alemão. Mas a operação Barbarossa subestimou a capacidade militar e industrial dos russos, evidenciando a pouca preocupação com as grandes extensões do território do inimigo e o pouco apoio logístico para uma campanha prolongada.

Barbarossa foi, portanto, não apenas uma operação militar, mas um programa econômico calculado para provocar a morte de dezenas de milhões de pessoas, objetivo parcialmente alcançado. Alguns generais protestaram contra ordens que exigiam de seus homens a participação no assassinato sistemático de comissários soviéticos, enquanto muitos outros puseram em dúvida a estratégia invasora de Hitler. (HASTINGS, 2012, p. 155)

O Exército Vermelho conseguiu fazer uma forte resistência ao sul. Nas outras regiões russas, a brutalidade dos invasores revelou-se rapidamente. Prisioneiros russos eram enjaulados para morrer. Faltavam alimentos de todos os tipos, e os russos, aos milhões, morriam de inanição. Alguns chegaram ao extremo de recorrer ao canibalismo para sobreviver. O exército inimigo queria conquistar o máximo em terras, mas sem russos. Os soviéticos, por sua vez, não o faziam diferente, e também eliminavam seus prisioneiros: era a cultura do massacre. Durante a guerra, milhares de cidadãos e soldados desertores foram fuzilados por suposta covardia. Faltava, ao exército russo, comandantes preparados, armas, roupas, botas. Os cidadãos russos apresentavam-se para a guerra feridos; na verdade, auto-mutilavam-se para não ir à guerra e quando descobertos pelos chefes, eram fuzilados.

Em junho de 1941, inicia o movimento guerrilheiro, que adquiriu importância estratégica na União Soviética, atacando a retaguarda alemã e interrompendo linhas de comunicação, carregamentos de provisões e de armas. “O atordoamento inicial do povo russo após a invasão foi rapidamente suplantado pelo ódio aos invasores” (HASTINGS, 2012, p. 170). A União Soviética foi salva da derrota completa principalmente pela sua grande extensão territorial e parte por seus exércitos persistentes.

Mas os alemães queriam tomar Moscou, e, para isso, recrutou-se todo o Exército com o fim de invadir a capital russa. O inverno chegou, a neve caiu, tudo

quase parou; os carros de combate atolaram ou congelaram; as armas congeladas não funcionavam, os soldados passavam fome e frio, quase congelando também. Os russos, acostumados com o frio congelante, tinham agora um grande aliado e mantinham uma luta ferrenha. O exército alemão sofreu com o frio, com a falta de comandantes, com a destruição dos carros de combate, com a falta de preparo para o inverno; com o desgaste de uma guerra prolongada; seu exército estava em estado deplorável. Inicia-se a derrocada do grande exército alemão.

Em 05 de dezembro os russos atacaram o exército alemão, surpreendendo-os com esmagadora violência; o impensável se tornou realidade: os alemães começam a sua retirada, cambaleantes, marcados por cadáveres por toda parte, carcaça de viaturas abandonadas; Hitler, obstinado, exigia uma resistência impossível, até fanática. Após um mês, os alemães ainda resistiam com ferocidade, produzindo grandes baixas no exército russo. Os invasores recuaram mais de 200 quilômetros; desta forma, Moscou estava a salvo. O Eixo concentrou o seu poder de fogo na cidade de Leningrado; as batalhas duraram mais de dois anos e custou aos russos mais vidas do que qualquer outra batalha da Segunda Guerra Mundial. Cercar a cidade foi a estratégia do Eixo; o objetivo do cerco era de cortar a alimentação dos habitantes e ganhar a guerra pela fome. O exército russo reagiu à invasão, e, apesar de muitas baixas, repeliu as forças alemães, impondo uma grande derrota ao exército inimigo.

O Japão, em guerra com a China desde 1937, teve o apoio alemão. Os Estados Unidos suspenderam o comércio, forçando o Japão a recuar da sua política expansionista. Continuando com sua proposta de guerra, os nipônicos decidem entrar na Segunda Guerra Mundial, ao lado da Alemanha e Itália, formando o Eixo Roma-Berlim-Tóquio, em 1941.

Os Estados Unidos até 1941 permaneciam quase que neutros na guerra, apenas colaborando com os ingleses e franceses, no fornecimento de material bélico e provisões de guerra. Mas, no dia sete de dezembro de 1941, os Estados Unidos sofrem um grande impacto: o ataque japonês à base naval de Pearl Harbour, no Havaí, o que empurrou os Estados Unidos a participar ativamente na Guerra Mundial, ao lado dos Aliados e contra o Eixo.

A partir de 1942, os aliados começaram a garantir inúmeras vitórias em várias frentes. O exército dos Estados Unidos ataca os japoneses, obrigando-os a recuar

no norte da África e ajudando os britânicos a vencer as forças alemãs, que dominavam o norte da África. Ainda neste ano, o Brasil declara guerra ao Eixo.

Em 1943, os aliados, juntamente com tropas norte-americanas, desembarcam na Itália; com apoio da metade do povo italiano, Mussolini é deposto e a Itália é o primeiro país do Eixo a se render em 1945.

Em 1944, os aliados fazem uma grande manobra militar, quando ocorreu o desembarque na Normandia, o famoso plano do “Dia D”, obrigando os alemães a abandonar Paris e assim libertando a França. Era a decadência da Alemanha: derrotados no “front” russo, suas fábricas produziam armas, mas não o suficiente, pois, faltavam recursos minerais, e seu país sofria as consequências dos bombardeios dos Aliados. Em maio de 1945, os Aliados chegam em Berlim; Hitler já havia se suicidado; o exército alemão se rendeu; havia um grande desgaste após 6 anos de batalhas e, no dia 08 de maio foi assinado o armistício.

Na Europa, a guerra havia terminado. A guerra entre Japão e Estados Unidos continuava na Ásia, o que durou até agosto de 1945, quando o presidente dos Estados Unidos tomou a decisão de jogar duas bombas atômicas contra duas cidades importantes japonesas: Hiroshima e Nagasaki. Em 15 de agosto de 1945, o Japão rendeu-se; é o fim oficial da Segunda Guerra Mundial.

1.1.1 Brasil no Conflito Armado

Fazer uma abordagem de como o Brasil foi conduzido ao conflito armado, principalmente, no cenário político do momento, se faz necessário para analisarmos o processo demorado de apoiar militarmente os países aliados.

Getúlio Vargas, por meio da chamada Revolução de 1930, é levado à presidência do Brasil, como evidencia Cotrim:

A vitória da Revolução de 1930 deu início a uma nova etapa de nossa história, que se estendeu até 1945. Essa etapa foi marcada pela liderança política do gaúcho Getúlio Vargas, sendo, por isso, conhecida como Era Vargas ou período getulista. (COTRIM, 1995, p.268)

O período de 1930 a 1945 foi dividido em três grandes fases; a primeira, de 1930 a 1934, foi chamada de Período ou Governo Provisório; após, ocorreu o Período ou Governo Constitucional (1934 a 1937) e, por fim, após ter derrubado a

Constituição declarou o Estado Novo (1937 a 1945). Sobre este último período faremos um relato mais abrangente, pois é onde o Brasil decide participar da guerra.

O Estado Novo ocorreu sobre grande alarde de uma ameaça comunista; alegando a existência de um plano comunista para a tomada do poder (Plano Cohen), Getúlio fechou o Congresso Nacional e impôs uma nova Constituição, conhecida como Polaca, pois foi inspirada na Constituição da Polônia (tendência fascista). Foi um período de ditadura na História do Brasil, alegando medidas necessárias para o desenvolvimento do País.

O nacionalismo e o patriotismo demonstrados pelo senhor Artur não deixam transparecer nas suas lembranças a verdadeira dimensão da perversidade dos regimes totalitários, porém, úteis ao Capitalismo Financeiro e Monopolista em crise, aliás, trata-se de um momento de crise internacional do Capitalismo, cuja queda da Bolsa de 1929 nada mais é do que um sintoma. Ora, se o senhor Artur não se percebia como missioneiro, também provavelmente sentia o problema gerado pela crise socioeconômica mundial, com um forte apelo de salvar a pátria, mas também não percebia os problemas inerentes que o levavam para a guerra. Assim, muito mais do que ir para a Guerra Mundial - algo inusitado na vida dele - era uma questão de crise social, econômica, política e de consciências.

Com a crise mundial de 1929, os Estados Unidos, principal comprador de nosso café (principal produto de exportação), diminuiu as importações, prejudicando a economia; buscando uma saída, o período do Estado Novo foi marcado pela expansão industrial e pelo crescimento das exportações, sendo a Guerra um dos fatores que colaboraram para isso.

Contrastando com a atividade agrícola, o setor industrial manteve-se em ascensão. O fator externo que mais colaborou para isso foi a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Durante esse período o comércio internacional se desorganizou, dificultando a importação de produtos industrializados. Seguindo o processo de substituição de importações, as indústrias nacionais diversificaram as atividades, para suprir as necessidades do mercado interno (COTRIM, 1995, p.281).

Vargas aproveitou a situação para fortalecer a economia nacional por meio da industrialização.

Na questão política, Vargas desde a tomada do poder, sempre seguiu a estreita de políticas totalitárias e ditatoriais. Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, se pôs em dúvida em relação a que lado o Brasil apoiaria. Tinha o ferro em

grande quantidade, que era uma matéria prima visada pelos dois lados da Guerra para fabricação e seus arsenais.

O Brasil, portanto, se mantém neutro. Através do Decreto-Lei nº 1.561, formulado logo após a declaração de guerra da Alemanha contra a Polônia, decreta regras de neutralidade. Veja a seguir os principais aspectos das regras da neutralidade brasileira:

- ✓ O Governo do Brasil abster-se-á de qualquer ato que, direta ou indiretamente, facilite, auxilie ou hostilize a ação dos beligerantes. Não permitirá, também, que os nacionais ou estrangeiros, residentes no país, pratiquem ato algum que possa ser considerado incompatível com os deveres de neutralidade do Brasil.
- ✓ No território do Brasil, compreendendo as águas interiores e as territoriais, com seus respectivos fundos fluvial, lacustre e marinho, e o espaço aéreo correspondente, não será tolerado ato algum dos beligerantes que possa ser tido como ofensivo da neutralidade brasileira.
- ✓ Não constitui infração da neutralidade a simples passagem por águas territoriais brasileiras de navio de guerra e presas dos beligerantes.
- ✓ É absolutamente interdito aos beligerantes fazer do litoral e das águas territoriais brasileiras bases de operações navais contra os adversários. É igualmente vedado aos beligerantes receber nos portos do Brasil gêneros vindos diretamente para eles em navios de qualquer nacionalidade.
- ✓ Os navios beligerantes admitidos em portos, baías ou ancoradouros brasileiros, permanecerão nos portos que lhes foram designados pelas autoridades locais, em perfeita tranquilidade e completa paz com todos os demais navios que ali estiverem, ainda que sejam de guerra, de outra potência beligerante.
- ✓ Todo ato de hostilidade, inclusive a captura e o exercício de direito de visita, praticada por navio ou aeronave beligerante, em águas territoriais brasileiras ou no espaço aéreo correspondente, constitui violação da neutralidade brasileira e ofende a soberania da nação. O Governo Federal pedirá ao governo beligerante a quem pertencer o navio ou a aeronave, além da satisfação pela ofensa recebida, as providências tendentes à anulação dos efeitos do abuso praticado ou a reparação do dano causado.
- ✓ As aeronaves militares dos beligerantes não terão autorização para voar sobre território brasileiro. As que penetrarem em zona sob a jurisdição brasileira serão, depois de conveniente intimação, obrigados a pousar em terra ou no mar. Os aparelhos serão retirados e desarmados, as tripulações serão internadas.
- ✓ As aeronaves não-militares dos beligerantes só poderão voar sobre o território e águas brasileiras mediante permissão das autoridades competentes. (SEITENFUS, 2000, p. 194).

Mantendo relações comerciais com a Alemanha e pensando que os Estados Unidos não passariam de uma participação material à Grã Bretanha, o “Brasil por várias vezes se alça no nível de seus importantes parceiros e não teme fazer um jogo duplo que lhe concede substanciais resultados”. (SEITENFUS, 2000, p. 281). Já após o ataque a Pearl Harbor, em setembro de 1941 nos Estados Unidos, pelos japoneses que em seguida se unem a Alemanha e Itália, o Brasil toma sua posição

definitiva na Conferência dos países americanos no Rio de Janeiro no mês de Janeiro de 1942. Na abertura do evento, Getúlio Vargas, em seu discurso, enfatiza que:

✓ desde 7 de setembro – data que constituirá um marco novo na vida das nossas comunidades, pois trouxe a guerra ao Continente Americano, assumimos uma posição decidida, coerente com a nossa tradicional política externa e fiel aos compromissos solenes, lembrados e reafirmados mais de uma vez nos últimos tempos. [A posição brasileira objetiva] defender, palmo a palmo, o próprio território contra quaisquer incursões e não permitir que possam as suas terras e águas servir de ponto de apoio para o assalto a Nações irmãs. Não mediremos sacrifícios para a defesa coletiva, faremos o que as circunstâncias reclamarem e nenhuma medida deixará de ser tomada a fim de evitar que, portas a dentro, inimigos ostensivos ou dissimulados se abriguem e venham a causar dano, ou pôr em perigo a segurança das Américas. (SEITENFUS, 2000, p. 290).

Apesar da ausência de unanimidade, a Conferência do Rio de Janeiro é um sucesso. Várias resoluções são adotadas. As primeiras são de natureza econômica e objetivam:

- ✓ aumentar as relações comerciais inter-americanas;
- ✓ desenvolver a produção de material estratégico;
- ✓ manter a segurança das vias de transporte no hemisfério;
- ✓ manter a organização econômica do hemisfério;
- ✓ romper as relações comerciais e financeiras com o Eixo;
- ✓ controlar as operações bancárias vinculadas ao Eixo;
- ✓ desenvolver os produtos de base;
- ✓ aumentar os investimentos mútuos. (SEITENFUS, 2000, p. 293).

É importante destacar o apoio mútuo entre os países americanos; Roosevelt (presidente dos Estados Unidos no período) destaca a importância da defesa entre si dos países americanos, mas, mesmo assim, Argentina e Chile se mantêm em neutralidade.

O Brasil, mesmo assumindo o lado de apoio aos aliados em 1942, ainda se distancia da guerra em seus aspectos físicos, embora alguns fatores colaborem para essa posição se modificar; o principal deles foi o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães e italianos. Confirmado o posicionamento do Brasil, Alemanha e a Itália, logo após o final da Conferência dos Chanceleres das Repúblicas Americanas do Rio de Janeiro, como represália, começaram a bombardear navios brasileiros no Oceano Atlântico. “Foi exatamente no momento em que essa campanha atingiu o seu vértice, com um milhão de toneladas de navios

torpedeados e afundados, mensalmente, que o Brasil entrou na guerra” (BRANCO, 1960, p. 54).

Primeiramente apenas navios mercantes foram afundados, o objetivo de impedir a navegação comercial; mas, logo após, foram afundados navios de transporte de passageiros, aumentando consideravelmente o número de vítimas. Evidentemente, isso provocou reações populares, exigindo uma resposta a esses ataques aos navios brasileiros com mortes de civis. Veja, na figura 6, a seguir, a relação de navios brasileiros afundados durante a Segunda Guerra Mundial.

56 Ten Cel MANOEL THOMAZ CASTELLO BRANCO

NAVIOS MERCANTES BRASILEIROS TORPEDEADOS DURANTE A II GRANDE GUERRA

N.º de identificação	NAVIOS	Data do Ataque	N.º de tripulantes	N.º de passageiros	Mortos ou desaparecidos		
					Tripulantes	Passageiros	Total
1	Cabedelo	14- 2-42	54	—	54	—	54
2	Buarque	16- 2-42	74	11	—	1	1
3	Olinda	18- 2-42	46	—	—	—	—
4	Arabutá	7- 3-42	51	—	1	—	1
5	Cairu	9- 3-42	75	14	47	6	53
6	Parnaíba	1- 5-42	72	—	7	—	7
7	Comandante Lira	18- 5-42	52	—	2	—	2
8	Gonçalves Dias	24- 5-42	52	—	6	—	6
9	Alegrete	7- 6-42	64	—	—	—	—
10	Pedrinhas	26- 6-42	48	—	—	—	—
11	Tamandaré	29- 7-42	52	—	4	—	4
12	Plave	28- 7-42	35	—	1	—	1
13	Barbacena	28- 7-42	61	1	6	—	6
14	Balpendi	15- 8-42	73	233	55	215	270
15	Araraquara	15- 8-42	74	68	66	65	131
16	Aníbal Benévolo	16- 8-42	71	83	67	83	150
17	Itagiba	17- 8-42	60	121	10	26	36
18	Arará	17- 8-42	35	—	20	—	20
19	Jaçra	19- 8-42	5	1	—	—	—
20	Osório	27- 9-42	39	—	5	—	5
21	Lages	27- 9-42	49	—	3	—	3
22	Antonico	28- 9-42	40	—	16	—	16
23	Pôrto Alegre	3-11-42	47	—	1	—	1
24	Apalóide	22-11-42	57	—	5	—	5
25	Brasíloide	18- 2-43	46	4	—	—	—
26	Afonso Pena	2- 3-43	89	153	33	92	125
27	Tutóia	30- 6-43	37	—	7	—	7
28	Pelotasloide	4- 7-43	42	—	5	—	5
29	Bagé	31- 7-43	107	27	20	8	28
30	Itapagé	26- 9-43	70	36	18	4	22
31	Campos	23-10-43	57	6	10	2	12
T O T A L			1 734	758	469	502	971

Para identificação dos locais onde se verificaram os torpedeamentos, associe este quadro ao esboço seguinte.

Figura 6: Navios Mercantes Brasileiros torpedeados durante a Segunda Guerra Mundial.
 Fonte: BRANCO, Manoel Thomaz Castello – Ten Cel; SILVA, Gen. V. Benício da. (Org.). **O Brasil na II Grande Guerra**. Editora: Biblioteca do Exército, 1960, p.56.

Sendo submarinos alemães os acusados pelos torpedos aos navios brasileiros, não há como negar a investida alemã como atos de guerra, que vão levar à participação efetiva do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a favor dos aliados.

A nova onda de ataques do Eixo contra navios brasileiros começa em 15 de agosto, com a ação do submarino alemão *U-507*, que atinge o navio *Baependi*, que cabotava entre o Sul e o Nordeste do Brasil. O *Baependi* transporta 73 tripulantes e 232 passageiros, entre os quais 141 militares destinados às casernas de Recife. Quando é atingido pelos torpedos do *U-507*, afunda rapidamente. Morrem 269 pessoas.

O ataque contra o *Baependi* marca uma nova etapa na escalada da marinha de guerra do Eixo contra os transportes marítimos brasileiros, pois, se, até o momento, os alvos foram exclusivamente os navios mercantes, a partir de 15 de agosto, o Eixo não hesita em atacar navios de passageiros. No mesmo dia e em condições semelhantes, o *Araraquara* é vítima do *U-507*. O número de mortos lança a cifra de 129 pessoas. No dia seguinte, na mesma Região Nordeste, o *U-507* afunda um terceiro navio de passageiros, o *Anibal Benévolo*, fazendo dessa vez 150 vítimas, entre mortos e desaparecidos (SEITENFUS, 1985, p. 412).

A citação acima comprova o afundamento não apenas de navios mercantes mas, também de navios de passageiros, ocorrendo várias mortes de civis.

1.1.2 O Brasil sai de “cima do muro”: a criação da FEB

Como analisado anteriormente, o Brasil entra na guerra ao lado dos aliados, pois estava tendo uma pressão política interna e de populares, devido ao torpedeamento de seus navios; concomitantemente, há pressão dos Estados Unidos da América que ofertava um investimento na parte da infra-estrutura industrial, no reaparelhamento das Forças Armadas e na proteção ao litoral em águas marítimas.

Para Seitenfus (1985), três fatores principais determinam a orientação definitiva da política externa brasileira às vésperas e durante os primeiros anos do segundo conflito mundial. O primeiro é a atitude agressiva e equivocada da Alemanha; o segundo fator é a nomeação de Osvaldo Aranha para o Itamarati e sua grande admiração pelos Estados Unidos e pelo Presidente Roosevelt, bem como as péssimas relações que ele mantém com a embaixada alemã, fazendo com que o responsável pelo Itamarati desenvolva uma ativa política pró-americana, a partir de março de 1938; o terceiro fator importante é a eclosão da guerra na Europa e a impossibilidade de tornar efetivas as intenções de aproximação ainda existentes entre o Brasil e a Alemanha (SEITENFUS, 1985, p.429).

No dia 15 de março de 1943, Getúlio Vargas aprovou o envio de tropas brasileiras para combater na Segunda Guerra Mundial. Sobre a organização da FEB, veja a figura 7.

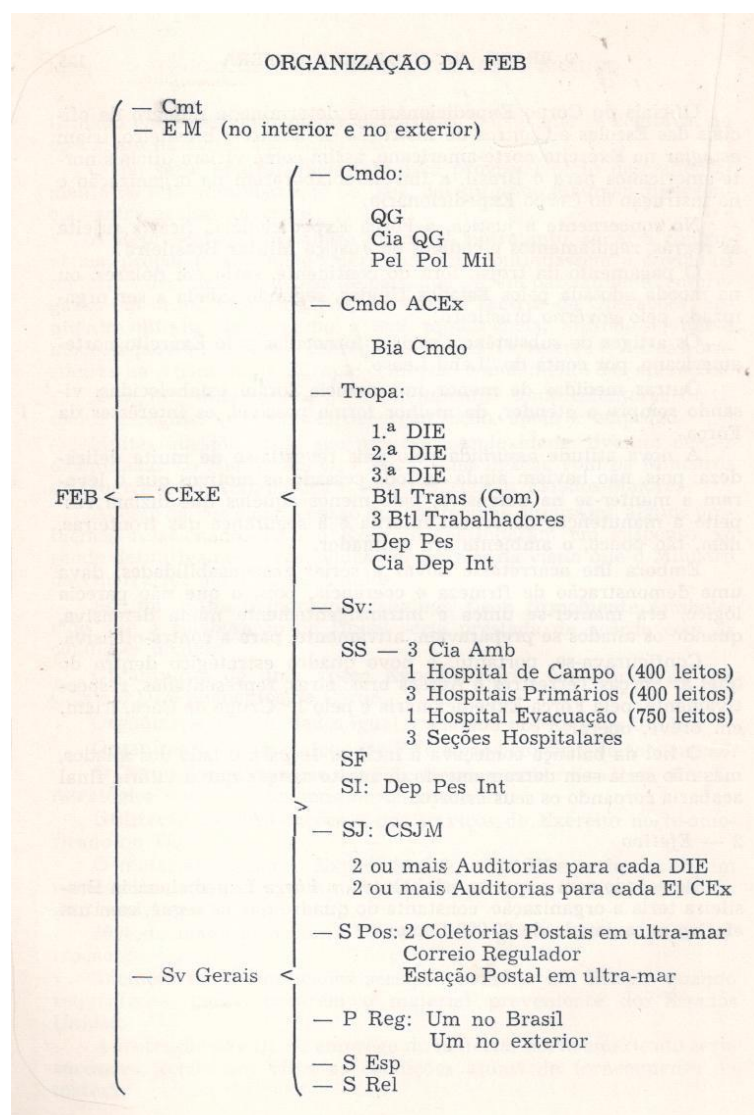


Figura 7: Organização da FEB

Fonte: BRANCO, Manoel Thomaz Castello – Ten Cel; SILVA, Gen. V. Benício da. (Org.). **O Brasil na II Grande Guerra**. Editora: Biblioteca do Exército, 1960.

Examinando-se algumas das suas características, verificamos que:

Sua capacidade de fogo resumia-se a 16 245 armas individuais, 505 metralhadoras, 144 morteiros, 66 obuses, 2 287 armas anticarros e 237 metralhadoras antiaéreas. Com estes equipamentos estava apta a realizar operações contra elementos terrestres de qualquer natureza e aéreos, em vôo baixo, em ações de pequena envergadura e tempo limitado, havendo necessidade de reforçá-la com outras armas para as de maior vulto. De posse de reforços podia, então, atacar qualquer objetivo terrestre numa frente normal de 3 000 metros por RI e defender um setor de 2 500 metros, também por RI.

Sua mobilidade tática era assegurada por 1 410 viaturas automóveis, inclusive um Pelotão de Transporte (48 Vtr de 2 ½ Ton), que lhe permitiam deslocar 1/3 dos seus efetivos, ou seja um Grupamento Tático, de uma só vez. Os 47 botes de assalto existentes no BE, associados às suas

passadeiras, garantiam-lhe, em casos de emergência, a realização de pequenas operações de transposição de cursos d'água. (BRANCO, 1960, p.128-129).

O comandante da FEB foi o General João Batista Mascarenhas de Moraes, citado muitas vezes em nossas entrevistas com Artur: "... o que comandava toda a tropa é o Mascaranha, depois o vice, acho que era o Cordeiro".

O Gen. Mascarenhas era um dos mais dignos, probos e operosos generais do Exército, destacando-se como administrador de escolta. De caráter enérgico e austero, por vezes inflexível nas suas atitudes sem ser, entretanto, intransigente. Possuía vários cursos, inclusive o de Estado-Maior do Exército. Antes de assumir o Comando da FEB, fez um estágio no Exército norte-americano, onde tomou contato com a sua organização, meios e processos de emprego.

Os três generais que o secundavam no comando – Olympio Falconière da Cunha, Euclides Zenóbio da Costa e Osvaldo Cordeiro de Farias, respectivamente, Inspetor Geral e Comandantes da Infantaria e Artilharia Divisionárias eram, igualmente, oficiais de elite, detentores do mesmo curso de Estado-Maior (BRANCO, 1960, p.131).

Relacionando o que Branco (1960) comenta sobre a personalidade de Mascarenhas e o relacionamento com os comandantes, Artur fez comentários sobre essa relação no período de guerra.

Lá, nós éramos tudo como irmão, não tinha caxiagem, tinha que se apresentar e ficar em sentido, era só fazer continência pro superior, eles brincavam e caçoavam com nós: agora vai terminar a guerra já estamos indo embora; mas depois de entrar o verão, por que quando é gelo ninguém acha graça de nada, tudo é loco, eles dão muito remédio, veneno para as pessoas não ter medo de nada; a gente fica desesperado. Então as vezes na instrução de moral faziam um semi círculo e falavam que não é só brigar, querer matar, tem que saber também se defender quando encontrar com o inimigo, eles diziam que não viemos aqui pra morrer e sim pra matar e se caísse no inimigo, podia morrer, mas não confessar onde tava o ninho, o cabeça. Se eles achassem o ninho, me achavam também, pois eu estava no ninho, e não comparando, é mesmo que uma caixa de abelha, se matar a chefe, as outras ficam desorientadas, e nós também, se matasse o nosso chefe, o resto tava tudo perdido. Eu chegava a falar com eles, eles não são mais que nós, o único que era mais longe era o Mascarenhas. Coronel, comandante proseava igual.

A FEB foi criada em 1943, mas somente quase um ano depois, as tropas começaram a ser enviadas, inclusive com o auxílio da Força Aérea Brasileira (FAB). Sua ação ocorreu em território italiano, onde fortaleceram as tropas estadunidenses. Nesse breve período, foram enviados em torno de 25.000 soldados brasileiros.

O processo de seleção para os que comporiam o efetivo da FEB ocorreu através de exames médicos. Artur comenta sobre isso no documentário: “Artur Melo da Costa: um Herói missioneiro” falando que: “o que pediam era a dentição, o coração e principalmente o pé, os pés sem volta e chato era fácil de dar o pé de trincheira, que na guerra era um veneno, pois era mais fácil de congelar”.

No total, foram efetuadas 107.609 inspeções da saúde para a FEB, nas 10 regiões militares do Brasil. 3.111 oficiais e 63.013 praças caíram na classe “E”. Em todas as regiões, o principal item de exclusão foi “dentadura insuficiente”. A condição precária dos dentes da tropa expedicionária devia-se mais a uma questão mundial de saúde do que a um problema limitado ao Brasil: de setembro de 1944 a março de 1945, os dentistas do V Exército precisaram extrair 22.848 dentes de soldados americanos. O mesmo problema afetava até as mais hábeis unidades de elite do Exército Americano. (MAXIMIANO, 2010, p. 55).

Nesta seleção, ocorria a oportunidade de apadrinhamentos, que era um meio de não ir para a guerra.

Perguntado sobre os apadrinhamentos, Artur comentava:

Capaz que os filhos de paizinho não vinham, arrumavam padrinho, e mesmo que para ir para a guerra não foi nenhum sargento e nem um oficial foi só o pracinha, filho de papaizinho não vai pra guerra, nós pensava muito sobre isso, no Rio de Janeiro apareceu oficial, mas daqui não foi ninguém...

1.1.3 Partida rumo ao desconhecido: A FEB chega à Itália

A partida não tinha hora nem dia marcado, estratégia adotada para correr menos riscos, principalmente em relação ao transporte ultramarino.

Segundo dados de Branco:

O primeiro partiu a 23 de novembro, chegando a Nápoles a 7 do mês seguinte. Neste porto transferiu-se para um navio de menor calado e para alguns LCI que o levaram a Livorno, daí prosseguindo viagem, em caminhões, com destino à Quinta Real de San Rossore, reunindo-se aos 2º e 3º Escalões que já aí se encontravam. Pouco mais tarde, após o emprego dos três primeiros Escalões, deslocou-se para Staffoli (pequena localidade situada a 30 Km a E de Pisa), aí permanecendo até o término da guerra. (BRANCO, 1960, p. 164/ 165).

Vejamos mais detalhes nas figuras 8 e 9:

TRANSPORTE DA FEB PARA A ITÁLIA				
ESCALÕES	1.º (BE — 18 H H)		2.º (BE — 18 I I)	
COMANDANTES	Gen ZENÓBIO COSTA		Gen CORDEIRO DE FARIAS	
TROPA	— QG/1.ª DIE	56	— QG/1.ª DIE	79
	— QG/ID	25	— ID	3
	— 6.º R I	3 268	— QG/AD	136
	— Cia Ob/11.º R I	116	— 1.º R I	3 442
	— Pel Mrt/CPD 2/11.º RI	60	— I/2.º ROAR	576
	— 4.ª Cia/11.º R I	193	— Esqd Rec (-2.º Pel)	127
	— I/1.º ROAR	511	— Dst/9.º BE	221
	— 2.º Pel/Esqd Rec	30	— Dst/Cia Trns	159
	— Dst/9.º BE	214	— Dst/1.º BS	173
	— Dst/Cia Trns	63	— Dep Int (—)	25
	— Cia Mnt	118	— Cia Int (—)	61
	— Pel Pol	81	— 2.º e 3.º Gr Supl Hosp	109
	— Dst/1.º BS	172	— Justiça Militar	3
	— Dep Int (—)	37	— 2.ª Auditoria	5
	— Dst Cia Int	59	— Of Ex EUA (D)	3
	— Gr Supl Hosp	13	— Banco do Brasil (D)	5
	— Capelães	3	— Cor Guerra (D)	1
	— Justiça Militar	6	— Serviço Postal	4
	— Pagadoria Fixa	18	— Fotógrafo (D)	1
	— Correio Regulador	21		
	— Of Mar Guerra (D)	3		
	— Banco do Brasil (D)	11		
	— Cor Guerra (D)	3		
EFETIVO	OFICIAIS	295		356
	PRAÇAS	4 769		4 767
	DIVERSOS (D)	17		10
	TOTAL	5 081		5 133
PARTIDA DO RIO	2 — JULHO — 1944		22 — SETEMBRO — 1944	
CHEGADA A NÁPOLES	16 — JULHO — 1944		6 — OUTUBRO — 1944	
TRANSPORTE	GENERAL "W. A. MANN"		GENERAL "W. A. MANN"	
ESCOLTA	CTs MARCÍLIO DIAS, MARIZ E BARROS E GREENHALGH		Cs RIO GRANDE DO SUL e "MEMPHIS" e DEs "TRUMPTER" e "CANNON"	

Figura 8: Transporte da FEB para a Itália

Fonte: BRANCO, Manoel Thomaz Castello – Ten Cel; SILVA, Gen. V. Benício da. (Org.). **O Brasil na II Grande Guerra**. Editora: Biblioteca do Exército, 1960, p.167.

ESCALÕES	3.º (BE — 18 I I)	4.º (BE — 18 L L)
COMANDANTES	Gen. FALCONIÈRE	Cel MÁRIO TRAVASSOS
TROPA	— QG/1.ª DIE 245 — EM / Gen FAL- CONIÈRE 7 — El Ligação 10 — 11.º R I 3 267 — I/1.º ROAR 511 — I/1.º RAPC 523 — Esqd Lig Obsv (ELO) 35 — Dst/9.º BE 267 — Dst/1.º BS 148 — Dst S/AD 18 — Dst S/Adido à AD 14 — Dep Int (—) 22 — Dst Cia Int 62 — Gr Supl Hosp 29 — Pósto Regulador 1 — Pel Sep 22 — Banda de Música 57 — Of Ex EUA (D) 3 — Cor Guerra (D) 2	— Dep Pesscal (—) 4 484 — Cor. Guerra (D) 1 — Banco do Brasil (D) 4 — Of. Mar Guerra (D) 4 — Praças da Aero- náutica (D) 37 — Cia Dep Int 151 — Dep Int* 1 — Correio Regula- dor 1 — Grupo Traduc- res 12 — Gr Supl Hosp 16 — Praças avulsas 11
E F E T I V O		
OFICIAIS	316	280
PRAÇAS	4 922	4 396
DIVERSOS (D)	5	46
TOTAL	5 243	4 722
PARTIDA DO RIO	22 — SETEMBRO — 1944	23 — NOVEMBRO — 1944
CHEGADA A NÁPOLES	6 — OUTUBRO — 1944	7 — DEZEMBRO — 1944
TRANSPORTE	GENERAL "MEIGS"	GENERAL "MEIGS"
ESCOLTA	A MESMA DO 2.º ES- CALÃO	C "OMAHA", CT MARCÉ- LIO DIAS e C RIO GRAN- DE DO SUL

Figura 9: Transporte da FEB para a Itália- Continuação.

Fonte: BRANCO, Manoel Thomaz Castello – Ten Cel; SILVA, Gen. V. Benício da. (Org.). **O Brasil na II Grande Guerra**. Editora: Biblioteca do Exército, 1960, p. 168.

Houve difícil adaptação dos expedicionários ao navio, conforme é abordado em depoimento de Artur:

[...] eu só pedia a Deus que eu não queria morrer em cima da água, queria morrer na terra, me deu a caxumba no navio, eu não conseguia engolir nada, me deu uma febre, só não morri porque o meu beliche era bem em cima, no teto e tinha um ventiladorzinho que ventilava, se não eu morria só de calor, não podia subir e eu não engolia nada, não podia comer nada, não podia ir no rancho e o rancho era só duas vez no dia que se ía, porque o rancho sempre era cheio 24 horas por dia [...] imagina dá comida pra 5, 6 mil homem dentro de casa [...] os meus amigos me traziam comida, às vezes quando tinha laranja, maçã daí eu mascava a maçã e engolia o caldinho só, a laranja eu não podia, mas ovo, tinha de vez em quando ovo cozido daí eu comia [...]

A FEB foi integrada ao 5º Exército Norte Americano, que tinha como comandante Mark Clark, ao qual era subordinado ao 4º Corpo do Exército norte-americano, comandado pelo General Grittenberger.

Apesar do despreparo por parte do governo brasileiro, ao chegar nos campos de batalha, a FEB foi equipada desde uniforme até materiais bélicos de última tecnologia, proporcionados pelos norte americanos e, mesmo contando com grande parte de seu efetivo de analfabetos, o que era observado na maior parte da população brasileira do período, que desconheciam a escrita e a leitura, adaptou-se às novas situações surgidas, principalmente por seu interesse e força de vontade.

Artur, em uma das suas falas, nos dá uma noção do despreparo da tropa. “No nosso tempo, vinha canhão da Alemanha pra nós brigar com eles (riso), mas nem usamos, era puxado a cavalo. Aonde nós íamos coloca os cavalos no gelo.” Artur refere-se ao material antigo do exército brasileiro, principalmente os canhões vindos da Alemanha e que serviriam de arma contra os próprios alemães. Também comenta que, se fosse pelas roupas brasileiras, iam morrer só de frio.

1.1.4 As dificuldades e superações nos campos de batalha

Após o desembarque em Nápoles, eram conduzidos a fazer longos treinamentos, atividades físicas, marchas e simulações, que eram feitas com armamento real. “tinha que varar por baixo de um arame, arame farpado, com todo o equipamento, mochila, fuzil, chegava ali tinha que virar e se vira, passar por baixo daquele fio de arame só jogando com o corpo e a metralhadora velha atirando por cima”.

Os componentes da FEB realizavam patrulhas para reconhecer o território, colocando-os a uma grande exposição de perigo. Devido à situação íngreme do terreno, poderiam encontrar-se bem de perto com o inimigo ou encontrar campo minado e armadilhas dos alemães. Artur comenta: “tinha que tirar patrulha no gelo, porque tinha espiões, era patrulha no interior, na cidade em tudo que era lugar [...] atravessar um bosque, reconhecer o terreno, para ver o que existia ali”.

Uma das principais dificuldades enfrentadas foi o frio, muito citado nos discursos de Artur, isto que Artur era da região sul do Brasil, ou seja, mais acostumado com o frio, mas, para o restante da tropa, principalmente os do Norte,

foi mais difícil suportar o frio intenso. No período em que o Brasil esteve no combate, o inverno foi mais rigoroso.

Como podemos imaginar, o cenário de uma guerra era devastador, destruição, miséria, ruínas, gerando situações desumanas. Foi a população local que sentiu os maiores efeitos da guerra, como nos diz Artur em um de seus depoimentos: “a miséria lá é triste. Famílias pobres. Tudo, tudo era negócio. A gente saía com um saquinho de açúcar e encontrava uma senhorinha, e trocava por (silêncio).” Artur diz que nunca fez isto, mas cita que até cigarro era trocado pelas mulheres, pois a pobreza era intensa e elas viravam mercadoria de troca. Os valores perderam seus sentidos; atitudes que jamais seriam imaginadas na sociedade italiana, devido ao desespero e à fome, se tornaram corriqueiras, como o exemplo da prostituição.

Alguns relacionamentos se tornaram sérios a ponto de muitos combatentes trazerem, no final da guerra, como esposa, a mulher com quem se relacionaram na Itália. Artur se refere a isso dizendo “Olha eu nada posso dizer se alguém ficou. O general deu ordem, quem quisesse casar e ficar lá podia, ou casar e trazer a esposa também era igual, mas eu nada posso afirmar porque eu não vi”. Também comenta sobre um relacionamento que teve lá e quando perguntado se não quis trazer junto nos respondeu:

Não, porque eu recebi uma surpresa, eu trabalhava na companhia de polícia, eu tirava serviço quase todas as tardes, então quase todas as tardes nós se encontrava com a namorada em “Ponte Capiana”, ela morava do outro lado desse rio, é um rio pequeno, mas a ponte tava quebrada, só podia passar gente de bicicleta e a pé, eles moravam do outro lado, mas como eu tava de serviço quase todas as tardes eu passava lá, quando nós não se encontrava eu cruzava naquele rio ali, ia para outra cidade tirar serviço, ia para Orientando, Fucecchio, para Alto Passo para várias cidades eu ia tirar serviço (.....).Escrevi uma carta para minha gente batida à máquina, então o serviço era muito leve, mas muito sensível, e eu namorava aquela guria e então eu perguntei para ela, quê se nós casasse ela queria vim pro Brasil e ela disse que queria vir pro Brasil, mas nós tava com o namoro assim firme parecia, mas eu não esperava que a gente quando menos esperava ia ser transferido, quando eu menos esperava eu cheguei na hora do boletim no depósito, canto no boletim, fulano de tal é transferido para Pistóia, para o cemitério de Pistóia, tirar guarda lá. Agora sim, me estragaram (riso), daí nunca mais tive solução da namorada, fui para longe e dali logo eu vim embora.

Como Artur nunca foi para a frente de batalha, tinha uma maior possibilidade para as horas de lazer, pois fazia parte dos pracinhas que ficavam na retaguarda, estes eram chamados também de saco “B” e muitas vezes, desvalorizados pelos

soldados que compunham a linha de frente, ou seja, os saco “A”. No pós-guerra, essa distinção desapareceu visto que todos foram importantes para o andamento e encerramento do conflito, independente de que posto ocupavam.

Os soldados, em momentos de folga, para descanso, aproveitavam a oportunidade para visitar a Itália, principalmente os lugares turísticos.

1.2 Participação rio-grandense na Segunda Guerra Mundial

Levamos em consideração que a Guerra não foi somente europeia e sim influenciou direta ou indiretamente todos os países do mundo, como é o caso do Brasil.

Faz-se necessário lembrar novamente que, em novembro de 1937, (quase dois anos antes do início da guerra), próximo do final de seu mandato constitucional, o presidente Getúlio Vargas, alegando uma suposta ameaça comunista, deu um golpe de Estado e instaurou o Estado Novo no Brasil. Tinha início, assim, um regime essencialmente ditatorial, marcado por medidas centralizadoras e nacionalistas, que visavam criar tanto uma unidade como uma identidade nacional.

Esse acontecimento insere-se em um clima de contestação da liberal-democracia em todo o mundo, que ganhou força logo após a grande crise econômica de 1929. O nazismo, que ascendeu ao poder na Alemanha em 1933, pode ser considerado como um dos principais exemplos de regime ditatorial surgido nesse período, com uma proposta, em parte, semelhante à que o Estado Novo passou a propagar, a partir de 1937 no Brasil.

Com o advento do Estado Novo, foram fechados o Senado e o Congresso Nacional, suspensas as eleições em todos os níveis e extintos os partidos políticos. Os estados passaram a ser governados por interventores federais, nomeados pelo próprio presidente da República. Já os prefeitos das cidades passaram a ser nomeados pelos interventores federais. A partir da entrada do Brasil na Guerra, a situação do governo Vargas, em particular a do Presidente-ditador, torna-se desconfortável. Getúlio combate oficialmente contra o Eixo, pela liberdade mas seu regime ditatorial é uma cópia empalidecida das ditaduras europeias. Tal paradoxo será fatal para Getúlio Vargas, destituído pelos militares em outubro de 1945.

No Rio Grande do Sul, em outubro de 1937, mês anterior ao golpe que deu origem ao Estado Novo, o general Daltro Filho, comandante da 3ª Região Militar

(que abrangia os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) foi nomeado interventor federal do estado, depois que o governador Flores da Cunha, por divergências com o presidente Getúlio Vargas, renunciou ao cargo e se exilou no Uruguai. Daltro Filho, porém, não governou por muito tempo. Já no final de novembro de 1937, por motivo de doença, se afastou do cargo, vindo a falecer menos de dois meses mais tarde. Para o seu lugar, foi nomeado o coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, chefe de gabinete de Daltro Filho, na 3ª Região Militar. Cordeiro de Farias, que assumiu em março de 1938, deixou o governo do estado apenas em setembro de 1943, para ser incorporado a FEB. Por ocupar o cargo durante cinco dos oito anos de duração do Estado Novo, ele pode ser considerado o interventor federal mais marcante a governar o Rio Grande do Sul. Para substituí-lo, Getúlio Vargas nomeou o seu primo, Ernesto Dorneles, que governou de setembro de 1943 até ao final do Estado Novo, em outubro de 1945.

Os diferentes grupos étnicos existentes no Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães e descendentes, foram considerados os mais perigosos à segurança nacional. Principalmente após o início da Segunda Guerra Mundial, italianos, japoneses e descendentes originários de países que compunham o Eixo junto com a Alemanha, também causaram preocupação às autoridades públicas gaúchas. No entanto, em menor intensidade, em comparação com aos alemães.

Enquanto o censo demográfico de 1940 registrou no Rio Grande do Sul 15.279 alemães e 18.685 italianos – sem contar as centenas de milhares de descendentes de alemães e italianos existentes no estado –, registrou apenas 199 japoneses. (http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf – Acesso em 16 de junho de 2013).

Os imigrantes e descendentes dos países do Eixo foram os mais visados, ficando sujeitos a prisões sem justa causa, restrições à liberdade individual, apreensões de materiais (livros, revistas, jornais, documentos, etc.) e a toda uma gama de hostilidades e intimidações. A simples utilização de uma língua estrangeira em público tornou-se um ato passível de prisão, fatos estes que, desde pequenos, como descendentes de alemães, escutamos nossos avôs contarem; como nos lembra Pesavento (2002, p.119): “A campanha, contudo, foi acompanhada de uma série de arbitrariedades políticas e atos de violência contra colonos. A língua alemã foi praticamente proibida”.

Nossas importações e exportações também foram substituídas, da Alemanha pelo comércio dos EUA e Inglaterra.

Segundo Sandra Pesavento (1985), de um modo geral, o setor industrial gaúcho registrou crescimento durante a Segunda Guerra Mundial, em função das dificuldades de importação. Até o início da Guerra, predominavam no estado as chamadas “indústrias naturais”, de transformação de produtos alimentares. Por esse motivo, o Rio Grande do Sul era tido como o “celeiro” do Brasil, não com a conotação de ser apenas um exportador de gêneros alimentícios para o mercado brasileiro, mas também de produtos agropecuários já beneficiados. Após o início da Guerra, esse quadro começou a sofrer algumas alterações. A partir de então, novas indústrias começaram a aparecer no estado, a maioria delas voltadas à produção de produtos que o Rio Grande do Sul passou a ter dificuldades de importar. Indústrias já existentes também voltaram seus esforços à produção para o atendimento das necessidades do mercado interno.

No Rio Grande do Sul, é conhecida a participação militar do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Inclusive, ela encontra-se eternizada em um dos principais monumentos da capital gaúcha: o Arco do Expedicionário, que podemos visualizar por meio da figura 10. Podemos observar que o local é usado como lazer, descontração, prática de exercícios, e de observações pelos visitantes que visualizavam as informações como a placa fixada em uma das colunas, que traz dados das operações de destaque da FEB na Itália; em outra placa, vê-se o nome de alguns sargentos, cabos e soldados que perderam a vida em combate. Assim adquire-se, mais informações sobre essa participação brasileira e rio-grandense nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial.



Figura 10: Monumento do expedicionário. Parque da Redenção, Porto Alegre 16/02/2013
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Este monumento é, acima de tudo, o que Nora chama de um “lugar de memória”, que, além de prestar homenagem, cristaliza na memória coletiva as ações da Força Expedicionária Brasileira (FEB), a qual lutou na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, e por ser um monumento em pedra e grandioso, além da durabilidade do material usado ele ficará presente na memória de seus visualizadores por muitas gerações, sendo que muitos, talvez, nem venham a conhecer a história da Segunda Guerra ou muito menos a participação destes que estão ali representados.

Ao total, foram 1880 rio-grandenses integrantes da FEB, e um deles foi Artur Melo da Costa, objeto de estudo dessa dissertação e sobre o qual analisaremos, no próximo capítulo, sua trajetória de vida e o seu imaginário, através da sua memória e do método de história oral.

Juntamente com Artur Melo da Costa, veja o nome de alguns participantes da região, descritos no quadro a seguir:

Quadro 1: Relação dos expedicionários da 2ª Grande Guerra Mundial

Marçal Celestino Garcia	Natural de São Luiz Gonzaga
Ramão Batista de Mello	Natural de São Luiz Gonzaga
Arthur Soares Ribeiro	Natural de São Luiz Gonzaga
Lucídio Pereira Ramos	Natural de São Luiz Gonzaga
Antão Pereira Garcia	Natural de São Luiz Gonzaga
Elautério do Nascimento	Natural de São Luiz Gonzaga
Otto Avelino Kuhm	Natural de Cerro Largo
Antônio Arsenho Kaefer	Natural de Cerro Largo
Alcides Ost	Natural de Cerro Largo
Ricardo Abadi	Natural de Cerro Largo
Walter Scheno Renberger	Natural de Cerro Largo
Claudino Perius	Natural de Roque Gonzales
Waldomiro Malmann	Natural de Roque Gonzales
Antônio Silfredo Adms	Natural de Roque Gonzales
José Armando Hartmann	Natural de Roque Gonzales
Pacífico da Veiga	Natural de Roque Gonzales
Nataniel Noronha de Menezes	Natural de São Borja

Selestino Soares	Natural de São Borja
Feliciano Marques	Natural de São Borja
Armando Hartamnn	Natural de São Borja
Reinaldo Lotério Braum	Natural de São Borja
Arthur Scheder	Natural de São Nicolau
Arthur Melo da Costa	Natural de São Nicolau
Francisco Florjak	Natural de Guarani das Missões
José Gonçalves Ferreira	Natural de Porto Xavier

Fonte: Livro São Luiz – Sua História e sua Gente- 1687- 1987 de Pedro Marques dos Santos.

É possível, a partir do quadro anterior, formular algumas conclusões. A primeira é em relação à naturalidade de Artur Melo da Costa, pois no quadro consta como São Nicolau; isso se justifica por ser São Nicolau um município que se emancipou do município de São Luiz Gonzaga e o território de Pirapó, antes distrito de São Luiz Gonzaga, local de nascimento e moradia de Artur no período que foi expedicionário, ficou pertencendo a São Nicolau; Pirapó emancipou-se no ano de 1989.

Um segundo aspecto a ser observado é sobre o nome Artur Scheder, natural de São Nicolau, e que está acima do nome de Artur Melo da Costa; nossas desconfianças é que podem ser a mesma pessoa, pois Artur Melo tinha um apelido na cidade de Pirapó de “Shedes”, apelido que herdou do pai; pelas semelhanças nos nomes pode, sem pretensões de afirmação, ter ocorrido um equívoco, pois, apesar de existir esse sobrenome na região, não encontramos outro registro onde conste esse nome e também Artur Melo nunca relatou sobre a existência desse outro Artur na região, mas nos falava: “Da Pirapó só foram dois até o Rio de Janeiro, e um foi comigo e voltou, é o Adão Lencina, voltou junto até Pirapó na volta, só que esse é morto”.

Finalizando, é importante constar que agora temos a história que estes febianos (no nosso estudo o senhor Artur Melo da Costa) têm a nos contar. E como nos diz Maximiano (2010, p.16): “Ao longo das mais de seis décadas que nos separam do fim da Segunda Guerra Mundial, as narrativas e textos produzidos por veteranos da FEB caracterizam-se pela honestidade e modéstia ao se pronunciarem sobre a campanha”.

2 MEMÓRIAS DE UM SOLDADO

Introduzimos este capítulo abordando um pouco mais sobre nosso método de pesquisa - a história oral - usado principalmente nesta etapa da presente dissertação, apresentando alguns questionamentos, observados por nós, em relação a esse método.

Nem toda entrevista pode ser considerada história oral, pois esta exige um caminho a seguir; primeiro, o registro por meio de um gravador, registrando as experiências vividas pelos sujeitos que contribuem para a compreensão de um passado. Nesta pesquisa, o sujeito a ser entrevistado é Artur Melo da Costa, homem simples e humilde, morador de São Luiz Gonzaga, que foi um ex-pracinha da Segunda Guerra Mundial, e impressionava a muitos pesquisadores, professores e comunidade no geral por sua excelente memória, pelo amor à pátria entre outras características.

Com a contribuição da história oral, não se torna necessário somente a pesquisa por meio de livros, sendo possível, um registro de experiências vividas num passado mais recente através deste método, a exemplo desse trabalho, onde tivemos a obrigação e o prazer de usá-lo. Nesse caso, ele supera em muito a análise documental, que não foi deixada de lado, visto que houve um cruzamento das informações orais com aquelas prestadas pelos documentos oficiais.

Portanto, ao nos propormos trabalhar com história oral, interpretamos como uma metodologia que utiliza como técnica a entrevista e outros procedimentos articulados entre si. Como nosso objetivo é interpretar o imaginário do depoente e analisar e correlacionar os fatos ocorridos em sua vida, a nossa fonte principal se torna a oral.

A maioria de nossas entrevistas ocorreu de maneira informal, favorecida pelo bom relacionamento com o entrevistado e sua família; aconteciam durante a roda do chimarrão, sendo acompanhadas por familiares próximos, que no caso de Artur foi sua esposa, Dilma Marian da Costa, e sua sogra, Olinda Marian. Algumas entrevistas ocorreram de forma induzida por meio de perguntas anteriormente elaboradas e outras perguntas foram sendo direcionadas conforme a conversa ia evoluindo. Muitas vezes íamos à casa de Artur com perguntas articuladas, as quais eram feitas apenas as primeiras, pois, de acordo com as respostas, precisávamos formular outros tipos de perguntas e abordar outros assuntos. Acreditamos que

justamente devido a esse procedimento, o senhor Artur falava mais livremente, permitindo uma melhor interpretação de seu imaginário.

As entrevistas ocorreram no período de tempo entre novembro de 2011 (período de elaboração do projeto para o mestrado) até julho de 2012 (período que Artur já se encontrava acamado), embora Artur tenha falecido em novembro de 2012. No período anterior ao seu falecimento, preferimos apenas manter contato com ele, visitando-o até sua morte. Como observação, gostaríamos de registrar que as memórias de Artur eram estudadas por nós desde o ano de 2004, quando nos encontramos a primeira vez. Por ocasião da produção do documentário “Artur Melo da Costa: um herói missioneiro” e estreitamos as nossas conversas, acompanhando-o principalmente em palestras nas escolas das quais éramos docente.

Realizamos aproximadamente trinta entrevistas com Artur e uma com sua única irmã viva, Genciana Melo da Costa. As entrevistas estão salvas em arquivos de computador, em cópias de CD, sendo que uma das cópias está disponibilizada no Museu Municipal Pinheiro Machado de São Luiz Gonzaga, juntamente com outros objetos de Artur. Também participamos de conversas informais com sua esposa Dilma Marian da Costa, com alguns filhos (Edite, Jair, Wilmar, Janete e Fátima), com um filho de outro ex-combatente o senhor Décio Schnorremberger, cujo pai foi Marcos Schnorremberger. Também conversamos com o único ex-combatente ainda vivo na cidade, o senhor José Maciel, e com o comandante do 4º RCB, o Tenente Coronel Carlos Alberto Klinguelfus Mendes; nestas últimas conversas realizamos algumas anotações, úteis em algumas análises.

O processo de transcrição das entrevistas foi demorado, começando em setembro de 2012 e encerrando-se em junho de 2013. Observamos algumas regras para transcrição, descritas no livro de História Oral de Lucilia Delgado (2006) e no Manual de História Oral de Verena Alberti (2005), que nos dizem que não há uma regra única para a transcrição e que ressaltam a importância de se cuidar com a veracidade na transcrição das falas, sem esquecer o entendimento do todo e a revisão das normas ortográficas. “Trata-se, portanto, de um trabalho meticuloso, ao qual toda a atenção deve ser dispensada, o que significa muitas horas de dedicação.” (ALBERTI, 2005, p.174).

Depois fizemos uma separação destas entrevistas de acordo com o tema, optando por uma divisão com falas relacionadas a sua infância e adolescência, ou

seja, antes da participação de Artur na guerra, observando as memórias desse período; em outra divisão, registramos sua memória em relação à guerra e ao pós guerra. Usaremos alguns dados expostos na biografia de Artur, que consta na dissertação de Anderson Schmitz, mas com o intuito de analisar seu imaginário, teremos, portanto, informações inéditas.

Pensando na questão ética, sempre informamos aos entrevistados e familiares que nosso objetivo era a publicação dos registros; e para tanto tomamos alguns cuidados, como a elaboração da carta de cessão de direitos, assinada por Artur e registrada em cartório, como podemos conferir na figura 11.

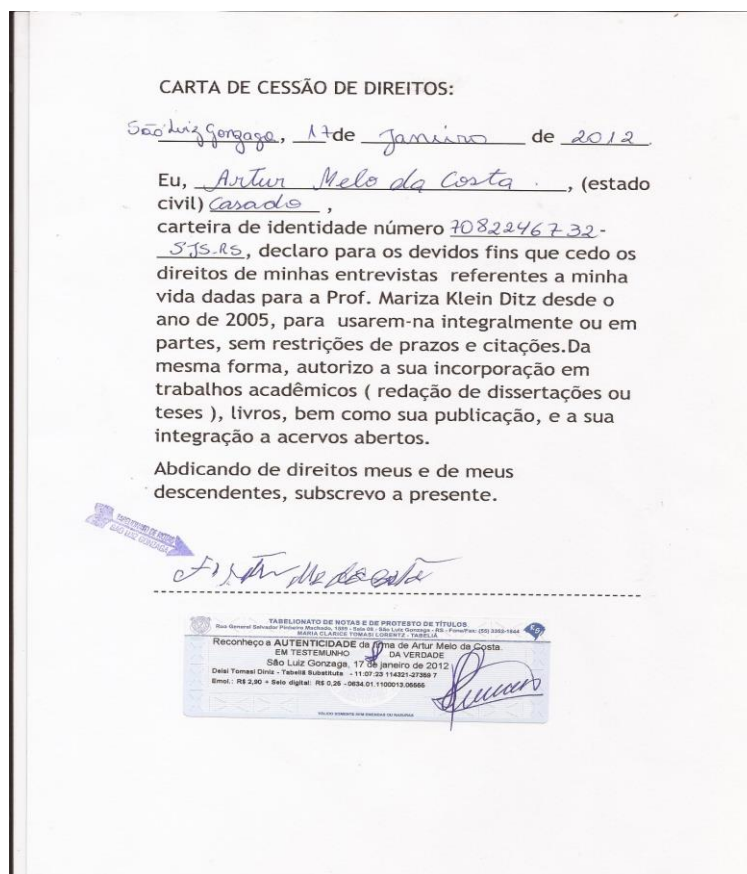


Figura 11: Carta de Cessão de Direitos.
Fonte: Documento concedido à pesquisadora.

2.1 Artur: Infância e Adolescência

É importante, para que ocorra uma análise do imaginário e memória de Artur, abordar o início de sua vida e os fatos que estão presentes em sua memória, em relação a essa fase da vida.

Artur nasceu no dia 29 de agosto de 1921, no distrito de Pirapó, hoje município; na época, pertencia a São Luiz Gonzaga. Seu pai era Arlindo Martins da Costa e sua mãe Alminda de Melo. Veja a figura 12 a seguir:



Figura 12: Pais de Artur
Fonte: Arquivo pessoal de Artur

Artur e também sua única irmã com vida, Genciana, nos falaram que seu pai Arlindo era italiano, de olhos azuis e a mãe era descendente de escravos. Genciana nos fala que a mãe não chegou a ser cativa: “Ela contava pra nós que os pais eram escravos. Mas eu acho que ela nasceu em 1888, ano que libertaram, ela falava que não foi marcada, por causa disso [...] ela foi criada por uma família branca, a mãe dela deu ela.”

O pai de Artur faleceu com 72 anos, já a mãe viveu até 1983, ou seja, até os 95 anos. Sobre o motivo da morte de ambos, Artur comenta que o pai foi do coração e a mãe de fraqueza, por causa da idade e devido a uma gripe muito forte. Talvez daí venha a genética de Artur viver até aos 91 anos e a maioria dos irmãos também viverem até idade avançada; a própria irmã Genciana tem 97 anos atualmente e conta com muita saúde. Artur, em relação a isso, diz “herdamos da mãe”, se referindo à idade avançada.

Artur, em sua cidade natal (Pirapó), é mais conhecido pelo apelido “Schedes”, apelido que herdou do pai e não soube nos explicar o porquê desse nome, que, para seus conterrâneos, é como se fosse o próprio sobrenome da família, pois lá pelo sobrenome Melo da Costa poucos o identificam e sim por Artur Schedes; já em São

Luiz Gonzaga isto não ocorre; acreditamos que seja pelos poucos laços familiares na cidade.

Sobre os avós de Artur, ele tem lembrança de seu avô paterno que, após o falecimento da avó, foi morar com seus pais, ajudando na criação dos filhos por uns 5 a 6 anos.

Me lembro que ele era João da Costa, as mãos dele eram desse tamanho (gesto), ele pegava a mão da gente, era a mesma coisa que pegar as mãos de uma criança [...] ele era um homem assim, muito rústico, vamos falar bem a verdade, ele não teve estudo. O calçado dele, ele mesmo fazia, ele não comprava calçado, ele só mandava fazer roupa, bombacha, mas o calçado dele, ele mesmo fazia, ele cortava um pedaço de pneu e fazia um sustento de couro, igual um chinelo de dedo assim (gesto), era o calçado dele, ele usava [...].

A família era formada por 12 irmãos, incluindo Artur. Sobre sua infância, lembra que os meninos dormiam no galpão, em cima de uns pelegos e que só o casal e as meninas tinham cama. O chão era batido, ou seja, de terra; a casa que nasceu era com cobertura de capim; lembra também que os meninos tomavam banho na sanga, todo dia, quando vinham da roça, e as meninas era no quarto, com uma bacia.

Artur nos conta muito emocionado de um sonho que teve com seus pais:

A minha mãe chegou, me pegou no braço (emocionado) e disse: meu filho usa essa roupa (silêncio), usa essa roupa meu filho, eu vou te levar lá na pessoa de mais importância para ti. E pegou no meu braço, aí eu fui com ela (emocionado) e tava o meu pai com um casaco branco e uma gravata preta, meu pai me abraçou (silêncio).

Não nos contou mais, pois a emoção não deixou, mas este relato demonstra o amor que tinha por seus pais. Comenta sobre a educação que recebia, que o pai mandava uma vez só ir para o serviço e a mãe era mais carinhosa que o pai, mas batia neles de varinha; ele diz que não dava chance e nem motivos para apanhar e que os pais sempre ensinaram bons modos como: “ ... Boa tarde, meu avô, ou boa tarde, minha avó, benção, meu avô, benção, minha avó, e seja a pessoa que fosse, era sempre pra tirar o chapéu.”

Acreditamos que Artur tinha um bom relacionamento em família, pois, segundo relata “... nós eramos uma família unida e assim, às vezes, depois de

homem começamos as nossas diferenças, mas no tempo de mais “gurizote”¹⁴, época que era dominado pelos pais, nós era unido ...”. Ainda sobre a alegria em família, Artur nos conta que sua mãe tocava gaita para eles dançarem, quase todo dia, e também cantava; quando perguntado se o pai também participava, ele nos diz: “não o pai não, quando ele tava de acordo, ele tocava, mas não era todos os dias, agora a mãe tocava quase todas as noites pra nós dançar. Nós dançávamos no terreno”.

Sobre os irmãos, nas falas de Artur, o que mais está presente em sua memória é a perda trágica de alguns irmãos, por exemplo o suicídio de 2 irmãos e duas irmãs.

Esse irmão ele se tirou a vida, chegou em casa com a roupa tudo suja, ele andava viajando, bota suja, tava bem loco e não falou nada para o pai, não falou nada pra ninguém, eu não estava, eu acho que estava na lavoura ou no mato.

Se matou com o revólver do vizinho, se atirou, e o revólver dele ninguém soube o que é que ele fez. Aí, eu tava no mato tirando umas madeiras, umas vara para arrumar a mangueira, mas era perto de casa. Eu vi aquela gritaiada lá pra bando de casa, ai, ai, digo: o que será isso? Saí correndo pra fora do mato, atirei o machado e sai correndo, a mãe vinha aos gritos correndo, ela já tinha ido lá onde ele se atirou, ele já tava quase morto, aí ela vinha correndo aos gritos pedindo socorro, aí me encontro, aí me conto: o Jango se atirou, se mato. Digo: E tá morto? Não, está vivo, mas ele morre.

Artur nos impressionava com os detalhes em seus relatos. Em relação a esse irmão, ele conta sobre um episódio que aconteceu com ele, logo após o ocorrido; quando ia para a lavoura, teve um visão de seu irmão e perdeu os sentidos por um dia; fala que a família o procurou muito e que ele estava no meio do mato, pescando com um cipó, totalmente fora de si; conclui a história dizendo: “de certo o espírito dele tomou conta de mim”.

Esse fato ocorreu quando era moço, ou seja, antes de ir para a guerra e nos chama atenção porque, apesar de Artur se considerar da religião católica, em vários relatos existe a crença em espíritos, na vida além da terra. Quando nos fala da irmã, que morreu por tomar veneno, também faz relatos sobre a questão espírita.

Depois que eu era casado morava perto de uma irmã mais velha, o meu irmão que morava com o pai no município de Porto Xavier, ele veio sábado visitar a namorada e foi posar na casa da irmã e disse que ia dormir lá fora em baixo do cinamomo. Daí minha irmã olhou e viu ele se esperneando, morrendo, me chamou, já tinham levado ele pra dentro como morto, daí eu

¹⁴ Gurizote, na região missioneira, quer dizer um menino novo, entre 10 a 18 anos.

cheguei e ele falava: vou levar, vou levar. Eu disse: tu não leva mesmo, não leva (silêncio), tô vendo quem tá falando aí é fulana de tal. Daí ele disse, mas era a voz dela, e disse: só eu mesma eu vim pra levar ele. Nós começamos a falar forte com ela, que ela não levava, que não tinha força pra isso... Tu tem uma coisa pra pedir, pede (silêncio). Eu tenho sim, eu ia lá na mãe mas não tive coragem, vim aqui visitar vocês que são mais forte. Artur eu fiz uma promessa quando tu tava lá na guerra de fazer uma janta pra inocente e não fiz, tu paga Artur? Então tu paga que eu vou me retirar (silêncio).

Artur nos explica que antigamente faziam promessas para servir um jantar para doze criancinhas, e que, por causa daquele pedido, a realizou.

Continua nos contando sobre a morte de outro irmão:

Depois outro irmão casado, com dois filhos, também se matou, foi numa festa com a mulher, passou a festa inteira brincando, tomando cerveja, no final ele mandou a mulher indo, que ele ía tirar um cavalo no potreiro do vizinho, ele tirou a piola, e se enforcou, bem na beira do estradão, logo o pessoal que vinha da festa viu a árvore, ainda tava chacoalhando, mas era tarde demais...

A respeito de sua outra irmã que suicidou-se, de seu outro irmão que morreu a pouco tempo, de sua mãe e de Genciana, sua única irmã viva, Artur nos conta:

Depois, outra irmã se atira num poço (silêncio) quando o satanás se encarna numa pessoa, ela morava lá na Argentina fiquei sabendo uns 10 dias depois.

O pai já era morto e a mãe era viva. Minha mãe morreu lá em Porto Xavier, tinha 95 anos e lia jornal sem óculos.

Agora a pouco morreu um irmão com 102 anos.

Agora só tem uma irmã e eu, ela mora em Porto Alegre, Genciana o nome dela, tem 95 anos, não faz muito que me trouxeram ela. Tá forte a velhinha.

Na lembrança de Artur, em relação à família, ele refere-se a aspectos positivos, mas principalmente destaca as tragédias familiares, tanto dos irmãos quanto de seus filhos, fatos que relataremos mais adiante.

Em relação à escola, Artur lembra perfeitamente o nome dos dois professores que teve; são: a primeira, Zulmira Dalávia e depois, o professor Alfredo Pacheco. Sobre a escola, comenta:

Eu tinha livros, eu estudei quase todos os livros, estudei o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º, eram chamados de manuscritos e estudei também aritmética. Eu pergunto para muitos professores se estudaram aritmética? Ninguém estudou. O primeiro e segundo manuscrito é diferente e aritmética é outro... No recreio eu nunca fui de me juntar com outros guris, fazer barulho e brigar, eu não fui disso, eu já me separava disso, tinha umas gurias que gostavam de conversa, então eu ia conversar com elas, mas se juntar com

outras gurizada, uns maior outros menor, brigar, eu não, o meu gênio era diferente.

Ainda em relação à escola, conta que, além dos dias de semana, tinham que ir aos sábados, quando, por uma hora, era cobrada a tabuada; diz que usavam a lousa até aprender a escrever e depois usavam papel e tinta. Sobre os castigos, falava que tinham que se ajoelhar, mas não no milho; também tinha pendurado uma palmatória, mas, que esta nunca foi usada pelos professores, só ficava pendurada num canto da sala; relata que ele era o queridinho da professora, porque lavrava e plantava um pedaço de terra para ela; também trazia lenha com a carroça.

Por estas falas, percebemos que Artur se dedicava aos estudos; a escola ficava muito longe, mas ele gostava de estudar, portanto estudou mais que os outros irmãos, até aos 15 anos; relata que se tivesse mais oportunidades teria estudado mais; seu pai só queria que eles trabalhassem e somente depois que veio para o quartel aproveitou para estudar mais; estava fazendo curso de cabo antes de ir para a guerra, mas não deu tempo de terminar.

Em relação à sua personalidade, podemos perceber que, durante sua infância, Artur era calmo, mas em relatos sobre a adolescência esse perfil mudou um pouco, pois quando começou a ir a bailes envolveu-se em algumas brigas, inclusive uma delas foi com um ex-colega de aula, um dos meninos briguentos da escola; relata que o colega estava de facão e na defesa chegou a feri-lo com uma adaga, infere que quando tomava um pouco de cachaça era mais agressivo. Andava armado, com arma de fogo também, a maioria dos jovens que trabalhavam pra fora, no campo, tinha armas de fogo. Em um de seus relatos, Artur conta que, antes de ir à guerra, atirou contra uma namorada em um baile, pois estava bêbado; sendo assim, não acertou; depois, foi para o quartel e nunca mais viu a jovem para lhe pedir desculpas, mas, durante a guerra, quando escutava os tiros, lembrava-se deste tiro que havia dado na namorada. Diz ele que falavam que ele era de uma “família loca”, não nos explicando os motivos do porquê deste dizer; acreditamos que seja pelos casos de suicídios e destemperamentos.

Sobre as brincadeiras de criança, Artur comenta que gostava de brincar na terra com carretel, fazer casinha de sabugo, jogar bolita, fazer pistolinha de taquara para atirar a frutinha de cinamomo bem longe. Quem imaginava que um dia essas pistolinhas seriam de verdade e a pontaria e precisão do jogo de bolita iam ser tão

necessários para Artur. Também comenta que, desde a infância e adolescência, sua maior paixão era os cavalos, pois gostava muito de domar e participar dos rodeios.

Não existia rádio e muito menos televisão, apenas música com gaita; conheceu rádio quando estava no quartel e televisão após os 70 anos de idade, quando foi morar na cidade, mas nunca gostou muito de assistir, achava um absurdo algumas coisas que passavam.

Sobre suas lembranças de infância, percebemos a ênfase que Artur dá a alguns fatos, como a presença de um ex - combatente da Guerra do Paraguai¹⁵. “Tinha aquele homem velho, tomou parte da Guerra do Paraguai, ele era tudo quebrado a cabeça”. Esse senhor, segundo Artur, depois de velho veio morar na casa dos seus pais, pois não tinha família, andava pelas casas sem rumo e então ficou na casa deles por algum tempo. Artur lembra que ele reunia os meninos no galpão e contava histórias da Guerra do Paraguai e como tinha conseguido sobreviver. Artur fala que se impressionava muito com os relatos e que lembrava desses quando estava na guerra.

Perguntamos a Artur se seus pais contavam histórias relacionadas às guerras ou às revoluções ocorridas no início do século XX. Este nos respondeu dizendo que sobre a guerra não, mas sobre as revoluções contavam muitas histórias, principalmente seu pai, e que ele mesmo lembrava de algumas situações do tempo dos maragatos e chimangos que ocorreram por volta de seus oito anos de idade, ou seja, após a revolução de 1923.¹⁶

Eu já tinha muita noção, tempo da revolução e de guerra, eu me lembro tão bem que os maragatos chegaram lá em casa e perguntaram para minha mãe: e o patrão? Ele foi levar uma tropa lá em Charqueadas, uma tropa de boi gordo. Não tem cavalo aí e laço pra nós? Não, ele levou tudo aí, tem um cavalo no seguro, um potro, se querem levar esse peguem.

Foram laçar o potro, laçaram, uma turma de negro encilharam aquele potro, e o potro derrubou dois, ai largaram, não quiseram mais, ai deixaram uma égua veia, cansada lá pra nós, me lembro tão bem quando o pai se mudou de lá de São Nicolau para a Serra (Pirapó), a mudança era numa carretinha de boi, e eu e a comadre Genciana, viemos a cavalo, engarupado naquela égua veia. Engarupado na égua dos maragatos (risos).

¹⁵ A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai ocorreu entre os anos de 1864 a 1870, envolvendo também os países da Brasil, Argentina e Uruguai, que formaram uma tríplice aliança, e venceram a Guerra, a qual foi uma das mais sangrentas da América Latina.

¹⁶ Revolução ocorrida no ano de 1923, envolvendo os chimangos e maragatos, ou seja, em que lutaram, de um lado, os partidários de Borges de Medeiros (borgistas ou chimangos, que tinham como distintivo ou característica o lenço de gaúcho, ao pescoço na cor branca) e, de outro, os aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil (assisistas ou maragatos que tinham como distinção, distintivo ou característica o lenço gaúcho ao pescoço na cor vermelha).

Artur diz que seu pai não era favorável a nenhum lado, principalmente pelas maldades que faziam; lembra que o partido político da família sempre foi a Arena¹⁷, mas não se falava em política em casa. Artur conta que seu pai falava sobre um mato que tinha perto de sua casa e que foi apelidado de capão do Aniba, porque os revolucionários chegaram e degolaram um velhinho com este nome naquele mato; ele gritou muito para morrer, então, às vezes, os vizinhos escutavam os gritos dele.

Artur também faz um comentário sobre um irmão que foi aquartelado na época da Revolução de 1932¹⁸, “só aquartelaram aqui e embarcaram num vagão para ir para São Paulo, mas nesse meio de tempo suspenderam a ida”. Artur dizia que lá na guerra pensava que ele era superior ao irmão, que ele tinha pisado no gelo e o irmão não. Podemos perceber, por meio destes últimos depoimentos, a bagagem de informações que o mesmo tinha sobre as questões e situações de guerra e revoluções, antes mesmo da sua participação na Segunda Guerra Mundial.

Artur relata que os gaúchos eram vistos com certo respeito, por ser de uma saga guerreira, e estes se orgulhavam por isto; quando ele contava causos da revolução dos chimangos e maragatos, os seus colegas na guerra ficavam impressionados.

Como pesquisadores, temos que ter a convicção que a percepção sobre o passado, altera-se cada vez que é lembrado o mesmo fato. Segundo Le Goff (1994), a memória ancora-se naquilo que queremos, o que não nos interessa cai no esquecimento, proposital ou não, restando ainda um percentual de memórias incômodas, as quais, bem ou mal, seguem ativas. Com o senhor Artur, percebíamos claramente as alterações de dados em entrevistas diferentes, principalmente em relação a datas de episódios que ocorreram durante sua infância; já os acontecimentos e datas relacionados à guerra, estavam bem preservados em sua memória.

Nas últimas décadas há uma grande valorização da memória no sentido de recuperar a perspectiva de grupos sociais que não tiveram o seu ponto de vista ou os seus interesses registrados e valorizados pela historiografia. Devido

¹⁷ Partido Político de situação a qual se opunha o MDB, no período da Ditadura Militar, 1964 a 1985.

¹⁸ Chamada de Revolução Constitucionalista ou Guerra Paulista, no estado de São Paulo- BR, entre os meses de julho a outubro de 1932, que visava a derrubada do poder de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova Constituição para o Brasil.

a esse processo, a história oral passou a ter uma relevância grande no processo de construção historiográfica do passado. Por meio da técnica de história oral consegue-se, em alguns casos, chegar aos esquecimentos e falhas que a história oficial deixou de lado.

2.2 Quartel e tempos de guerra

Segundo as informações da dissertação de Schmitz, Artur conhecia São Luiz Gonzaga desde pequeno, quando vinha de carroça com seu pai, vender produtos (feijão). Nesta cidade, começou a entrar em contato com soldados do Terceiro RCI – Regimento de Cavalaria Independente – com sede no município de São Luiz Gonzaga. Em Pirapó, pouco se ouvia falar em quartel ou nos soldados.

Antes mesmo de chegar o tempo de servir ao quartel, Artur e um amigo vieram para São Luiz para se voluntariar; tinham 17 anos e queriam servir, mas não foram aceitos. Artur conta esse episódio quando perguntado de onde achava que venha o sentimento de patriotismo demonstrado com tanto afinco por ele.

Do coração, desde novo em sempre tive uma paixão pela farda eu tinha 17 anos eu fui me apresentar no quartel voluntário, eu queria vim para o quartel e meu pai não queria (cochicho), daí eu e outro piá combinamos e viemos nos apresentar como voluntários, aí disseram que aceitam voluntários, mas que não tínhamos idade, que os pais tinham que dar consentimento, os pais tinham que trazer ou dar autorização para vir... Não aceitaram nós....demos volta pra casa. Eu disse: vou trabalhar, não quero mais...

Mais tarde, quando chegou o tempo de servir ao quartel, Artur já estava se encaminhando para casar, mas, mesmo assim, largou tudo e foi servir a pátria.

O amor pelo quartel foi maior do que pela namorada. Eu sempre gostei do exército, da farda e do regime do quartel, o quartel era o meu prazer [...]. No dia 15 de setembro de 1942 eu incluí aqui em São Luiz Gonzaga, me lembro tão bem, o comandante era o Evaldo Antonio Borba, eu fiquei, recebi a farda, número e cavalo.

Sobre a negativa da família ao fato de ir para o quartel, Artur acredita que seja porque ele era o braço forte para o trabalho em casa, um dos filhos mais espertos para o trabalho e também porque, naquele tempo, já falavam em guerra; só que eles acreditavam que nunca o Brasil iria participar. Acreditamos que, entre estes motivos, também esteja as histórias de guerra e revoluções vivenciadas pela família.

No quartel, Artur era responsável pelo trabalho com os cavalos, o qual fazia com muito gosto, pois foi criado no interior e adorava a “lida com os cavalos” desde a infância.

Após alguns meses servindo em São Luiz Gonzaga, surgiu a oportunidade de ser transferido para um quartel na cidade de Santo Ângelo. Artur não pensou duas vezes, foi voluntário, principalmente porque tinha um sargento que ele não gostava. Em Santo Ângelo foi trabalhar em um Regimento de Artilharia de Divisão, onde treinava os cavalos que tinham como função puxar os canhões.

Quando estava encerrando o seu tempo de serviço obrigatório, houve o aquartelamento. “Era pra mandar embora, mas completou um ano, não davam mais baixa nem dispensa, já falavam em guerra”. Mais tarde, todo regimento foi transferido para São Borja, isso em mil novecentos e quarenta e quatro, onde faziam treinamentos e, logo depois, pediram voluntários para a guerra.

“...fazia dois meses que eu estava lá, pediram voluntário e eu pensei em ir e não ir, eu estava baixado com um calo arruinado na mão, daí os meus colegas foram lá, me convidaram, foram uns 10 e eu pensei em querer ir, de tanta vontade de defender a pátria. Eu tenho uma paixão pelo Brasil, eu digo, o nome do Brasil é doce é a mesma coisa que o nome de mãe. Isso vem de berço, pois pode ser de eu escutar as histórias do guerreiro velho que participou da Guerra do Paraguai. Coisa mais linda as formaturas, era um passo só, eu pensava, um dia vai chegar o meu dia...”

Mesmo tendo essa paixão pelo quartel e por sua pátria, Artur, neste momento, optou por não ir, mas, pouco tempo depois, vieram ordens superiores, as quais determinavam que todos os que estivessem aptos e passassem em exames de saúde deveriam ir para a guerra. Passaram por exames mais detalhados na cidade de Santa Maria e depois foram para o Rio de Janeiro, aguardar o momento do embarque para a Itália. Para Artur, era tudo muito vago, um sentimento estranho, tinha muita saudade da família e os comunicou apenas por carta que iria para a guerra; pensava na reação que a família teria, pois sabia os pensamentos deles sobre a guerra, ou seja, a reprovação; nestes momentos, lembrava muito das conversas com o senhor da Guerra do Paraguai, nas cicatrizes que ele tinha. O único motivo apresentado aos soldados era o de defender a pátria, e nada mais.

É interessante o comentário que Artur faz sobre colegas seus que eram descendentes de alemães e italianos e que, nesse caso, não importava mais a origem, eram brasileiros agora. Comenta que, no dia do embarque para a Itália,

alguns soldados de origem alemã e italiana não apareceram, ou seja, desertaram, mas Artur acha que era mais devido ao medo, pois diziam que o que fosse para a guerra não voltava vivo. Sabemos que o idioma italiano e alemão era proibido pelas autoridades brasileiras, e Artur confirma isso dizendo que houve até publicação em jornal: “quem falasse tanto dentro como fora do quartel era para prender”.

Artur relata como foi a viagem de trem para o Rio de Janeiro com certo desgosto, pois foram sete dias com alimentação precária, uma alimentação mais seca e com pouca água para não precisarem evacuar; o banheiro era um buraco no fundo do vagão; havia falta de higiene pessoal, e uma fumaça horrível que entrava nas narinas, deixando-os com problemas para respirar; a cama era os próprios bancos, ou seja, foi uma viagem cansativa, sem nenhum conforto; segundo Artur, foram tratados como carga de animais. Lembra que o comandante da viagem autorizou para parar o trem no meio da viagem, quando desceram, foi igual “gafanhoto”, invadindo o comércio. O comandante disse: “se puderem pagar, pagam, se não, agarrem e tragam que depois o governo arca com o prejuízo da tropa”. Acreditamos que Artur tenha usado a expressão gafanhoto por sabermos que Pirapó (sua cidade natal), logo no início de sua colonização, teve sua plantação atacada por gafanhotos, isso no início do século XX. Sobre as ordens do comandante, Artur diz que o medo da pressão de uma tropa de cinco mil homens é que fez com que houvesse a parada durante a viagem.

Sobre a viagem para a Itália, num navio chamado General Meigs, suas lembranças são as piores; como já relatamos no primeiro capítulo, em Artur deu a doença da “caxumba” e isso dificultou muito os 15 dias que passaram no mar. Além do enjôo normal da viagem, Artur tinha dificuldades para alimentar-se e apenas comia maçã e ovo; segundo ele, só não morreu porque seu beliche era bem em cima, no convés, e tinha um ventiladorzinho; tinha muita febre, e conta que num momento de delírio por causa da febre, viu sua mãe lhe oferecendo um copo de água; quando foi pega-lo viu que era delírio e chorou muito.

Um dia, eu tava lá com aquela febre, e com muita sede, porque aquela água salgada era ruim, tomava pra não morrer; e daí, eu vi a minha mãe chegando com um copo de água, e me disse: toma peguei lá da vertente, e eu fui agarrar com as duas mãos aquele copo, e não era nada, ai eu chorei bastante, eu com aquela febre, sem um comprimido, não morri porque não era hora, viajei 15 dias amontoado.

Artur disse que não acreditava que ia pisar de novo em terra firme, mas pedia muito a Deus para não morrer em alto mar.

Quando chegaram à Itália, estavam todos bem debilitados com a viagem. Artur comenta que não podia nem com o peso da mochila e ainda tiveram o impacto da temperatura negativa, com roupas inapropriadas para o frio que, segundo Artur, “iríamos morrer só de frio lá com o fardamento brasileiro”; então, o exército aliado providenciou novo fardamento.

O desembarque foi na cidade de Nápoles, na Itália; segundo Artur, esta era a cidade mais destruída, o que causou um grande impacto visual já na chegada. Depois foram deslocados de caminhão, “dois dias e uma noite”, para o norte da Itália, para Firenze e em Estafares; foi onde Artur teve as instruções, segundo ele com o comandante Arquemínio.

Eram orientados pelos comandantes em relação a como agir e sobre isso Artur nos relata:

Eu não tinha esse dom de matar, mas o comandante dizia que, quando nós entrássemos em serviço brabo, era pra pensar que não viemos aqui pra morrer. Dizia ele: filho meu mata e não morre, e morre e não confessa. Falava que se caísse preso na mão do inimigo, podia morrer e não confessar onde tava o ninho. O ninho é onde está o chefe, porque nós lá éramos iguais uma caixa de abelha, tinha o mestre, aonde terminasse o mestre, terminava tudo.

Os soldados foram divididos em pelotões A e B, treinados para ir para o *front* (batalha). Artur pertencia ao pelotão B. Colocavam- os em forma, e as filas sempre eram do mais alto para o mais baixo; devido a isso, Artur sempre era o primeiro, com seus quase dois metros de altura. Segundo ele, passava um sargento com um caderno e perguntava quem sabia ler e escrever. Artur se prontificou, foi testado para ver se realmente era alfabetizado; no momento, não foi falado nada sobre o porquê deste teste, mas, à tarde, ele foi chamado para fazer parte do pelotão de polícia especial, comandada pelos norte- americanos. Segundo Artur, precisavam de homens mais inteligentes para fazer a guarda do general Mascarenhas de Moraes, que era o comandante. Também fazia parte de sua função o policiamento nas ruas e, nos últimos meses que estive lá, a guarnição do cemitério em Pistóia, onde eram enterrados os soldados brasileiros, mortos no conflito. Sobre o serviço da polícia na Segunda Guerra encontramos registros como:

Além das missões de tráfego, a Polícia prestou guardas de honra, forneceu escoltas para prisioneiros, estabeleceu guardas em instalações de sérico e quartéis-generais, sempre com muito desvelo, tornando-se um elemento imprescindível à vida da Divisão, particularmente, no que dizia respeito ao tráfego de viaturas e ao trânsito do pessoal pelas estradas. (BRANCO, 1960, p. 341).

Percebemos que Artur acha-se importante e diferente dos demais, por ter sido escolhido para o serviço de polícia; segundo ele a inteligência, ou seja, o estudo e o porte físico, foram determinantes. Diz: “depois que nós estávamos na polícia, eu era o fulano, recebemos outra farda, outro armamento, a polícia mandava; até o sargento pra falar comigo tinha que fazer posição de sentido”. A farda, segundo ele, era amarela e tinha tiras brancas e as escritas militar poli, o capacete era vermelho e tiras brancas com as iniciais de militar poli, para durante a noite, serem por todos reconhecidos.

Os fatos que destaca neste serviço foi a prisão de um alemão próximo ao poço que abastecia a água dos soldados e, na barraca do general, o cuidado de uma prisioneira que estava incomunicável; segundo ele, não podia ser qualquer um para fazer estes serviços, pois exigia muita responsabilidade. Acrescenta dizendo que desempenhou bem o seu papel de polícia.

José Maciel, amigo de Artur e também ex- pracinha comenta, em poucas palavras, sobre o porte físico de Artur, dizendo que não sabe como ele não foi escolhido para o *front*, pois ele, que era “baixinho”, foi. Em alguns momentos de sua conversa, ele se contradiz, dizendo que Artur combateu na guerra, devido a seu porte físico.

Em relação ao apelido que recebiam os soldados da retaguarda, de Saco B, Maximiano nos explica:

Cada soldado expedicionário recebia dois sacos para roupa e material, o A e o B. Como o saco A acompanhava os infantes, permanecendo nas proximidades do *front*, e o B permanecia em depósitos quilômetros adentro da retaguarda, o segundo saco acabou servindo para denominar a parte da tropa expedicionária que não tomava parte nos combates. (MAXIMIANO, 2010, p.306).

Consideramos importante o reconhecimento que Artur fez, por meio da imagem a seguir, de um dos locais em que foi destacado após a chegada em Nápoles. Trata-se dos acampamentos em Stáfoli. Isso demonstra como este local ficou registrado em sua memória, porque mesmo sem comentarmos nada a ele, logo

ao ver a figura 13, disse que era de lá, com seus 90 anos de idade, conta com ótima visão, pois a qualidade da foto não era muito boa e, mesmo assim ele, conseguiu identificar o local, contou que faziam a segurança deste local, dois no início do acampamento e dois no final, supervisionando todos e tudo que entrava.



Figura 13: Acampamento em Stafoli

Fonte: FROHLICH, S.S, Longa Jornada com a FEB na Itália. p.44

É interessante quando Artur diz que, durante o inverno, período em que chegaram à Itália, nada tinha graça, nem pensavam em nada, só no gelo, “tudo eram loco, por qualquer coisa destrataavam os outros”; mas, depois que passou o inverno, ficou melhor. Artur começou a manter relações de amizade com os italianos e até uma namorada arrumou por lá, chamada de Mirela. Fala que sempre respeitou a namorada e sua família, ao contrário de alguns outros brasileiros, que se aproveitavam da situação do povo italiano. Cita um caso de estupro seguido de morte, cometido por um brasileiro com uma menina de 10 anos de idade, que morava com os avôs, os quais também foram mortos. Diz não saber a punição que foi dada, mas os americanos comentavam que isto era caso para pena de morte. Lembra não só sobre os casos de prostituição, já abordados no capítulo um, mas também de ajuda ao povo italiano, por meio de mantimentos e proteção, assim como eram ajudados, também em pequenos favores, como lavar a roupa, esquentar a comida quando estavam de serviço, entre outros.

Em tempos mais calmos, havia os bailes nas cidades onde os soldados que estavam de folga se animavam e paqueravam; podiam ficar até a meia noite, quando o caminhão da polícia do exército vinha recolhê-los.

O que povoava o pensamento de Artur era a família: tinha saudades do carinho da mãe e pensava em como estariam aqui no Brasil; diz que só depois de muitos meses, já no verão italiano, recebeu uma carta de familiares, contando que estava tudo bem e que um irmão seu iria casar. O que mais destacou sobre a carta é que os familiares falavam do frio no Brasil e ele já tinha passado por todo aquele frio da chegada e agora estava curtindo o verão. Diz que o maior medo dos soldados era não ver mais a família.

Os países do Eixo largavam panfletos que mexiam com o psicológico dos soldados. Nestes panfletos, segundo Artur, falavam que eles não veriam mais a família ou voltariam para casa mutilados; também diziam que eles não teriam mais o emprego de antes. Artur não se intimidava, pois sabia que ia voltar para o campo e lá continuaria o mesmo trabalho de antes junto com seus pais; sabia que iria ser bem aceito por eles. Diz que tinha muita fé em voltar e que não pensava em morte.

Segundo Artur, havia muita discriminação por parte dos norte-americanos que se consideravam superiores aos brasileiros. Sabemos que não misturavam, negros e brancos em suas tropas e Artur confirma isso dizendo que para os brasileiros todos eram iguais; isso foi uma lição dada aos norte-americanos em relação à convivência com o outro, com o diferente.

Quando os alemães se renderam, Artur fazia a vigilância na cidade de Fucechio e comenta que escutou tiros e festa entre soldados e italianos que gritavam pelas ruas “ braziliano finisho la guerra, finisho la guerra”. Artur ficou muito feliz, com um sentimento de dever cumprido e de poder voltar logo para casa.

Nos últimos meses na Itália, Artur foi transferido como polícia para o cemitério de Pistóia, onde já estavam um cabo e um sargento; a maioria do pelotão de sepultamento já tinha retornado ao Brasil, por isso a necessidade da transferência dele para lá. “As divisões combatentes, como a FEB, possuíam um Pelotão de Sepultamento. Depois do combate, o morto era recolhido, fichado, ensacado, suas placas de identificação retiradas, e enterrado em Pistoia.” (MAXIMIANO, 2010, p.151).

O que mais chamou atenção de Artur neste local foi a visita de uma mãe ao local onde foi enterrado seu filho; a emoção dela contagiou a todos. Artur comenta muitas vezes sobre o amor de mãe: “a mãe é tudo, o pai é amoroso também, mas o pai não tem aquele amor pelos filhos como a mãe tem; não tem coisa melhor que o amor de mãe, eu já tive mal e não tive o carinho de mãe.”

Apesar de não ser sua função, relata que ajudou a recolher alguns corpos, ou até mesmo pedaços de corpos; fala que um colega seu, ao descer de um caminhão, caiu para trás e o caminhão andando arrancou o pescoço dele; ele ajudou a recolhê-lo, comenta que foi uma das cenas mais horríveis a de ver um corpo sem cabeça. Outro episódio foi ver um colega morrendo com um estilhaço na barriga, as tripas estavam para fora, dava para ver os pulmões e ele pediu muito pela mãe antes de morrer. Artur diz que se tornou mais forte emocionalmente na guerra, mas com esses fatos aumentava cada vez mais a vontade de ir para casa.

O escalão de Artur já tinha vindo para o Brasil, mas, segundo ele, ficou sobrando. Por isso, seu retorno ocorreu dois meses depois, com o último escalão.

Artur dizia que as revoluções no Brasil eram piores do que a guerra, pois nas revoluções faziam banditismo, maldades com as pessoas, matavam por matar e na guerra não era assim, estavam defendendo a pátria.

Sobre os amigos que fez no quartel, ele cita o nome de Artur Ribeiro, de Roque Gonzáles, Adão Lencina, de Pirapó (que foi e voltou da guerra junto com ele), o comandante em São Luiz Gonzaga Osvaldo Antonio Borba e o comandante de seu esquadrão, Aluisio de Andrade Falcão. Da guerra, lembra dos colegas de barraca, Marcelino Casa Grande e o irmão Tiodo Casa Grande, de Caxias do Sul; tinha um do norte e um carioca que não lembra o nome, mas diz que eram tão amigos que tiraram uma foto juntos. Acrescenta lembrando-se dos que admirava muito, do Mascarenhas de Moraes, que era o comandante da tropa, e do comandante geral dos brasileiros e americanos, o general "Macrak". Fala inclusive que este último era um homem novo, que deveria de ter uns 40 anos apenas, e devia ser marechal.

2.3 Trajetória de vida no pós-guerra

Artur, juntamente com outros soldados que restavam na Itália, chegou a terras brasileiras no dia 03 de outubro de 1945, na cidade do Rio de Janeiro, onde foram recebidos com festa. Artur se impressionou com a quantidade de gente os recepcionando; comenta que desfilaram e começaram com três colunas e terminaram só em uma, por causa do avanço das pessoas e familiares de soldados. Artur não tinha ninguém o esperando, mas já esperava por isso, até porque, além da distância e da falta de recursos, sua família não tinha nenhuma informação a seu

respeito. Artur não sabia, mas sua família pensava no pior, pois um vizinho havia dito que Artur tinha morrido na guerra.

Sobre esse momento de recepção aos soldados que retornavam da guerra, Maximiano, registra:

A exultação inicial das festividades pelo retorno logo deu lugar à normalidade e à labuta cotidiana para a esmagadora maioria de expedicionários que gradualmente retornavam às suas ocupações de antes da ida à Itália. (MAXIMIANO, 2010, p.22).

Os soldados, ao chegarem ao Brasil, receberam alimentação, acerto de soldos e os que não eram de carreira foram desligados definitivamente dos serviços militares, o que contrariou o pensamento de alguns que pensavam em continuar no exército. Artur disse que chegaram a propô-lo que voltasse para a Itália para cuidar do cemitério por mais tempo, mas ele não aceitou porque queria ir para casa.

Depois de ficar um mês esperando o transporte que os traria de volta para o sul, Artur e mais dois amigos decidiram retornar com meios próprios, deslocando-se de ônibus ou de carona de cidade em cidade. Sobre isso, Artur comenta sentido e indignado: “como que quando foi pra nós ir, foi tudo fácil e rápido, já pra voltar nós tivemos que gastar nosso dinheirinho”. Diz que prometeram mundos e fundos, que Getúlio anunciava que quem fosse lá e voltasse ia ficar rico e nem transporte para voltar para casa havia. Este descaso ocorreu provavelmente por causa do modo como Vargas estava vendo os batalhões da FEB, isto é, como possíveis inimigos políticos para sua permanência no poder.

Apesar de todos os imprevistos, Artur relata que estava feliz por voltar para casa, lembrando com muito entusiasmo de sua chegada: “Deixei minhas malas atrás de uma árvore, dei um tiro e me escondi, já era noite, saíram todos para fora, logo a mãe chamou pelo meu nome”. Relata que foi uma festa só, que não dormiram aquela noite, fizeram churrasco e contaram causo a noite toda. É interessante que a data da chegada de Artur foi no dia do aniversário de sua mãe (15 de novembro), então a festa foi em dobro.

Artur voltou às atividades normais em relação ao trabalho com seu pai, no cuidado com o gado e na lavoura. Passado algum tempo do pós-guerra, Artur estava enamorado de Ernestina e faz um comunicado aos seus pais:

Aí a mãe e o pai tavam tudo tomando mate ao redor do fogo, eu disse: olha pai e mãe eu tô com vontade de juntar meus trapos, mas eu vou pedir licença, eu sei que eu sou maior de idade, mas faço a minha obrigação, se tão de acordo de eu me casar ou não tão, podem me dizer se não é do

gosto de vocês. Aí eles disseram: se é do teu gosto é do nosso também. Foi só o que me disseram.

O casamento ocorreu no dia 14 de setembro de 1946. Logo, já veio o primeiro filho, chamado Altino. Moravam perto da casa do seu pai, nas terras do patrão dele, Pedro Flá. Depois seu pai comprou terras no município de Porto Xavier e Artur ficou cuidando do gado e terras do patrão de seu pai no lugar dele. Artur nunca nos falou que sua esposa era sua prima de primeiro grau; quem nos revelou isto foi sua única irmã viva, Genciana, e os filhos que também sabiam desse parentesco e que falaram que os pais nunca comentavam o assunto, mas acreditam que não havia rejeição em relação a isto, porque era costumeiro que isto ocorresse em localidades pequenas. Contou apenas que a família dela morava também nas terras do patrão do seu pai e brincava que os campos tinham histórias para contar dos namoros deles.

O casamento foi no cartório de São Nicolau (localidade vizinha); os convidados, parentes e vizinhos acompanharam o casal a cavalo e depois, quando voltaram, fizeram a festa, Artur conta que deu para o sogro uma ovelha para o churrasco e farinha para o pão. O casamento pela igreja foi bem mais tarde, quando Artur foi escolhido como presidente de uma associação cristã e então foi exigido seu casamento pelo padre.

O casal teve 12 filhos. Artur nos explica o porquê dos nomes dos filhos, os quais se tornam interessantes o relato, pois alguns têm influência com sua vivência de soldado. O filho Aladi e o filho Valdir são nomes de soldados colegas de Artur; inclusive o soldado Valdir, que era de São Borja foi para a guerra também. O nome da filha Ernai é o nome de uma namorada de Artur na passagem pelo quartel de São Luiz Gonzaga. Pedro nasceu no dia de São Pedro. Eloí de Fátima, a esposa escolheu por ser nome de Santa. Jair foi devido a um senhor gaúcho que chegou à casa de Artur para buscar um cavalo que havia comprado do patrão e era muito simpático, então acharam bonito seu nome e colocaram no filho. Janete Terezinha e Edite eram filhas do patrão muito queridas por todos. Segundo Artur, a menina Edite cantava desde pequena e o interessante é que sua filha que herdou o nome também gosta de cantar desde criança. Dos outros filhos, Artur não nos explicou o porquê dos nomes, apenas disse que a maioria dos meninos foi ele que escolheu e das meninas, foi à esposa.

A música na família é bem presente, e vem passando de geração a geração, pois vimos que a mãe de Artur tocava e cantava, Artur, alguns filhos e netos também gostam de cantar ou tocar. Em um dos encontros para entrevista tivemos a oportunidade de presenciar três gerações cantando músicas gauchescas, Artur, o filho Jair e o neto Artur.

Sobre o seu relacionamento com os filhos, Artur comenta que nunca precisou dar um tapa em um filho e nem numa filha: “eu corrigia os filhos homens e minha mulher, as filhas; quando estavam fazendo arte, mandava eles irem trabalhar.” Artur disse que os filhos não se educa batendo, que não são animais e atribui essa forma de educar a como foi educado por seus pais, que procediam da mesma forma. Diz que apenas uma vez apanhou do seu pai porque errou um tiro de laço num boi e o pai achou que ele havia feito de propósito e atirou o laço nele.

Artur diz que, quando sua sogra ficou viúva ele fez uma casa perto da sua casa e que esta ajudava a cuidar dos filhos quando ele e a esposa iam para a lavoura; também teve uma professora que morou em sua casa, chamada Clarinha Magalhães, e que, em troca, no turno da tarde, quando não lecionava, cuidava dos filhos.

Sua esposa teve os 11 filhos em casa, de parto normal, com a ajuda da mãe dela e da mãe dele; algumas vezes, tiveram que chamar uma parteira, chamada de dona Cecília, que era paga para isso; conta que em um dos partos ele mesmo teve que ajudar a parteira, pois o nenê não queria nascer e a sua mulher já havia perdido as forças; então ele teve que apertar a barriga dela com força, mas deu tudo certo.

Artur nos conta emocionado da morte de dois filhos seus, o filho Valdir, que morreu afogado no rio Ijuí e que tinha 22 anos; acredita que tenha dado uma congestão, pois era logo após o almoço; o irmão Pedro estava junto, mas não pode fazer nada. Ele foi levado pela correnteza, “passamos dois dias na costa do rio, naquela emoção e sem poder saber se estava morto e não poder ver (respiro fundo) isso não é fácil.”

O filho Altino se enforcou, tinha 30 e poucos anos, era casado e já tinha um filho de 12 anos; não deixou nenhuma carta explicando os motivos.

Perguntado se algum filho havia servido ao quartel, Artur responde que apenas um e que foi através deste que ele teve a maior decepção com o quartel até os dias de hoje; nos conta que foi visitar o filho e não o encontrou na unidade de São Luiz Gonzaga, foi informado que o mesmo estava no hospital de Santo Ângelo com

pneumonia. Artur sabia que na época havia pouca medicação no quartel para este tipo de doença e foi ver o filho; o médico disse que o pulmão dele estava podre, que não havia o que fazer, mas Artur não aceitou e pediu para transferi-lo para Porto Alegre, onde ele foi tratado por seis meses, se curou e se apresentou no quartel para dar baixa. Artur disse que, depois deste episódio, nunca mais deixou nenhum filho ir pro quartel.

Artur passou em torno de 30 anos trabalhando na roça, sem receber pelo quartel; também trabalhou como inspetor de polícia em Pirapó, por uns seis anos. Artur julga que foi escolhido para este cargo porque ele era ex- pracinha. Para a escolha, foi feita uma reunião no salão onde escolherem um subprefeito e um inspetor; estava presente um juiz e um advogado, que o indicaram. Sua função era receber a parte (denúncia) e ir prender ou investigar os acusados. Conta que tinha bastante bandido nesta época, que prendiam bastante gente; tinha outro inspetor, que depende o assunto, iam juntos, mas este se envolveu numa briga e foi morto. Artur disse que um bandido o esperou em uma emboscada e descarregou o revólver nele, mas ele conseguiu se defender e deu um laço nele com um chicote que usava no cavalo.

Artur conta que de Pirapó foram mais dois pra guerra, Ramão e Adão Lencina, com este último, foram e voltaram juntos até Pirapó. Adão participou efetivamente do combate. Artur comenta que, quando voltaram, colocaram Adão para trabalhar de recenseador; ele esteve na casa de Artur para fazer o censo e depois nunca mais se viram; soube-se mais tarde que ele havia se matado, o que Artur considera muito estranho, porque ele era tranquilo, animado e engraçado.

Em conversa com o filho de um ex- combatente que se matou, o senhor Décio Schnorremberger nos fala que os ex-combatentes, pelo menos os amigos do seu pai (Marcos Schonorremberger), tinham uma espécie de pacto de suicídio, caso fossem sofrer para morrer depois de tudo que passaram. Segundo os filhos de Artur, ele nunca comentou nada sobre isto, e nunca tentou tirar a própria vida.

Depois de 15 anos trabalhando como capataz, juntou economias e comprou terra própria, mas sempre trabalhando com a terra e com o gado; segundo os filhos Edite e Vilmar, ele não tocava no assunto da guerra com eles, apenas com algum parente de longe que vinha visitá-los, daí Artur contava suas façanhas, demonstrando orgulho de sua participação na guerra; os filhos aproveitavam estas situações para escutar e quando o pai e a mãe saiam para a lavoura, eles mexiam

no baú onde o pai guardava os objetos que trouxe da guerra, como fotos, farda, cartas... Artur sempre comentou sobre a existência desse baú com os seus pertences, mas que havia se extraviado nas mudanças de moradia, o que para nós evidencia o pouco valor dado por familiares a estes pertences e, talvez até pelo próprio Artur, nos tempos em que não tinha reconhecimento da sociedade por este feito. Segundo os filhos, Artur começou a contar mais sobre a guerra só depois que começou a receber como ex-combatente, isso com seus 60 e poucos anos de idade.

Outro fator que pode ter contribuído para que Artur não comentasse muito sobre a sua participação na guerra foi o de ele ir morar em uma comunidade onde moravam muitos descendentes de alemães; seus vizinhos eram todos alemães, ele até sabia falar em alemão. Diz que tinha boa relação com estes vizinhos e que o próprio comandante, quando deu baixa, aconselhou que quem viesse para comunidades com forte presença de italianos ou alemães não era para contar vantagem da guerra para evitar confusões. Conta que tinham medo dele, alguns vizinhos assustavam suas crianças, dizendo: “lá vem o matador de alemão”. Artur disse que levava isso na brincadeira, mas percebemos que, ao contar isso, se sentia incomodado. Imaginamos como seria o imaginário destas crianças em relação a ele, ou seja, ele era o monstro para elas.

Logo após começar a receber pelo quartel, a sua esposa fica doente. Artur compra um carro, um Opala, para trazer a mulher a São Luiz Gonzaga, onde havia melhor tratamento médico, mas, pouco tempo depois, o médico sugeriu que morassem mais perto do recurso, ou seja, na cidade. Artur então se mudou para a cidade de São Luiz Gonzaga, no ano de 1991. Apesar dos cuidados, sua esposa faleceu cinco anos depois. A figura 14 demonstra a carteirinha de identidade militar de Artur e esposa, o que leva a crer que a eles era concedido um plano de saúde pelo próprio quartel.

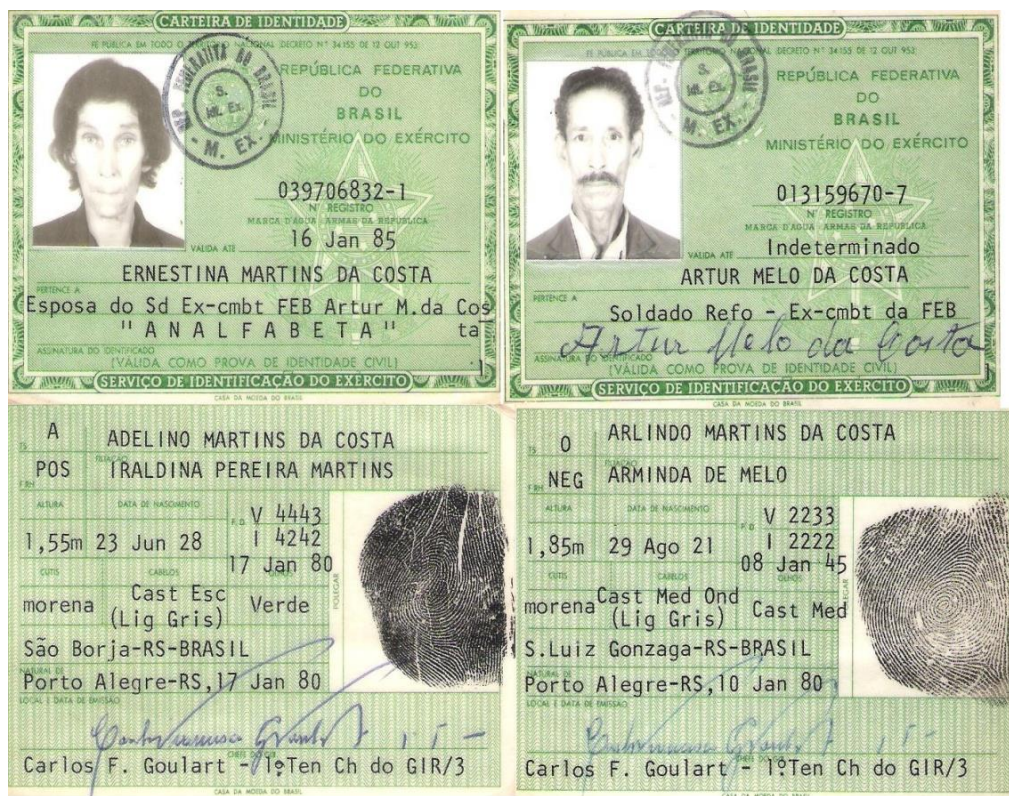


Figura 14: Carteiras de identidades militares.
Fonte: Material cedido pela família de Artur

Na década seguinte casou-se novamente com Dilma Marian da Costa, no dia 18 de setembro de 2000, a qual era bem mais nova, mas não tiveram nenhum filho. Dilma comenta que até tentaram, mas ela não engravidou, acredita que seja pela idade de Artur, que já tinha seus 80 anos. O casal vivia em plena harmonia, e nos últimos anos, morava com a mãe de Dilma, dona Olinda, que tinha ficado viúva há pouco tempo.

Artur, até seus 90 anos de idade sempre esbanjou saúde; forte, alegre, gostava de conversar, principalmente sobre a guerra; tinha consciência de que seus relatos eram importantes para a história. Artur nos contava que, quando falava na guerra, tinha dificuldades para dormir à noite, precisando de calmantes muitas vezes, pois, apesar de querer contar, voltava muitas imagens e a recordação de muitos fatos que marcaram seu psicológico. Artur lembra que às vezes sonha em estar na guerra. Um dos sonhos que nos contou é que estava de folga e um sargento chegou correndo, dizendo para pegarem as armas e ele se agarrou no braço da mulher, quase quebrou, e ela falava com ele, chamava, e ele demorou em voltar a si e perceber o que estava acontecendo; disse que isso acontece com frequência, que um dia agarrou a perna dela e achou que era um mosquetão.

Artur participava de cerimônias no 4º RCB, diz que desde que morava em Pirapó, mesmo sem receber nada, pagava condução para vir nas formaturas do quartel. Já nos últimos anos Artur era convidado de honra, onde tinha a oportunidade de falar de sua experiência na Itália e, segundo o comandante atual Tenente Coronel Carlos Alberto Klinguefufus Mendes, “suas falas e demonstração de patriotismo servem de exemplo para os soldados de hoje”. Também participava com muito orgulho dos desfiles de Sete de Setembro. Sempre que era convidado, fazia palestras, falando sobre sua vida e de sua participação na Segunda Guerra Mundial: “volta e meia vem professor e alunos, há alguns dias veio uma turma aqui, os alunos tinham ido pro quartel e falaram de mim lá. Passaram uma tarde comigo e eu fico satisfeito em falar para as pessoas que me dão valor”.

As lembranças de Artur são individuais, e estas memórias individuais, ao serem recuperadas, podem contribuir com a interpretação da sociedade sobre o fato histórico.

Em uma das palestras de Artur os alunos fizeram registros, a seguir parte de um deles:

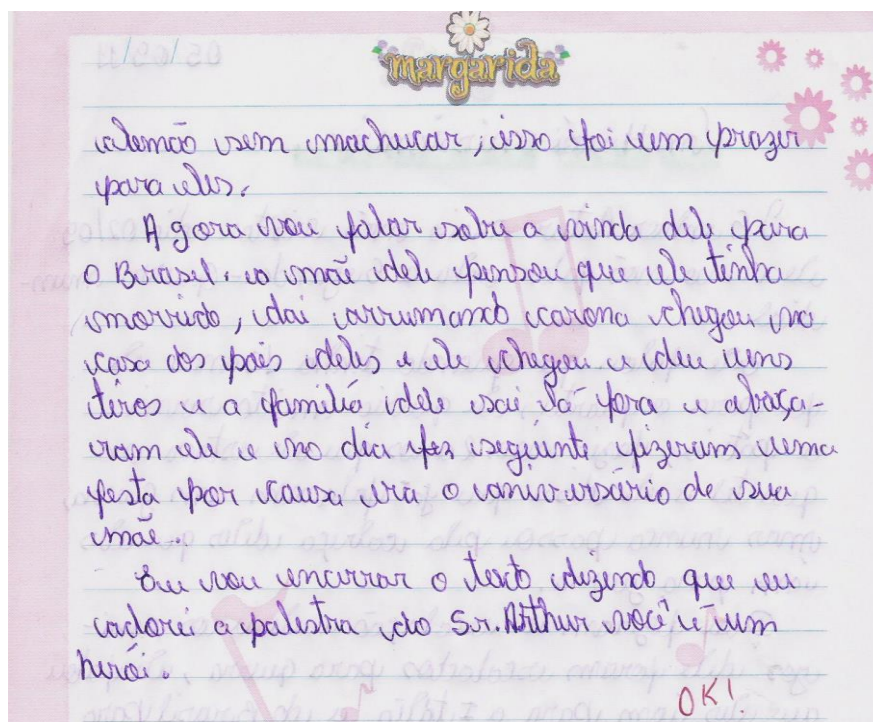


Figura 15: Redação da aluna Camila em relação a palestra de Artur na Escola Municipal Leovegildo Paiva, São Luiz Gonzaga, ano de 2011.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Não podemos deixar de registrar que sua participação e valorização na sociedade são-luizense é consequência do conhecimento sobre sua existência, que se deu de forma mais ampla por meio da divulgação do documentário “Artur Melo da Costa: Um herói Missioneiro”, onde Schmitz aborda esse processo de valorização e de certa forma heroização de um personagem local, o que demonstra que ele sai do anonimato para atingir a coletividade. É aí que se constrói a memória coletiva sobre ele, e não ele que a constrói. A partir do momento em que ele, oficialmente, passa a ser nomeado e valorizado como soldado reformado e ex-combatente da FEB. Ele participa de um movimento coletivo de ressignificação da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Pensamos que ficou claro que houve uma mudança na postura da sociedade em relação a ele, pois ele passou a ser elemento importante em muitos momentos. Destacamos que a mudança foi tão clara que o próprio Artur mudou o que pensava sobre si, passando a acreditar que é um herói. Tudo isso vai ter como uma das causas principais, senão a causa principal, o documentário sobre sua vida.(SCHMITZ, 2011, p.59).

Perguntado sobre o que mudou na sua vida após o documentário, Artur nos respondeu:

Eu melhorei meu ritmo de vida, minha cabeça, comecei a lembrar mais coisas que eu já estava esquecido, mais gente me conhece e me valoriza, até do quartel começaram a vir aqui e me valorizar, teve um sargento que não era daqui, e veio me visitar. O prefeito de Pirapó me deu uma placa e tirou uma foto, eu e ele sentado e uma bandeira do Brasil atrás de nós e disse: essa foto eu vou colocar aqui no meu gabinete para todas as pessoas que entrar ver nós. No museu de Pirapó tem foto minha. Um dia um amigo meu vendedor de filtro de água disse que entrou no museu de lá e a primeira coisa que viu foi o seu Artur lá. Pra mim é uma honra dizer que me criei em Pirapó e até hoje ninguém fala mal de mim lá. Só fiz coisa boa lá.

Uma hipótese para explicar o interesse do Exército na recuperação e valorização do seu Artur me parece ser a do esforço das Forças Armadas brasileiras, a partir do fim do Regime Militar, em reconstruir sua imagem diante da sociedade, sendo assim era importante a participação de ex- pracinhas nos desfiles cívicos, neste caso o senhor Artur.

Sobre o quartel, Artur faz algumas observações que diferenciam o hoje de antigamente. A respeito da farda, comenta que usavam bota e espora, chamando de “milico gaúcho” os soldados de seu tempo; a farda era diferente em relação à graduação; quando estavam de folga, tinham que usar um outro uniforme branco ou vermelho, se não eram recolhidos, também comenta que saiam cansados do

quartel, só pensavam em descansar, diferente de hoje, que não se conhece na sociedade quem é soldado quando estão folgando, e tem disposição para festas. Hoje, segundo Artur, melhorou muito, desde as roupas, o salário, a posição social, pois, são mais reconhecidos; destaca também as campanhas do agasalho e outras ajudas concedidas pelo quartel, que no seu tempo não existia. Por fim, comenta: “Se eu pudesse, estaria no quartel até hoje, o quartel é uma grande escola para essa juventude, essa gurizada vem pro quartel e saem documentado, para pedir serviço depois, já é um referencial”.

Artur pensava que, se tivesse tido a oportunidade de ficar no quartel, sua vida teria sido mais fácil, que teria crescido dentro do quartel, como ele mesmo diz “poderia ter sido uma grande coisa”.

Artur, na simplicidade de suas palavras, definia a palavra guerra da seguinte maneira: “guerra não é novela como mostram na televisão, é uma nação brigando com a outra por dinheiro ou até por um pedaço de terra, destruir as próprias pessoas por causa de uma benfeitoria”.

Para Artur, a guerra teve, como pontos positivos, o conhecimento de muitas coisas que não teria a oportunidade no interior, poder ter um final de vida mais confortável e deixar os filhos bem encaminhados. Diz que, para o governo, a guerra é apenas um negócio.

Sobre a possibilidade de haver uma guerra hoje em dia, Artur pensa que pode ocorrer, porque os países ainda têm muita ambição, mas que se acontecer, vai ser como um relâmpago, muito rápido, pois julga que os países estão mais preparados. No caso do Brasil, a guerra ocorreria pelos bens naturais, principalmente a água, mas acredita que o país agora está mais preparado do que no seu tempo, que ele viu armas no quartel de São Luiz Gonzaga com muita tecnologia: “o quartel tem arma que nenhuma outra nação tem igual, o Brasil tá preparado pra guerra”.

Artur nos impressiona ao dizer que na próxima vida gostaria de ser guerreiro novamente; diz que foi guerreiro durante toda sua vida e que naquele momento, estava sendo guerreiro pela vida.

Quando perguntado sobre qual recado deixaria para as próximas gerações, Artur se refere mais aos seus descendentes dizendo:

Vai ficar a recordação para os filhos e netos que eu não tinha dia e nem hora para trabalhar e hoje em dia quem sou eu. Também vai ficar na história a minha participação na guerra, uma parte da minha vida. Eles devem

estudar e se formar gente, pai e avô não dão conselho pro mal. Não posso deixar grande herança, mas sim o exemplo do que eu fiz.

Deixando assim o conselho em relação ao trabalho, ao estudo, quando ele fala em se formar gente, se refere à importância de ser uma pessoa íntegra, correta, e que esta é a grande herança que ele deixará, o seu exemplo de cidadão.

Artur comenta que um dia os filhos e netos vão contar para os seus descendentes que tiveram um avô veterano, assim como o seu pai lhe contava com orgulho do velhinho que participou da Guerra do Paraguai.

O seu maior orgulho é ver os filhos amparados e bem, depois de tudo que ele passou, “são pessoas de bem e sem vícios”.

Em relação à questão emocional, Artur considerava-se mais forte, sem medo para enfrentar muitas coisas, inclusive a morte. Relata vários episódios de mortes que ocorreram durante a sua vida, desde familiares a colegas de farda, sempre dizia que a morte chega quietinha, mansinha. A morte do senhor Artur foi dessa forma, aos 91 anos no dia 03 de novembro às 19 horas e 40 minutos, sendo enterrado no cemitério municipal no dia seguinte com honras militares.

Os familiares atenderam ao pedido de Artur, que era usar uma farda camuflada, a medalha que ganhou por ser ex- pracinha e a boina com a mesma identificação. As honras militares ficaram a cargo do quartel e, durante todo o tempo do velório, em cima de seu caixão ficou a bandeira do Brasil, pátria que Artur sempre idolatrou e defendeu.

Na sua despedida, em 04 de novembro de 2012, foi feita a leitura da seguinte mensagem:

“Filho de Arminda de Melo e Arlindo Martins da Costa, nasceu no dia 29 de agosto de 1921. Casou-se primeiramente com Ernestina Pereira da Costa , união que gerou 11 filhos, Edite, Jair, Ernai, Pedro, Fátima, Janete, Marli, Vilmar, Aladi e Altino e Valdir (em memória), teve 27 netos e 19 bisnetos, aos quais sempre deu bom exemplo. Nos últimos 12 anos de vida sua esposa e companheira foi Dilma Marian da Costa, esta deu a ele atenção e conforto até seus últimos dias de vida. Dilma, Dona Ondina e a neta Daiane merecem nosso agradecimento pelo cuidado incansável com seu Artur nos últimos meses de vida. Artur, foi uma pessoa honesta, trabalhadora e guerreira. Foi um dos ex- pracinhas da Segunda Guerra Mundial, fato memorável em sua vida que, devido à sua memória excepcional, impressionava a todos com suas histórias. Sempre teve orgulho de ter sido um militar e isso justifica o pedido de nos deixar usando a farda do exército brasileiro. O senhor Artur foi um herói para muitos de nossos jovens e deixa um belo exemplo de patriotismo e de vida. Sua história não termina aqui, ela continua e vai ser contada por muitas gerações”.

Essa mensagem expõe um breve histórico de sua vida, mas o que nos chama a atenção é o destaque para sua participação como ex- pracinha, o seu patriotismo que não foi abandonado, nem neste momento, pois era pedido do mesmo ser enterrado usando fardas militares, a boina e medalha que o identificavam, como participante da Segunda Guerra Mundial.

O nosso registro como pesquisadora, em relação a esse personagem histórico, tem como objetivo deixar para as próximas gerações a sua história de vida, dessa forma, além da pesquisa, pensamos em uma exposição de forma permanente de materiais que retratam sua trajetória no Museu Municipal Senador Pinheiro Machado em São Luiz Gonzaga, cidade que apreendeu a valorizar as suas histórias e memórias. Sobre a exposição, faremos um relato no capítulo a seguir.

Portelli (1997) afirma que o diferencial da história oral está em ela apontar menos os eventos e mais os significados deles, e considerar a memória não apenas como um depositário de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Artur demonstra, em sua narrativa, o que significou o evento da Segunda Guerra Mundial em sua vida, e nossa pesquisa, com a recuperação da história oral, traz a informação sobre esse contexto histórico, tendo a preocupação de resgatar esta “voz do passado”¹⁹ e dar-lhe um lugar na história.

A memória preservada de nosso entrevistado foi muito importante para nosso estudo, sobretudo porque “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória”. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

¹⁹ A expressão é do historiador inglês Paul Thompson, 1992.

3 A HISTÓRIA CONTINUA – O PRODUTO

Desde o ano de 2004, quando entramos em contato com o nosso entrevistado, objeto de nossa pesquisa, o senhor Artur Melo da Costa, um ex-pracinha da Segunda Guerra Mundial, uma das principais preocupações como pesquisadora era a de deixar o registro de sua história; num primeiro momento, isto foi feito através de gravações pessoais e do documentário “Artur Melo da Costa: um Herói missioneiro”.

O projeto do documentário foi desenvolvido com a colaboração de Anderson Iura Amaral Schmitz e patrocinado pela prefeitura municipal de São Luiz Gonzaga, no ano de 2006.

Também como educadora, incentivamos a participação do senhor Artur como palestrante nas escolas de São Luiz Gonzaga.

Com a possibilidade de aprimorar os nossos estudos, em nível de mestrado, tivemos também a oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre esse personagem histórico da nossa região. Com isso, fizemos mais entrevistas orais com o nosso objeto de estudo e com familiares, além de pesquisas bibliográficas sobre o momento histórico que o personagem vivenciou.

No transcorrer do primeiro ano dos nossos estudos em nível de mestrado, o senhor Artur completou 91 anos de idade. Encontrava-se em estado frágil de saúde, permanecendo acamado, mas, mesmo assim, impressionava por sua memória e vontade de contar sobre sua vida e principalmente sobre a guerra. Segundo depoimentos de familiares que o acompanhavam diuturnamente, a visita da pesquisadora sempre foi motivo de alegria e falar na sua participação na guerra mais ainda, sendo um dos únicos assuntos em que ele demonstrava interesse. O que realmente impressionava é que, mesmo com seu estado de saúde agravando, continuava com uma grande lucidez, que só foi atingida poucas vezes pelos medicamentos fortes ou nas últimas horas de existência.

Na mensagem de despedida, já citada no capítulo dois, destaca-se a última frase, em que disse: “sua história não termina aqui, ela continua e vai ser contada por muitas gerações”.

O senhor Artur e seus familiares, sempre foram informados a respeito das intenções do registro de sua história, por meio dessa pesquisa, e até da possibilidade de sua história tornar-se um livro no futuro. Em troca, recebemos

apoio, e incentivo dos familiares, que também tinham o desejo de sua história não ser esquecida.

A ideia do produto foi sendo construída em meio a essa pesquisa, pois se percebia a atenção que o senhor Artur dava a certos objetos guardados por ele como relíquias. Com o objetivo de preservá-los, pensou-se primeiramente em colocarmos este material como acervo do museu, o que foi falado em vida para o senhor Artur que concordou e autorizou essa ideia.

Alguns dias após seu falecimento em 03 de novembro de 2012, sua esposa fez contado conosco e cedeu diversos materiais, que serão especificados mais adiante. Com esse material em mãos, foi feito o projeto, colocando nossas intenções em deixá-lo como acervo do Museu Municipal Senador Pinheiro Machado de São Luiz Gonzaga.

Em conversas informais com funcionários do Museu Senador Pinheiro Machado, eles nos falavam que diversas pessoas lhes pediam mais informações sobre o ex- pracinha. Estes tinham poucas informações a conceder, a não ser um livro da história de Pirapó, que fazia um breve relato sobre a sua existência. Ou seja, o projeto viria ao encontro dos anseios dos funcionários e da população em geral. Entretanto, como sabemos que o fato de guardar objetos em um museu não contribui da maneira esperada, procuramos uma maneira de dar mais ênfase a sua história de vida e a esse material que seria salvaguardado no Museu, pensamos em fazer uma exposição itinerante e “folders”, divulgando sua trajetória de vida. Pretendemos também, dar uma maior valorização a história mais recente de São Luiz Gonzaga, fazendo com que as novas gerações dêem mais atenção e percebam que a história se dá no nosso cotidiano.

O produto que apresentamos como pré-requisito para o Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural é a salvaguarda de objetos, imagens e pesquisas referentes ao ex-combatente Artur Melo da Costa. Material esse que fará parte do acervo da exposição de longa duração do Museu Senador Pinheiro Machado na cidade de São Luiz Gonzaga. Integrando esse produto desenvolvemos também uma exposição itinerante com três banners que fazem um breve histórico da vida de Artur, além de destacar o material exposto no Museu. Também montamos um “folder” para ser distribuído a população visitante do Museu e também nos locais que a exposição itinerante for exposta.

Na condição de educadores, entendemos que nossas práticas devem suscitar reflexões acerca do patrimônio existente, tanto material como imaterial, sendo este divulgado por meio de “lugares de memória” que são estimulados por meio do turismo.

O nosso trabalho situa-se no âmbito do turismo cultural que pode ser entendido como todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana, tendo como exemplos a história, o cotidiano, o artesanato, etc.

3.1 Turismo em São Luiz Gonzaga

O atual município de São Luiz Gonzaga, localiza-se na parte central da região das Missões. Abrange áreas remanescentes dos antigos Sete Povos das Missões, localizados à margem oriental do Rio Uruguai, entre os séculos XVII e XVIII, compondo um total de 30 povos entre a área brasileira, argentina e paraguaia. O início da cidade deu-se no mesmo espaço da redução de São Luiz. Também no interior do município, a 30 quilômetros, encontram-se as ruínas de São Lourenço Mártir, onde estão preservados alguns vestígios da permanência dos índios guaranis no período de redução. As missões foram fundadas por padres jesuítas, pertencentes à Companhia de Jesus.

Sobre a história missioneira das reduções são-luizenses e de São Lourenço e seus vestígios, o livro intitulado “São Luiz Gonzaga & São Lourenço Mártir”, dos autores Rafael Baioto, Júlio Quevedo e Anna Olivia do Nascimento, que faz parte de uma coleção sobre os “Sete Povos”, em suas últimas páginas registra alguns motivos do declínio das Missões, entre os quais está a dilapidação do patrimônio no século XIX. São Lourenço ficou totalmente abandonado, já São Luiz foi repovoada por uma nova população, que reconstruiu o espaço urbano em cima das ruínas da antiga São Luiz, muitas vezes se utilizando das próprias pedras que antes compunham as antigas construções indígenas para fazerem suas novas casas. (BAIOTO, 1998, p.50-51).

Atualmente há uma valorização dos aspectos e da história missioneira, através do turismo na região. Roselene Moreira Gomes Pommer, em seu livro “*Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional*”, comenta sobre a tentativa de investir no turismo na região das Missões, principalmente como forma

econômica, após a crise financeira de 1980, destacando o caso de São Luiz Gonzaga.

Já João Alberto Machado Hengen, em sua dissertação de mestrado, intitulada “*Turismo, História e Memória: possibilidades de integração cultural latino-americana*” nos explica sobre o turismo através dos “lugares de memória” que a comunidade, entende como pertencendo ao seu passado, ou seja, a sua história, sendo assim seu patrimônio cultural.

[...] ao estudarmos os lugares de memória missioneira no município de São Luiz Gonzaga, observamos que o patrimônio surgiu quando a comunidade cultural lhe deu forma, laços de ligação e principalmente pertinência, ou seja, o sentimento coletivo de pertencimento. (HENGEN, 2005, p.43).

Pode-se inferir, a partir das teses de Pommer e de Hengen, que os mesmos se inserem na análise de Pierre Nora (1993, p. 7-28), que, em resumo, afirma que a história apropriou-se da memória, utilizou-se dela para transformar em concreto aquilo que supostamente era distante de nós; a memória nos dá o sentimento de pertencimento, de familiaridade com a história. Nora afirma que é necessário criar “lugares de memória”, para que esta se perenize. Uma das formas de perenizar estes “lugares de memória” é o turismo.

Faremos a seguir uma breve descrição de alguns lugares de memória que são pontos turísticos em nossa cidade e para isso, usaremos como fonte de informação, o Jornal impresso *A Notícia*. No ano de 2013 a partir do dia 09 de março, o jornal abordou sobre os pontos turísticos de São Luiz Gonzaga, por meio de reportagens do 2º caderno, intituladas “O Turismo é aqui”. Este enfoca imagens, histórico e outras informações relevantes, mostrando aos leitores o potencial turístico do município. As reportagens finalizaram-se no dia 18 de maio de 2013. Esta fonte foi escolhida porque o referido jornal é um dos principais meios de comunicação e informação da região das Missões, e por serem publicações extremamente recentes. As reportagens poderão ser visualizadas nos anexos A ao P na ordem que serão abordadas a seguir.

O primeiro tema tratado pelo jornal é o Museu Municipal Senador Pinheiro Machado, localizado na esquina da Praça Matriz, prédio da antiga residência de José Gomes Pinheiro Machado, senador da República desde os primeiros anos desta (1889) até o ano de sua morte, em 1915. Foram preservados móveis e

vestimentas desse influente político gaúcho, além de um acervo mais contemporâneo da história de São Luiz. Atualmente o museu é coordenado pelo professor mestre João Alberto Machado Hengen, diretor dos museus de São Luiz Gonzaga. Segundo pesquisa publicada, o museu teve, em 2012, a presença de 2.789 visitantes, divididos da seguinte forma: São Luiz Gonzaga - 1923 visitantes; outras cidades – 682 visitantes; outros estados- 171 visitantes, outros países – 13 visitantes, sendo 11 da Argentina e dois dos Estados Unidos. Outros aspectos desse museu serão abordados posteriormente, pois é nele que se encontra a exposição com os acervos do senhor Artur Melo da Costa.

O segundo lugar pesquisado foi o Museu Arqueológico de São Luiz Gonzaga, o qual reúne um grande acervo encontrado em escavações e está mais direcionado à história missioneira. O Museu localiza-se no Centro Esportivo Cícero Cavalheiro e foi criado através da lei municipal nº 2455 de 19 de setembro de 1991 e concretizada pela Secretária Municipal de Educação e Cultura em 22 de junho de 1993. Seu acervo contempla material arqueológico resgatado durante as escavações coordenadas pelo professor Arno Kern da PUC/ Porto Alegre, no sítio arqueológico de São Lourenço Mártir. Esse acervo consiste de materiais em cerâmica, pedra, ossos, mas o que chama mais atenção é uma pia batismal (usada até pouco tempo pela igreja católica para batismo das crianças), uma urna funerária (usada para enterrar os índios) e uma maquete da Redução de São Luiz Gonzaga, obra de Vinicius Ribeiro. Segundo dados divulgados pelo próprio museu, no ano de 2012, ocorreu a visita de 4.090 visitantes, assim distribuídos: São Luiz Gonzaga- 3528 visitantes; outras cidades do estado - 445 visitantes; outros estados - 107 visitantes e outros países - 10 visitantes. O horário de funcionamento é das 8h às 11h30min e das 13h30min às 17h, de segunda a sexta e pode ser agendado para os fins de semana.

A terceira reportagem trata da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, construída no ano de 1926, por um grupo de senhoras devotas dessa santa. Ela retrata a fé desse povo, que viveu momentos de tensão em 1924, devido à chegada no quartel da cidade de Luiz Carlos Prestes e a aproximação dos legalistas, que queriam combatê-lo, uma vez que, estava arregimentando pessoal para seguir com a Coluna Prestes²⁰. Essas senhoras, muitas mães de militares da cidade, juntamente com o

²⁰ A Coluna Prestes foi um movimento liderado por militares contrários ao governo da República Velha. O nome é devido ao líder se chamar Luís Carlos Prestes, capitão do exército. O movimento

padre Monsenhor Estanislau Wolski, vigário da época, fizeram uma promessa de construir a gruta, caso não houvesse batalha e, não havendo, a promessa foi cumprida.

A reportagem publicada dia 20 de março abrange as estatuárias missioneiras, esculpidas no século XVIII pelos padres e índios da redução de São Luiz Gonzaga. São doze imagens de santos, entre eles São Luiz, que estão expostas na Igreja Matriz da cidade e chamam atenção da comunidade e turistas por sua beleza.

Sepé Tiaraju é tema da próxima publicação. Há na cidade uma escultura de Sepé, feito por Vinicius Ribeiro, primeiramente colocada no trevo de acesso à cidade para apreciação e visitação. Atualmente, está fixada em frente à prefeitura municipal. A inauguração da escultura se deu no dia 19 de abril de 2006, que é coincidentemente comemorado o Dia do Índio. Ela tem 06 metros de altura e foi feita a mão, em concreto armado.

No dia 27 de março, a reportagem apresenta a Igreja Matriz (Católica), informando que sua construção teve início no ano de 1932 e a inauguração deu-se em 19 de novembro de 1945. O padre Augusto Preussler, vigário da cidade na época, foi o autor do projeto que envolvia vários estilos, com a predominância do gótico. Segundo a pesquisa, suas medidas são: 48 metros de comprimento; 22 metros de largura; 03 naves e 48 metros de torre. É no seu interior que se encontram as 12 estátuas missioneiras que citamos anteriormente. Além das estátuas no seu interior, destaca-se as pinturas do padre Armando Sebert, que são Nossa Senhora do Chimarrão e Nossa Senhora com o menino Jesus, recebendo do gaúcho um chimarrão. Isso retrata a homenagem à cultura gaúcha e ao hábito que herdamos dos índios.

Na edição do dia 30 e 31 de março, o assunto é o Sítio Arqueológico de São Lourenço Mártir, que é considerado Patrimônio Histórico Nacional e se localiza no interior de São Luiz Gonzaga, em torno de 30 quilômetros pela BR- 285. Ele faz parte da Rota Turística de São Luiz Gonzaga e também integra o roteiro do Circuito Internacional das Missões. Lá podemos encontrar vestígios coletados no próprio sítio. Foi a quinta redução a ser construída e foi fundada pelo padre Bernardo de La Veja, em 1690. Hoje nos dá uma boa impressão em relação ao tamanho de uma redução.

ocorreu de 1925 a 1927. Percorreram grande parte do território brasileiro, cerca de 25 mil quilômetros, incentivando rebeliões contra o governo.

Na mesma edição, é abordado o Parque Centenário, que leva esse nome pois marcou a passagem de 100 anos do município. Ele ocupa um espaço de sete hectares e é usado para festas, exposições, atividades culturais. Tem um pavilhão de três mil metros e uma pista para Cross e Supercross.

No dia 03 de abril, o jornal faz um breve histórico da cidade, assunto que já detalhemos no decorrer da dissertação.

A pesquisa do jornal continua com um pouco da história de Jaime Caetano Braum, um poeta, declamador e pajador, nascido na região das Missões. Foi construído um monumento em sua homenagem, inaugurado em São Luiz Gonzaga, em 10 de outubro de 2009, mais um trabalho de Vinícius Ribeiro. A obra está localizada no trevo da CESA, na BR- 285, e tem seis metros de altura, dois metros de largura e pesa aproximadamente sete toneladas. No seu entorno atualmente está sendo construída uma praça.

O próximo assunto abordado no jornal é o Centro de Criatividade, que completa 30 anos de história em 2013. A entidade mantém a Arte Nossa, localizada no centro da cidade, próximo ao Museu Municipal Senador Pinheiro Machado, entidade que comercializa obras de artesões cadastrados. Entre os eventos promovidos pela entidade, estão a “Mostra da Arte Missioneira”. Segundo a pesquisa, entre os objetivos do centro de criatividade estão o de incentivar a atividade criadora; estimular na comunidade o gosto pela arte; integrar pessoas que possuem habilidades e/ou interesses pelas diferentes áreas de manifestação artística; oferecer oportunidade de crescimento cultural no desempenho das atividades artísticas e difusão cultural.

O 11º assunto se refere ao atual 4 ° Regimento de Cavalaria Blindado, regimento transferido para São Luiz Gonzaga em 08 de junho de 1905, com a denominação de “5º Regimento de Cavalaria Ligeira” sob, o comando do Ten. Cel. João Inácio Alves Teixeira. Em 1920, teve sua designação mudada para “3º Regimento de Cavalaria Intendente”. Segundo a pesquisa do jornal, foi inicialmente acantonado nas instalações do antigo Colégio dos Jesuítas e veio a receber seu atual quartelamento em 08 de junho de 1924. Neste período, exerceu a vigilância da fronteira, combateu o contrabando e forneceu boa parte de seu efetivo, inclusive o comandante, então major Leovegildo de Paiva, para a campanha do Contestado que ocorreu entre 1912 e 1916 em uma região contestada entre o estado do Paraná

e Santa Catarina. Participou, ainda, dos movimentos revolucionários de 1924 e 1932.

Em 1954, o então 3º Regimento de Cavalaria recebe a denominação “Regimento Dragões do Rio Grande”. O atual 4º RCB recebe a denominação Regimento de Cavalaria Blindado, em janeiro de 1974 e mantém a denominação “Dragões do Rio Grande”.

O assunto abordado na próxima edição é o trabalho realizado pelo Setor de Turismo em São Luiz Gonzaga. Ele informa que tanto o Sítio Arqueológico quanto o Museu Municipal de Arqueologia localizado no Centro Esportivo Cícero Cavalheiro, fazem parte da “Rota do Turismo Internacional das Missões”, os quais são visitados por turistas de diversos lugares do planeta. Segundo o secretário, responsável pelo Turismo, Aldimar Machado, em São Luiz Gonzaga, e sua assessora, Sandra Ferreira, que é formada em turismo, em entrevista concedida ao jornal À Notícia no mês de janeiro, o número de turistas foi de 48 pessoas. Em fevereiro houve uma pequena redução para 23 pessoas, oriundos da Argentina, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Os dados referem-se ao ano de 2013 e as visitas que passaram pelo quiosque do Turismo, localizado na praça central do município.

A estrada de ferro e mais especificamente a Estação Ferroviária é o próximo assunto abordado pelo jornal, que enfoca ser este um dos pontos turísticos mais lembrados pelos são-luizenses. José Gomes Pinheiro Machado, como político influente da região no início do século XX, já pleiteava a existência de uma ligação férrea a São Luiz, iniciando-se as obras nesse período. Mas, após sua morte a obra foi abandonada. Em seguida temos na região, como político influente, Getúlio Vargas, que, como deputado lança o projeto, não aceito de imediato, mas logo após, como presidente, viabiliza as obras. Esta estrada foi inaugurada no ano de 1937, sendo muito comemorada no dia 20 e 21 de abril. Sobre este assunto há registro em São Luiz de uma dissertação de Jardel Magalhães Tobias, pelo Programa de Pós Graduação Especialização em História do Brasil Contemporâneo onde se aprofunda no assunto “A Viação Férrea no Município de São Luiz Gonzaga”.

Na sequência o assunto se refere à Cruz, conhecida como Cruz Missioneira, por ser composta de dois braços e estar presente na frente das reduções e também nos trevos de acesso a maioria das cidades da região das missões. Mesmo recebendo vários nomes e outras originalidades ela já incorporou o imaginário do

povo missioneiro. Sobre a existência dos dois braços é incorporado o pensamento de representar a fé dobrada dos fiéis.

Neste contexto, acrescentamos as reflexões de Pommer (2006, p.133-134), que diz "... a cruz é um dos símbolos mais respeitados da identidade missioneira" afirmando que os municípios, ao pretenderem investir em sua Identidade Missioneira passaram a constituir elementos de transformação de sua paisagem, colocando em evidência formas que se referem ao passado missioneiro. Foi o caso das cruzes missioneiras, que passaram a ocupar, cada vez mais, espaço nesta região.

Uma paisagem identificada pelo jornal como ponto turístico é a ponte metálica sobre o rio Piratini, que retrata um pouco da própria história do município e sua evolução. A passagem por esse rio que ligava principalmente São Luiz a São Borja era feita primeiro por vaus do rio e a partir do ano de 1800, por balsa. Mais uma vez, o Senador Pinheiro Machado, com sua influência política, conseguiu a construção de uma ponte desmontável e mista; os pilares eram de pedra, armação metálica e piso de madeira. Sua inauguração deu-se em 1903, mas em 1923 e 1924 ela foi queimada por causa das revoluções do momento, voltando a funcionar a balsa. Os reparos foram feitos em 1926 e em 1935, sendo usada até a liberação da BR- 285.

O último assunto a ser abordado no jornal é a beleza da nossa praça central, chamada de Praça da Matriz. Esse lugar tem valor histórico por ser o espaço onde foi feita a redução de São Luiz e depois o início da atual cidade. A reportagem se refere mais a questão da vegetação, que há 90 anos ou mais, ainda não existia. Hoje é uma bela vegetação, considerada uma das mais exuberantes da região, onde encontramos árvores quase centenárias.

Fazendo a descrição das reportagens feitas pelo jornal *A Notícia*, acreditamos ter contribuído com um relato claro sobre o turismo em São Luiz Gonzaga.

3.1.1 Museu Senador Pinheiro Machado

Esse Museu é um dos pontos turísticos de São Luiz Gonzaga, tendo em seu acervo a história mais recente da cidade. Sabemos que o nosso produto fará parte do turismo em São Luiz Gonzaga, pois fazendo parte do acervo do Museu Municipal Senador Pinheiro Machado, estamos nos referindo a "lugares de memória" e locais visitados por turistas.

O prédio do Museu, onde morou o Senador José Gomes Pinheiro Machado, um político do período republicano, hoje é um local com acervos doados pela comunidade, contando parte da história de São Luiz Gonzaga, inclusive desse agente histórico.

O referido Museu foi fundado em 08 de maio de 1975 e é uma instituição de caráter educativo, mantido pela Prefeitura Municipal. Seu objetivo principal é preservar objetos, documentos, fontes de pesquisa, sendo um instrumento de divulgação da história e da cultura do município e região. Funciona no turno da manhã e tarde, de segunda a sexta-feira; nos fins de semana e feriados funciona com pré-agendamento.

No corredor da entrada do Museu Senador Pinheiro Machado, encontramos um relato da biografia do Senador e à esquerda, uma sala com alguns materiais do mesmo, tais como: roupas, móveis, máscara mortuária, fotografias dele e da família, tinteiros, espada usada por ele, entre outros.

Seguindo o corredor de entrada, encontramos outra sala, que tem, como ponto principal, a exposição de moedas de várias nacionalidades e de vários anos (1869 até os dias atuais). Nesta mesma sala, há fotos de São Luiz Gonzaga mais antiga, do século XIX e XX, com destaque para a questão da aviação nas décadas de 1940 e 1950. Nesse espaço também encontramos documentos históricos, como jornais antigos, entre outros.

À esquerda desta sala com as moedas, localiza-se a chamada sala da leitura, onde estão dispostos todos os exemplares do principal jornal da cidade, *A Notícia*, e também a evolução das máquinas de datilografias, rádios, toca discos, gramofone, telefones doados pela comunidade, mostrando a evolução tecnológica nos meios de comunicação. Aos fundos, temos as dependências com um pequeno banheiro, cozinha e almoxarifado.

Do lado direito do corredor principal, a primeira sala é da administração, hoje ocupada, no turno da manhã, por uma funcionária chamada Maria Janete Bogado e, no turno da tarde, pelo diretor dos museus, João Alberto Machado Hengen. Nesta sala, há um armário onde constam os principais documentos datados e fotografados das administrações municipais são-luizenses e sobre a história de alguns municípios da região.

Seguindo à direita, encontramos um salão bem espaçoso. Nele há diversos objetos como, por exemplo: armas antigas, objetos da cultura gaúcha, fotos da

Praça Matriz e entorno, coleção de vários modelos de ferro de passar roupa e de máquinas de costura. Também há um armário de exposição permanente de Jaime Caetano Braun, que é um músico renomado por cantar a história missioneira; neste espaço, ficaram livros e indumentárias suas. Na mesma sala, o diretor dos museus nos concedeu um espaço para a salvaguarda do material do senhor Artur Melo da Costa.

Sobre os Museus, temos como definição pelo Departamento de Museus e Centros Culturais e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em outubro de 2005 o seguinte:

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações

II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV – a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas.

(<http://www.museus.gov.br/museu/> acesso em 10 de abril de 2013.)

Ao pensarmos na salvaguarda do material de Artur Melo da Costa, pensamos em uma preservação, mas não só como um lugar onde a sua história é preservada, mas também numa célula de incentivo a uma maior produção sobre o seu personagem ou sobre outros personagens da história recente de São Luiz Gonzaga, que, muitas vezes, são esquecidos pelas novas gerações.

Portanto, nós ocupamos um lugar de memória são-luizense, neste caso o Museu Municipal Senador Pinheiro Machado, que é ponto de visitação e de referência do turismo em São Luiz Gonzaga, para que haja uma maior valoriza o na preserva o da memória e da história do senhor Artur, por meio da salvaguarda dos materiais que retratam a sua trajetória de vida.

3.2 A salvaguarda do material de Artur Melo da Costa

A salvaguarda de materiais é uma medida de proteção adotada para a preservação e conservação de objetos, devido a sua importância econômica ou histórica. Ao estarem estes objetos em um museu, podemos nos referir a materiais culturais, pois expressam a vivência do todo ou de uma parcela da sociedade.

Os materiais de Artur se inserem no contexto cultural, pois intrinsecamente ou de forma direta remetem a sua história de vida.

Os objetos selecionados para uma exposição são, na verdade, escolhidos (valorados) duas vezes: a primeira para integrar o acervo da instituição (ou in situ) e a segunda para associar-se a outros objetos – também escolhidos – para serem expostos ao público. (CURY,2006, p. 26).

Faremos a seguir uma descrição dos materiais expostos no Museu Senador Pinheiro Machado sobre o senhor Artur Melo da Costa. Conforme as figuras de número 16 a 37, veremos que os materiais consistem em fotografias e objetos.

A figura 16 se refere à fotografia de Artur na adolescência; foi cedida por uma sobrinha e afilhada do senhor Artur, residente no interior de Porto Xavier- RS. A foto chamou atenção pois retrata um período de sua adolescência, em torno de seus 15 anos de idade, e a mesma comprova que realmente uma das paixões da vida de Artur era a vida no campo e a lida com os cavalos.



Figura 16: Artur Jovem
Fonte: Arquivo da Família de Artur Melo da Costa

A figura 17 é uma cópia reprográfica do livro “Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial” de Cesar Campiani Maximiano, e está na página 34 com a indicação, “Embarque de unidades do 2º e 3º escalão no Porto do Rio de Janeiro” ou seja, representa soldados da FEB embarcando para a Itália no porto daquela cidade. Torna-se importante porque, quando lemos o livro e o apresentamos ao senhor Artur, fazendo indagações a ele, por meio de algumas informações obtidas no livro, também começamos a mostrar-lhe as imagens e, nesta imagem, o mesmo se surpreendeu e disse : “olha aquele ali sou eu ... parece eu”; então destacamos na foto com um círculo branco o soldado que foi apontado por ele. O referido foi para Itália no 3º escalão e, ao compararmos com a figura 16, de sua adolescência, é possível reconhecer alguns traços de Artur na imagem coletiva. Além disso, o mesmo se reconhece não só como pessoa na imagem, mas como parte integrante do momento, como um soldado brasileiro indo para a guerra.



Figura 17: Expedicionários da FEB embarcando para a Itália
Fonte: Livro “Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial” de Cesar Campiani Maximiano. São Paulo: Grua, 2010, p. 34.

O Senhor Artur participava de algumas palestras em escolas de São Luiz Gonzaga; a que consta no registro fotográfico da figura 18 é a Escola Municipal de Ensino Fundamental General Leovegildo Alves Paiva. Nas palestras, o senhor Artur contava para os alunos sobre sua trajetória de vida, principalmente sobre a sua passagem pela guerra. Era indagado pelos alunos, e sempre respondia com alegria. Os educandos apreciavam muito suas palestras, perguntavam muito não só sobre a guerra, mas sobre sua vida pessoal, sobre seu patriotismo. Um dos alunos presentes nos afirmou que, a partir desse dia, decidiu seguir a carreira militar, influenciado pelo

belo exemplo de patriotismo passado pelo senhor Artur. Outros alunos relataram que foram motivados para ingressar no Programa Força no Esporte (PROFESP), do 4º RCB. No momento da fotografia, ele recebeu uma homenagem pela passagem de seu aniversário e tirou foto com todos os alunos. Esta é a foto coletiva, pois após, cada aluno pediu para tirar uma foto individual com quem consideram um herói.



Figura 18: Palestra para alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Gen. Leovegildo Alves Paiva (setembro/ 2011)
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora

A figura 19 a seguir, mostra os alunos da Escola José Bonifácio, em visita à casa do senhor Artur. Estes alunos haviam assistido o documentário sobre Artur e demonstraram interesse em conhecê-lo pessoalmente. A professora Iara Borck Baptista proporcionou esse encontro na residência de Artur, onde o mesmo contou-lhes um pouco de sua história e mostrou os quadros em sua homenagem e sobre a guerra, que ficavam na parede da sala principal. Acreditamos que essa procura evidencia a importância que o senhor Artur vem adquirindo para as novas gerações.



Figura 19: Visita de alunos – Escola Municipal José Bonifácio.
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

A fotografia que pode ser visualizada na figura 20, é arquivo pessoal de Artur e foi registrada no dia 29 de agosto de 2011, data do aniversário de seus 90 anos. Nesta data, reuniu-se em sua residência os amigos mais próximos, filhos e netos. Artur deixou bem claro que estava feliz por atingir seus 90 anos, mas não queria festa grande, pois a três meses tinha perdido seu irmão mais velho, com 103 anos de idade, que residia na cidade de Porto Xavier- RS.



Figura 20: Artur – 90 anos de história (agosto/ 2011)
Fonte: Arquivo pessoal de Artur.

No Centro Esportivo Cícero Cavalheiro, que leva esse nome em homenagem a um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, foi inaugurado um monumento em homenagem aos expedicionários da região, no ano de 2007, conforme visualizaremos na figura 21. Esse monumento, a nosso ver, foi um maior

reconhecimento a essa categoria de soldados do 4º RCB, que além de fazer homenagens internas, encontrou uma maneira de externar à sociedade em geral o apreço a esses soldados. Chamamos a atenção para o ano de inauguração, que é 2007, um ano após o lançamento do documentário “Artur Melo da Costa: Um herói missioneiro”. Não pretendemos afirmar, mas pensamos que os dois fatos podem estar relacionados, pois após o lançamento do documentário de Artur, tanto este, como a classe dos ex-combatentes esteve mais presente nos meios de divulgação, ou seja, mais visualizados pela sociedade são-luizense e regional; portanto o monumento com o nome dos ex-pracinhas da região teve uma boa aceitação no momento.



Figura 21: Monumento em homenagem aos expedicionários.
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora (abril/ 2013)

Sempre que sua saúde permitia, Artur se fazia presente nos desfiles de sete de setembro, em homenagem a sua pátria. O registro da figura 20, visualizada a seguir, ocorreu no ano de 2010, pelo 4º RCB, que cedeu a imagem para o acervo. No momento registrado, Artur passava em frente ao palco central, onde ficam as autoridades. Ouvimos comentários de pais entusiasmados ao tirar fotos de seus filhos com o ex-pracinha e é visível na imagem o exemplo de patriotismo passando de gerações por gerações.



Figura 22: Artur em desfile da Independência.
Fonte: 4° RCB (setembro/ 2010)

Na fotografia da figura 23, Artur é cumprimentado por representante do quartel não identificado. Está imagem é registro do 4° RCB do ano de 2010 e foi doada para acervo da trajetória de vida do ex- combatente. Nota-se à esquerda a presença do ex- combatente José Maciel, que atualmente é o único sobrevivente em São Luiz Gonzaga.



Figura 23: Artur Melo da Costa presente nas comemorações do dia do soldado.
Fonte: 4° RCB

A figura 24 que veremos a seguir, é uma fotografia que o senhor Artur guardava com apreço em um porta retrato na sala principal de sua casa; segundo a esposa, Artur gostava muito deste comandante do 4° RCB, Mario Luiz de Oliveira, que comandou no período de 26 de janeiro de 2005 a 31 de janeiro de 2007. Sobre o evento e data do registro fotográfico, não temos informação.



Figura 24: Artur sendo cumprimentado pelo capitão Mario Luiz de Oliveira.
Fonte: Arquivo pessoal de Artur.

O quadro que podemos visualizar a seguir na figura 25, estava exposto na sala de visitas da casa do Senhor Artur e também era levado por ele nas palestras que ministrava sobre a guerra. Através dele, explicava a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e as cidades que ele havia estado na Itália, representadas no quadro. O seu desembarque foi em Nápoles, e em seguida, foi para Forno e, por último, esteve em Pistóia. No quadro, também constam os dados gerais sobre o número de combatentes brasileiros, bem como o número de mortos e feridos que lutaram.



Figura 25: Quadro Percurso do Brasil na Segunda Guerra Mundial (Itália).
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

Outro quadro exposto na sala principal de sua casa era o quadro do diploma da “Medalha de Campanha”, recebida por ser integrante da FEB, através de decreto

lei de 28 de fevereiro de 1946, por ter participado de operações de guerra na Itália, representado na figura 26. O senhor Artur pediu que a medalha fosse parte de sua vestimenta militar, assim como a boina com o símbolo da Segunda Guerra (imagem de uma cobra fumando), no momento de sua despedida da vida terrena. Assim, a população que participou de sua despedida mais uma vez o visualizou como um personagem importante no contexto de nossa história.



Figura 26: Quadro da Medalha de Campanha.
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

Na figura 27, mostra-se o quadro exposto ao lado dos demais na casa de Artur, segundo ele, é o quadro onde os americanos homenageavam os soldados brasileiros pela participação na guerra. Artur sempre falava que os americanos falavam muito bem da participação brasileira na guerra, que deviam aos brasileiros a não invasão em seu território. Por isso, esse quadro se tornou significativo para ele.



Figura 27: Quadro da Homenagem dos Americanos aos soldados brasileiros.
 Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

Outro quadro exposto em sua sala e levado para os locais de palestras ministradas por ele é o que certifica a sua participação, como integrante da reserva do exército nacional, e destaca seus dados pessoais e da guerra, onde consta o período em que esteve lá, de 22 de janeiro de 1945 a 03 de outubro de 1945, incorporado ao Depósito de Pessoal do 4º Batalhão, dados estes visualizados na figura 28.



Figura 28: Quadro do Certificado de Reservista de Artur Melo da Costa.
 Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

O lenço é uma referência do universo simbólico rio-grandense; ele guarda vivo na memória os momentos de guerras, revoluções, entreveros, onde os guerreiros lutavam por seus ideais ombro a ombro, onde o companheirismo adquire um sentido ímpar na história e nas memórias do Rio Grande do Sul. O lenço é parte inseparável da indumentária masculina gaúcha. Na maioria das vezes que nos encontrávamos com o senhor Artur, este estava usando o lenço vermelho, representado na figura 29. O mesmo, foi usado como vestimenta na gravação para o documentário já citado e quando perguntado sobre o porquê da cor do lenço, ele respondia que era para lembrar o sangue dos companheiros mortos na Itália. O lenço vermelho é uma simbologia na cultura rio-grandense. No entanto, o senhor Artur dá outra representação que não a dos maragatos para a cor vermelha. Mas, há um elemento semântico que os aproxima: são lenços usados como marco de guerra, nas guerras civis do Rio Grande do Sul e na Segunda Guerra Mundial ou seja, regional e internacional. Isto evidencia uma estirpe guerreira em seu Artur, antes, durante e depois de sua participação na guerra.

Analisando sua foto de adolescente, percebemos o lenço, e, ao que tudo indica, seu Artur usava o lenço lá na guerra, sendo que, de uma maneira em geral, os febianos não usavam lenço; isso tudo enaltece o sentimento de Artur de ser um rio-grandense guerreiro.



Figura 29: Lenço vermelho – representava o sangue dos companheiros mortos.
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

A figura 30, que visualizaremos a seguir, consiste numa placa que homenageia o senhor Artur como cidadão ilustre do município de Pirapó. Esta homenagem foi realizada no dia 23 de novembro de 1998, pela Câmara Municipal de Vereadores daquele município. Este fato representa a importância que Artur vinha adquirindo não só na sociedade são-luizense, mas na regional. Artur nasceu no distrito de Pirapó, pertencente na época à São Luiz Gonzaga e atualmente emancipado.



Figura 30: Homenagem como Pirapoense ilustre a Artur em 23 de novembro de 1998.
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora

No dia 21 de fevereiro de cada ano, o exército brasileiro comemora o dia da vitória na Batalha de Monte Castelo, e convida os ex-combatentes para a solenidade. A imagem a seguir (figura 31) mostra homenagem e agradecimento concedido a Artur pela passagem desse dia, datada de 18 de fevereiro de 2006.



Figuras 31: Homenagem e Agradecimento do 4º RCB.
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

O objeto representado a seguir, na figura 30, foi dado a Artur em homenagem feita pelo 4º RCB em comemoração ao dia 21 de fevereiro, onde o exército brasileiro comemora o dia da vitória na Batalha de Monte Castelo. Na placa diz: “Homenagem dos integrantes do 4º RCB – Regimento Dragões do Rio Grande aos integrantes da

FEB” traz gravada a data de 21 de fevereiro e a exclamação “Missão Cumprida!”. Não temos registro do ano em que Artur recebeu essa homenagem.



Figura 32: Homenagem a Artur
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora

A bandeira da pátria (figura 33) foi posta sobre o corpo de Artur durante o seu funeral, nos dias 03 e 04 de novembro de 2012, na presença de familiares, amigos e colegas de farda. Como já afirmamos, Artur fazia questão de nos deixar usando a farda militar, sua boina e medalha que o identificavam como ex- pracinha sendo sua vontade respeitada.



Figura 33: Bandeira Brasileira que cobriu o corpo de Artur durante o funeral com honras militares.
Fonte: Arquivo e foto da pesquisadora.

A figura 34 representa o momento em que é inaugurado o espaço destinado à foto de Artur Melo da Costa no Museu Municipal de Pirapó. O registro ocorreu em 06 de setembro de 2007. Além de Artur, compõem a foto o prefeito da época, Lauri

Sheren. Outra vez, temos o exemplo do reconhecimento e valorização do personagem histórico na região.

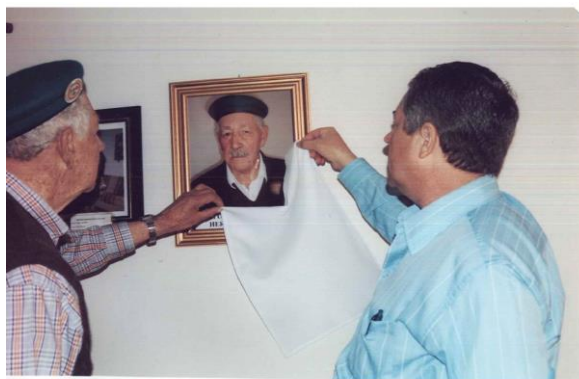


Figura 34: Momento da inauguração da homenagem a Artur no Museu Municipal de Pirapó.
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Pirapó.

Na semana da Pátria de 2007 do município de Pirapó, o homenageado local era o ex-combatente Artur Melo da Costa, por ser considerado um verdadeiro patriota. Os alunos do município estudaram sobre a vida de Artur e, no dia 06 de setembro de 2007, tiveram a oportunidade de escutar suas histórias pessoalmente, assim como os professores e a população em geral. Artur mostra-se um verdadeiro exemplo de cidadão que exerce por meio de sua cidadania e fazendo o melhor para o desenvolvimento de nossa nação, principalmente por seus próprios exemplos. Veja, na figura 35, o registro do momento da fala de Artur.



Figura 35: Homenagem a Artur na Semana da Pátria de Pirapó. (setembro/2007).
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Pirapó.

No CD, representado na figura 36, arquivamos todas as gravações de entrevistas e conversas informais que fizemos com o senhor Artur, durante os anos de 2011 e 2012. São mais de 30 gravações. Uma cópia ficará no armário de salvaguarda e outra servirá como material de pesquisa. Acreditamos ser esta peça de suma importância às gerações futuras, pois é a recuperação definitiva de uma memória que lembra da história, que tira os eventos da Segunda Guerra do papel, tornando-os palpável.



Figura 36: CD Gravações
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O documentário “Artur Melo da Costa: Um herói missioneiro”, cuja capa está representada a seguir, na figura 37, foi produzido nos anos de 2005 e 2006, relatando a história de Artur Melo da Costa e também fazendo um apanhado geral sobre a Segunda Guerra Mundial e a participação brasileira. É usado até os dias atuais como material didático para os professores de história e geografia.



Figura 37: DVD – “Artur Melo da Costa: um herói missioneiro”.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Como observação, também pretendemos por à disposição da população mais leituras, como o trabalho de conclusão de curso em nível de graduação de História de Ivete Venilda Grundemann, intitulado “Segunda Guerra Mundial”, onde a mesma faz um estudo de campo, sobre pracinhas sobreviventes e cita a história do senhor Artur. Também a dissertação a nível de pós- graduação no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, de Anderson Iuri Amaral, intitulada “Artur vai à guerra: A memória de um febiano perenizada em linguagem fílmica”, onde o mesmo dispõe de uma pequena biografia referente a Artur e analisa a produção, execução e divulgação do documentário “Artur Melo da Costa: um herói missioneiro”. Uma cópia deste material ficará no Museu, juntamente com outros livros da história de São Luiz Gonzaga e região.

3.3 Exposição itinerante

A exposição itinerante compõe-se de três “banners”, com medidas de um metro e vinte centímetros de comprimento por oitenta centímetros de largura, onde se relata, atrás da escrita e principalmente de imagens, a trajetória de vida de Artur Melo da Costa.

No primeiro “banner” consta um breve histórico de sua vida, informando onde e quando nasceu, quando faleceu, quem era e o que fez. Também foram acrescentadas imagens de três momentos significativos de sua vida, a adolescência, quando soldado e aos 90 anos de idade. No histórico do “banner” 1, escrevemos: “Artur foi um dos 1.880 soldados rio-grandenses, num total de 52.000 soldados brasileiros, que participaram da 2ª Guerra Mundial. Natural de Pirapó, na época

distrito de São Luiz Gonzaga, incluiu no 3º RI – SLG, no ano de 1943; foi para a Guerra em 22/01/1945 e retornou em 03/10/1945.

Após o seu retorno da Guerra, trabalhou como agricultor no interior do município de Pirapó, até o ano de 1991, quando mudou-se para a cidade de São Luiz Gonzaga.

Foi um verdadeiro exemplo de patriotismo. Vivenciou esse amor à pátria através de sua postura como cidadão. Há um monumento na Praça Cícero Cavaleiro – SLG, no qual consta o nome de senhor Artur, bem como dos outros combatentes de nossa região.

Sua memória impressiona leigos e estudiosos, pois, dos ex-combatentes da região, ele era o único que falava em público sobre seus feitos na guerra e na vida.

O senhor Artur participou de diversas palestras em escolas locais e a nível regional. No museu de Pirapó encontramos um pouco de sua história, que também se encontra no livro “oficial” do município. Pirapó prestou várias homenagens para Artur, principalmente no ano de dois mil e sete, quando ele foi homenageado na Semana da Pátria.

Todos os anos, o 4º Regimento de Cavalaria Blindado realiza formaturas e Artur Melo da Costa era sempre convidado de honra.

Normalmente, ele se fazia presente nas comemorações do Dia do Exército, da Cavalaria, da Vitória e principalmente no desfile militar de Sete de Setembro, em homenagem à Independência do Brasil.

Admirado por muitos, conquistou diversos públicos, que estavam sempre dispostos a escutar as suas falas. Era tido como um herói, um exemplo de patriotismo. Em vida, as pessoas o procuravam para conhecer e registrar a sua história.



Figura 38: Imagem do primeiro banner.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No segundo e terceiro “banners”, representados a seguir nas figuras 39 e 40, mostramos imagens de sua trajetória de vida e dos objetos que foram disponibilizados para o Museu Municipal Senador Pinheiro Machado. Esses objetos farão parte da exposição de longa duração. As imagens selecionadas mostram diferentes momentos da vida de Artur, suas participações na sociedade são-luizense e objetos que marcam sua trajetória de vida como um personagem pertencente ao patrimônio cultural de São Luiz Gonzaga.

Nestes “banners” fazemos um apelo visual à visita no Museu Municipal Senador Pinheiro Machado, pois colocamos como título a palavra Exposição e, logo, após o local e cidade onde está a exposição de forma permanente. No “banner” 2, acrescentamos o objetivo da exposição que é : Proporcionar à sociedade em geral e ao público visitante a visão sobre a vida desse personagem histórico e a percepção de que a história se dá no cotidiano.



Figura 39: Imagem do segundo banner.
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No “banner” 3, repetimos a palavra *Exposição* em posição privilegiada como se fosse título ou manchete do mesmo, além do local em que a exposição permanente acontece. Como última imagem do “banner”, acrescentamos a foto do Museu Senador Pinheiro Machado, com a legenda indicando o local da visita do material de Artur.



Figura 40: Imagem do terceiro banner.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Esta exposição foi montada com o intuito de dar maior mobilidade à história de Artur Melo da Costa; como exposição itinerante pode ser solicitada para vários espaços na sociedade. Essa solicitação poderá ser feita com os funcionários do Museu Senador Pinheiro Machado, onde está guardada, por meio de pré-agendamento. Juntamente com os “banners” da exposição será proporcionado uma cópia do documentário “Artur Melo da Costa: um herói missionário”. Destacamos que o foco principal são os visitantes da exposição itinerante, para que eles conheçam a história do senhor Artur e, se possível, visitem o material exposto no Museu Municipal de São Luiz Gonzaga.

3.4 “Folder”

Optamos pelo “folder” por ser um instrumento de divulgação de fácil manuseio e acessível. A iniciativa teve por objetivo levar ao conhecimento das pessoas um breve relato sobre a vida de Artur Melo da Costa, motivando-as a conhecer a exposição de longa duração sobre ele, no Museu Senador Pinheiro Machado. Na parte interna do “folder”, fizemos um breve histórico de sua vida (o mesmo que colocamos no “banner” 1) e acrescentamos, ao final, mais um parágrafo “Para homenageá-lo e deixar como acervo e preservação alguns pertences referente a sua trajetória de vida, foi criado um espaço destinado aos materiais do ex-combatente no Museu Senador Pinheiro Machado, compondo a exposição de longa duração da instituição. Sobre o mesmo tema será disponibilizada uma exposição itinerante”. Na parte externa, dividimos em três partes, a capa com o nome de Artur Melo da Costa e a referência como ex-combatente da Segunda Guerra Mundial; a parte externa do folder- contra capa- com dados para contato com o diretor dos museus e com a pesquisadora; a foto do Museu Senador Pinheiro Machado, onde está a exposição com os materiais de Artur de forma permanente; e na parte visualizada ao abriremos o “folder”, os nomes dos ex-combatentes da região, que estão presentes no monumento do Centro Esportivo Cícero Cavalheiro.



Figura 41: Imagem do Folder parte externa.
Fonte: Arquivo da pesquisadora



Figura 42: Imagem do folder parte interna.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

3.5 Divulgação

Foi elaborado, após a posse dos materiais de Artur, um pequeno projeto, onde constam os objetivos do mesmo. Este projeto foi apresentado ao diretor dos Museus, João Alberto Machado Hengen, para que ele soubesse das nossas intenções, o referido diretor já em conversas informais, sempre se mostrou interessado pela ideia, reiterando que os visitantes do Museu sempre pediam mais informações sobre o senhor Artur e o Museu não as tinham; assim, as exposições seriam de ampla aceitação por todos. O diretor nos indicou o lugar que poderia ficar o armário com o acervo, sempre nos incentivando a seguir com o projeto por seu valor para a comunidade, nos sugerindo a data do dia 15 de maio de 2013 para o lançamento da exposição, pois, nesta semana seria comemorado a Semana Nacional dos Museus. Assim a exposição faria parte da programação do museu local. Por isso o projeto foi reformulado, acrescentando data e orçamento.

O referido projeto foi levado a outras instituições públicas, como a SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Luiz Gonzaga), que se disponibilizou para ajudar no que fosse possível, divulgando o projeto nos meios de comunicação, marcando reunião para acerto de detalhes, disponibilizando pessoal da secretaria, caso fosse necessário, e também propôs a restauração de um armário

para o acervo, que, nas palavras do secretário Vitor Nascimento, “não seria o ideal, mas no momento, é a única ajuda financeira que a prefeitura pode conceder”.

A Secretaria Municipal de Turismo, na pessoa do secretário Adilmar Machado e assessores, Sandra Ferreira da Silva e Iuri Martins, além do incentivo em relação ao projeto, também intercederam em relação ao patrocínio para o coquetel, servido no dia da apresentação das exposições. Realizaram contato com a empresa Feron Supermercados, patrocinadora do coquetel servido ao público presente no evento.

O referido projeto também foi apresentado ao Prefeito Municipal, Junaro Rambo Figueiredo, que demonstrou interesse no assunto, pois teve a oportunidade de conversar com seu Artur ainda em vida e constatar a importância da preservação de seus materiais e suas histórias. O senhor prefeito disponibilizou a ajuda do pessoal das secretarias já citadas.

Na Câmara Municipal de Vereadores de São Luiz Gonzaga, fizemos contato, num primeiro momento, com a vereadora Eni Malgarim (PT), indicada pelo secretário da Câmara por ser responsável pela parte cultural. Em breve conversa sobre o projeto, não notamos muita aceitação, pois a referida vereadora disse que nunca ouviu falar no senhor Artur. Deixamos o projeto em suas mãos, para uma melhor leitura, e fornecemos uma cópia do documentário produzido sobre o senhor Artur. Após alguns dias, já com os convites em mãos, retornamos à Câmara de Vereadores e, ao final de uma das sessões tivemos a oportunidade de falar com diversos vereadores sobre o projeto em questão e entregar o convite para o lançamento da exposição no dia 15 de maio de 2013. Neste momento, estavam presentes a vereadora Maria de Lurdes Pereira Matzenbacker (PP) e Carina Cassol Vincensi (PDT), que demonstraram muito interesse no assunto pois sabiam e reconheciam sua importância. O vereador Enderson de Moraes (PDT) já havia conversado com o senhor Artur pessoalmente tendo a oportunidade de escutar suas histórias de guerra. No momento, se aproxima a vereadora Eni Malgarim (PT), a qual já tínhamos conversado anteriormente, mas dessa vez já demonstrando mais interesse pelo projeto, nos oferecendo um espaço na tribuna popular da Câmara para divulgá-lo no dia 13 de maio, data mais próxima ao evento.

Com todos os espaços públicos citados acima, tentamos obter recursos financeiros para a efetivação do projeto, obtendo suas negativas por motivos estritamente financeiros. Sendo assim, partimos para outra instituição da cidade, a Caixa Econômica Federal, onde fomos atendidos pelo gerente, Marcos

Zimmermann, que, muito atencioso, se propôs a ficar com uma cópia do projeto e ver as possibilidades de patrocínio. Tentou com seus superiores o patrocínio e, não conseguindo retorno em tempo hábil, nos ofereceu o patrocínio dos “folders” no valor de trezentos reais para trezentos exemplares, recurso esse que retiraria da agência local de São Luiz Gonzaga.

Com a negativa do patrocínio completo da Caixa Econômica Federal, na companhia do professor João Alberto, diretor dos Museus, oferecemos a outra empresa da cidade, o CFC Cadore (Centro de Treinamento de Condutores), cujo o dono é Pascoal Cadore, o qual, após se interar do projeto, prontamente nos ofereceu o valor de trezentos reais para a aquisição dos “banners”.

Após obtermos os recursos necessários para impressão, remetemos o material, acompanhado do logotipo das referidas empresas. A arte dos “banners” e “folders”, foi confeccionada com a ajuda de Enyel da Rosa, que está cursando o curso de Designer na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

A respeito do armário, que seria doado pela SEMETC, foi avaliado seu estado após os reparos, e optou-se pela recusa do mesmo, devido a precariedade. Por isso, realizamos a compra, com recursos próprios, de armário mais adequado, na qual contamos com a ajuda da senhora Dilma Marian da Costa, viúva do senhor Artur, que se responsabilizou pela metade dos custos.

Para o evento de lançamento da exposição foram convidados as seguinte entidades e pessoas:

- Filhos e esposa do senhor Artur.
- Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga e Pirapó.
- Secretaria Municipal de Educação de São Luiz Gonzaga e Pirapó e, por meio delas as escolas da rede.
- Secretaria de Turismo de São Luiz Gonzaga.
- Câmara Municipal de Vereadores de São Luiz Gonzaga e Pirapó.
- 32ª Coordenadoria de Educação e, por meio dela as escolas da rede.
- Universidades de São Luiz: Universidade do Alto Uruguai e das Missões (URI), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).
- 4º Regimento de Cavalaria Blindado (4ºRCB).
- 14º Batalhão de Polícia Militar (14º BPM).

- Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG) e, por meio dele seus sócios .
- José Maciel - Ex-combatente.
- Ivete Grundemann e Anderson Iura Amaral Schmitz – professores que doaram o material de pesquisa para o museu.
- Programa de Pós Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da UFSM bem como professores e alunos do curso.
- Professor Doutor Júlio Quevedo – professor e orientador da pesquisa.

Além das autoridades e pessoas especialmente convidadas, listadas anteriormente, também realizamos convite ao público em geral, divulgando o evento em vários meios de comunicação, especialmente nos jornais e rádios da cidade.

No dia 29 de abril de 2013, no período da tarde, fomos fazer a divulgação da Semana Nacional dos Museus em âmbito geral e particularmente para o projeto em questão. Nesta ocasião nos acompanharam o diretor dos Museus, João Alberto Hengen Machado, e a coordenadora do setor pedagógico da SEMETC, Ana Lúcia Rebolho, a pedido do secretário de Educação, Vitor Nascimento, que, devido a imprevistos, não pode fazer-se presente.

A divulgação ocorreu no jornal “A *Notícia*”, onde fomos recebidos pelo repórter Márcio Greff e, por meio de uma conversa informal, informamos sobre a Semana Nacional dos Museus e expomos nossos objetivos referentes à pessoa de Artur Melo da Costa. O repórter produziu matéria de divulgação do evento que foi publicada na contra capa da edição do dia 01 de maio de 2013 e na edição de 08 de maio, conforme anexo Q e R.

Na mesma tarde do dia 29 de abril, divulgamos o convite nos jornais *Missioneiro* e *Guia São Luiz Impresso*, de acordo com os anexos S e T.

Houve sites que publicaram reportagens referentes ao nosso projeto. Suas reportagens podem ser visualizadas nos anexos U, V e W.

Visitamos as rádios *Missioneira* e *São Luiz*, onde fomos convidados a fazer uma divulgação ao vivo no dia 10 de maio de 2013, ao qual comparecemos.

Também nos pronunciamos na *Tribuna Popular da Câmara Municipal de Vereadores*, no dia 13 de maio de 2012, explanando a pesquisa e divulgando a exposição permanente e a itinerante sobre a trajetória de vida de Artur Melo da Costa. Após a explanação de 10 minutos, enquanto fazíamos parte da platéia, alguns vereadores ocuparam o espaço da oratória para reconhecer o valor deste

trabalho. Entre eles, Paulo Cesar Trindade Garcia (PP) destacou o patriotismo de Artur; Francisco Rodrigues Lourenço (PDT) parabenizou o trabalho, destacando que conheceu pessoalmente o senhor Artur e escutou algumas histórias suas ressaltando a importância do resgate de suas memórias; Maria de Lourdes Pereira Matzenbacker (PP) preferiu comentar o valor do trabalho realizado pela pesquisadora; José Luiz Terra Vieira (PT) e Clóvis Henrich da Veiga (PSDB), Enderson Rocha de Moraes (PDT) também parabenizaram pelo resgate das memórias de Artur, e a Vereadora Eni Araújo Malgarin (PT), lembrou que realmente não conhecia Artur mas que, após nosso trabalho tomou conhecimento da importância do mesmo. O jornal *A Notícia* publicou reportagem a respeito da sessão, podendo ser visualizada no anexo Y.

Também no jornal *A Notícia*, por meio da Coluna Presença, de responsabilidade do IHGSL, onde os sócios do mesmo escrevem artigos sobre variados temas, realizamos a divulgação da pesquisa e fizemos o convite aos sócios e ao público em geral, para a visita da exposição, conforme anexo Z.

3.6 Lançamento

Como já informamos, a data de 15 de maio de 2013 foi sugerida pelo diretor dos Museus, pois se trata da Semana Nacional dos Museus, comemorada nacionalmente de 13 a 19 de maio, sendo que dia 18 é o dia dos Museus. Pensando num maior destaque para o produto, foi aceita a data sugerida, não só pela comemoração da Semana dos Museus, mas também por ser o mês em que o quartel comemora o dia da Vitória da Segunda Guerra Mundial (08 de maio), a qual seu Artur tanto valorizava, participando das comemorações, assim como por estar completando meio ano de seu falecimento.

O cerimonial de abertura da visita à exposição da salvaguarda dos materiais do senhor Artur Melo da Costa e a disponibilização dos “folders” e da exposição itinerante sobre o mesmo tema ocorreram às 15 horas. O dia estava chuvoso e, mesmo com as condições do tempo, compareceram aproximadamente 50 pessoas.

As autoridades presentes citadas no protocolo são:

Quadro 2- Autoridades no evento.

Excelentíssimo Senhor	Prefeito Municipal de São Luiz Gonzaga	Junaro Rambo Figueiredo
	Representado nesse ato pelo Secretário Municipal de Educação	Vitor Hugo Pereira Nascimento
Excelentíssimo Senhor	Prefeito Municipal de Pirapó	Arno Augusto Werle
	Representado nesse ato pelo Vice-Prefeito	Lauro Noll
Excelentíssimo Senhor	Presidente da Câmara de Vereadores de São Luiz Gonzaga	José Antônio Caetano Braga
Excelentíssimo Senhor	Presidente da Câmara de Vereadores de Pirapó	Jair Itamar Avila Soares
Ilustríssimo Senhor	Comandante do 4º Regimento de Cavalaria Blindado	Tenente Coronel Carlos Alberto Klinguefuss Mendes
	Representado nesse ato pelo Capitão	Capitão Luciano Faccione
Ilustríssimo Senhor	Vereador	Anderson Rocha de Moraes
Ilustríssima Senhora	Vereadora	Eni Araújo Malgarin
Ilustríssima Senhora	Diretora da URI	Sônia Bressan Vieira
Ilustríssimo Senhor	Diretor dos museus de São Luiz Gonzaga	João Alberto Machado Hengen
Ilustríssima Senhora	Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga	Ivone Avila
	Representada nesse ato pela professora	Ivete Catellan
Ilustríssimo Senhor	Secretário Municipal da Agricultura, Comércio, Indústria e Turismo	Aldimar Pereira Machado
Ilustríssima Senhora	Diretora da Rádio Missioneira 07 Povos	Luciana Cavalli Otoni
	Representada nesse ato pela Senhora	Amanda Lima
Ilustríssimo Senhor	Diretor da Rádio São Luiz	Luiz Oneide Nonemacher
	Representado nesse ato pelo Senhor	Gilvan Santos
Ilustríssimo Senhor	Diretor do Jornal A Notícia	José Grisólia Filho
	Representado nesse ato pelo Senhor	Marcio Greff
Ilustríssimo Senhor	Diretor do Guia São Luiz	Anderson Schmitz Amaral
	Representado nesse ato pelo Senhor	José Borges
Ilustríssimo Senhor	Ex Combatente da 2ª Guerra Mundial	José Maciel
Também presentes neste ato os filhos do homenageado		

Senhor Jair Pereira da Costa
Senhora Edite Pereira da Costa
Senhora Janete da Costa Oliveira
Senhora Eloir de Fátima Costa da Silva

Fonte: Dados usados no protocolo do evento.

Algumas autoridades não estiveram no evento porque neste dia, às 14 horas estava ocorrendo a passagem do Comando Regional de Polícia Ostensiva/Missões, em Santo Ângelo (município vizinho) e algumas autoridades que já haviam confirmado presença, como, por exemplo; o prefeito de São Luiz Gonzaga, o prefeito de Pirapó, o Comandante do 14º BPM, o Comandante do 4º RCB, não se fizeram presentes, mandando seus representantes.

Em relação ao público em geral, tivemos a presença de professores, alunos e amigos de Artur e da família.

Como organizadora do evento fizemos o primeiro pronunciamento, para explicar o produto e agradecer a presença de todos bem como a colaboração dos patrocinadores. Ressaltamos a doação do material de pesquisa sobre o senhor Artur pelos professores Anderson Amaral e Ivete Grundemann, que muito servirá para futuras pesquisas sobre o tema.

Após o pronunciamento da organizadora, a palavra foi disponibilizada para o representante do prefeito municipal de São Luiz Gonzaga, representado neste ato pelo Secretário de Educação e Cultura, Vitor Nascimento, que em seu pronunciamento destacou o exemplo de patriotismo de Artur e a importância de se preservar este exemplo, afirmando que será feito de tudo para a preservação do acervo doado ao Museu, ressaltando ainda a importância que foi a defesa da democracia, contra o nazismo e o fascismo. Finaliza dizendo que o seu Artur é um exemplo de vida que merece ser preservado.

O prefeito de Pirapó foi representado pelo seu vice, Lauro Noll, que destacou a necessidade que “temos de resgatar os valores que nossos homens missionários tinham; muitas histórias se perdem e caem no esquecimento porque ninguém faz um resgate histórico”. Sobre seu Artur, destacou que o mesmo é um orgulho para Pirapó e para as Missões, por ter nascido nesta região, ressaltando a sinceridade e nitidez de pensamento do ex- combatente. Ao se referir ao senhor Artur como pirapoense, são-luizense e missionário, disse aos familiares presentes que eles têm um antepassado que merece a honra dessa homenagem. Veja figura 43.



Figura 43: Explicação do Vice Prefeito de Pirapó no evento.
 Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa

Na sequência falou o representante da Câmara de Vereadores de São Luiz Gonzaga, senhor José Caetano Braga, destacando o trabalho que tivemos para que ocorresse esse evento brilhante. Referiu-se aos seus antepassados pirapoenses e ao seu avô, Atanazio da Silva Braga, o qual conviveu com o senhor Artur, lembrando que “o que se pode dizer que na vida se deixa, são exemplos e isso ele (Artur), deixou como pai”. Ressaltou a importância do resgate da história, dizendo que nós tivemos a honra de fazer esse resgate que é, segundo ele, “a obrigação de todos, pois o mais importante é sabermos porque aqui estamos, sabermos a nossa história”. Finalmente lembrou “que ser gaúcho não é ser melhor que ninguém, mas é pelo menos termos uma história diferente” e parabenizando-nos por resgatar uma história importante para Pirapó, São Luiz Gonzaga e da região missioneira.

O presidente da Câmara de Vereadores de Pirapó, senhor Jair Itamar Ávila Soares, que conheceu pessoalmente o senhor Artur e mantém uma amizade com seus filhos residentes no município, referiu-se ao ex- combatente pelo apelido de Artur “Schedes” pelo qual é mais conhecido pelos pirapoenses. Lembrou que amadureceu ouvindo as histórias da Segunda Guerra Mundial, pois teve um tio pracinha, e também foi vizinho de Artur, conhecendo-o nos anos 70. Afirmando que a homenagem foi muito justa, pois “seu Artur deixa um exemplo como brasileiro, patriota, pai de família, exemplos muito bons como um cidadão exemplar”, também reforçou a idéia de que gaúcho é ser diferente, bem como a nitidez e autenticidade com que Artur contava suas histórias. Parabenizando a pesquisa, disse que “com certeza essa história ficará nos anais da história e nunca será apagada”, expressando sua felicidade em participar de dois eventos em homenagem a Artur, um em Pirapó e outro nesse momento.

A seguir, a palavra foi disponibilizada a um representante da família. Estavam presentes as filhas Eloir de Fátima Costa da Silva, Janete da Costa Oliveira - que são de São Luiz Gonzaga - e Edite Pereira da Costa e o filho Jair Pereira da Costa - que são de Pirapó. Fez uso da palavra a senhora Edite Pereira da Costa, que, muito emocionada, contou que seu pai “foi um homem lúcido, trabalhador, um brasileiro forte que soube criar 11 filhos e abrigava em sua casa tropeiros, peões e professoras”. Lembrou de um baú onde seu pai conservava tudo que trouxe da Itália; neste baú havia fotos e cartas que a irmã do seu pai escrevia. Como os filhos tinham imensa curiosidade sobre o conteúdo deste baú, esperavam que seus pais fossem para a lavoura, para abri-lo e descobrir tudo que tinha ali. Lembrou que as cartas eram escritas em um papel colorido ilustrados com um buquê de flores em um dos cantos. Destacou que os filhos nem imaginavam a importância desses objetos. Disse ainda que “seu pai era muito verdadeiro, o que ele dizia podia escrever” e lembrou que “as coisas mais importantes para ele eram o quartel, a farda, os hinos”. Também ressaltou a importância desse resgate para a própria família, dizendo que, quando tiverem saudades podem vir vê-lo. Por fim, cantou um pedaço de uma música que fez em homenagem ao seu pai, quando ele ainda estava vivo, cuja letra dizia: *Eu sou filha de colono, / meu pai é expedicionário, / pra defender sua farda / ele teve até na Itália, / lutando por nossa pátria / ele trouxe sua medalha, / lutando por nossa pátria, / ele trouxe a sua medalha.* Foi muito aplaudida por todos.



Figura 44: Explicação da Filha do homenageado Edite Pereira da Costa no evento.
Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa

Após, ambos os representantes dos prefeitos de São Luiz e Pirapó, juntamente com os filhos do homenageado, descerraram a fita inaugural do acervo permanente sobre o senhor Artur Melo da Costa.



Figura 45: Momento do descerramento da fita.
Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa.

Declarou-se aberta a exposição e encerrou-se a cerimônia, convidando todos para visitação e degusta o de um coquetel servido em uma sala ao lado.



Figura 46: Convidados e público em geral visualizando o material.
Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa

Antes de iniciar o cerimonial, havíamos aberto espaço para ouvir as palavras do ex-combatente José Maciel, convidado e presente no ato, mas consultado sobre o referido, o mesmo preferiu não se manifestar. Como já sabíamos o senhor José não   de muitas palavras e que tem problemas de audi o o que o limita ainda mais. No evento, foi acompanhado pelo filho e trocou poucas palavras. Assistiu o cerimonial e logo após a abertura para visita o, retirou-se. Mesmo assim, nos sentimos privilegiados com sua presença, principalmente porque, sabendo de suas limita es, ele se fez presente num dia em que as condi es climáticas não estavam favoráveis. No momento em que se despediu, registramos a visita em uma foto, visualizada na figura 47. Sobre este senhor, destacamos a amizade que tinha com o senhor Artur nos últimos anos, pois sabemos que o mesmo foi algumas vezes na casa de Artur. Nós, em outro momento, já havíamos entrado em contato com o mesmo para uma entrevista, a qual citamos no capítulo 2. Através desta entrevista,

constatamos que ele tinha dificuldade para conversar por causa do problema de audição e lembrava ou nos falou poucos fatos sobre a guerra em si e a respeito de sua participação.



Figura 47: Foto da pesquisadora com o único ex-combatente vivo na cidade de São Luiz Gonzaga, o senhor José Maciel.

Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa

Antes e após o cerimonial, disponibilizamos a exibição, em sala ao lado, do documentário “Artur Melo da Costa: um herói missioneiro” como mostra a imagem (figura 48). A sala escolhida para exibição do documentário através de “data-show” e “not book”; foi a mesma onde estão expostos vários meios de comunicação antigos como: rádios, vitrolas, jornais e outros. Na imagem tirada antes do início do cerimonial, aparece assistindo o referido documentário as filhas Edite, Fátima e Janete.



Figura 48: Fotografia do momento da apresentação do documentário “Artur Melo da Costa: Um herói missioneiro”, antes e após a cerimônia inaugural.

Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa

A figura 49, nos mostra parte do público presente no evento, havia em torno de 50 pessoas.



Figura 49: Parte do público presente.
Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa

Registramos também a presença da professora Ivete Grundemann, que doou seu trabalho de conclusão do Curso de História pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR, 2010), ao Museu. Grundemann propõe-se, neste trabalho, a fazer uma pesquisa sobre a Segunda Guerra Mundial e uma pesquisa de campo, com entrevista, a um ex-combatente da guerra, neste caso, Artur Melo da Costa. Ela destaca a participação de Artur na guerra, dissertando sobre suas falas referentes ao episódio. O que o senhor Artur destaca nas entrevistas com Ivete são os mesmos fatos que já temos conhecimento em nossa pesquisa, mas o que nos chama atenção é a fala de Grundemann ao finalizar o trabalho:

A divulgação e o interesse do poder público é pequeno em relação a um trabalho mais amplo dessa historicidade; para nós, são-luizenses, que sabemos pouco ainda da vida dessas pessoas, é preciso um resgate da história como elemento fantástico e insubstituível; dentro dessa panorâmica. (GRUNDEMANN, 2010, p.20).

Por meio dessa reflexão, Grundemann destaca a falta da historiografia mais recente em nosso município, a qual nós como pesquisadores, estamos tentando sanar. Sobre o setor público, tudo indica que está ocorrendo uma mudança na forma de pensar sobre a história mais recente, um exemplo é o apoio e incentivo ao nosso produto.



Figura 50: Momento da entrega do material de pesquisa da professora Ivete Grundemann ao diretor do museu.

Fonte: Arquivo e foto de Enyel da Rosa

3.7 Repercussão

Surpreendeu-nos a repercussão do trabalho de pesquisa sobre a passagem de Artur Melo da Costa. O acolhimento da comunidade são-luizense e regional ao produto superou todas as expectativas, a exemplo dos mais variados sites, que enaltecem o evento, as reportagens podem ser visualizadas nos anexos de A1 ao E1.

Nos três jornais impressos da cidade temos referências, com o destaque para o que foi publicado no jornal Guia Impresso que expôs uma foto de seu Artur na capa, direcionando para a leitura da matéria. Transcreve-se, a seguir, uma parte da reportagem, sendo que a reportagem completa pode ser lida no anexo F1.

Visivelmente emocionada, **Edite Pereira da Costa** qualificou como um momento maravilhoso a homenagem e o espaço reservado em memória de seu pai, o ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial, Artur Melo da Costa.

Edite lembrou fatos que marcaram sua infância, como quando seus pais, após seu Artur ter retornado da Itália, seguiam para a lavoura. Era a única oportunidade que os filhos tinham de satisfazer a curiosidade e conferir as fotografias e cartas, da época em que seu Artur esteve no Rio de Janeiro e na Itália, guardadas em um imenso baú.

Além de Edite, estavam presentes também os filhos Jair Pereira da Costa, Janete da Costa Oliveira e Eloir Pereira da Silva que não usaram a palavra, entretanto, demonstravam-se profundamente emocionados.

Do acervo de objetos do pracinha, chama a atenção o lenço vermelho que seu Artur dizia usar em lembrança e homenagem ao sangue de seus colegas que lutaram na guerra. Os objetos, doados pela família, eram guardados por seu Artur como uma relíquia e agora comporão à exposição de longa duração do Museu.

A organizadora da exposição de Artur Melo da Costa, professora mestranda em Patrimônio Cultural- UFSM, Mariza Klein Ditz, ressaltou a importância de

valorizar a história. Ela registrou mais de 30 gravações de seu Artur que estão à disposição no Museu Senador Pinheiro Machado. Esteve presente na solenidade seu José Maciel, ex-combatente e colega de Artur Melo da Costa, bem como, diversas autoridades municipais, o vice-prefeito e o presidente da Câmara Municipal de Pirapó e familiares do ilustre ex-combatente. (Jornal Guia Impresso, publicado em 18 de maio de 2013)

No jornal *A Notícia*, a reportagem do dia 18 de maio de 2013 destaca que a abertura da exposição sobre a vida de Artur Melo da Costa teve concorrida participação, contando com a presença dos familiares do ex-combatente e faz referência à exposição que ocorre no Museu Arqueológico, além de exibir fotos dos dois momentos, conforme anexo G1.

O jornal *Missioneiro* comenta o lançamento e coloca a imagem do “folder”, que pode ser visualizado no anexo H1. Na mesma página está a reportagem sobre o pronunciamento da pesquisadora na tribuna popular da Câmara de Vereadores.

Houve o registro de turmas de alunos que foram fazer a visita, destacando-se as escolas que levaram a exposição itinerante e após foram fazer a visitação.

Em relação à exposição itinerante, o agendamento já está ocorrendo, até o momento já tivemos a exposição em duas escolas e três escolas estão agendadas. Em uma das escolas haverá além da exposição, uma palestra conosco sobre o tema. O município de Pirapó fez contato para agendamento. Também houve a exposição na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) unidade de São Luiz Gonzaga.

Junto com o material da exposição itinerante acompanha o documentário “Artur Melo da Costa: um Herói missioneiro” e alguns “folders”.

Finalizando as explicações sobre o produto, gostaria de fazer uma reflexão, dizendo que, as exposições são muito mais do que o simples processo de colocar objetos em vitrines, armários ou “banners” em paredes com um texto e legendas. Elas educam, inspiram e levam o visitante à reflexão, por isso precisam de um planejamento de curto e longo prazo.

Desde quando pensamos a exposição, pensamos na melhor maneira de torná-la atraente, bem como na preparação dos intermediários entre a exposição, o museu e o público visitante, visando proporcionar-lhes momentos de aprendizagem aos funcionários do Museu para que estes repassassem seus conhecimentos sobre o tema da exposição aos visitantes.

Pensar em quem seria o público alvo, foi fundamental para a disposição do material e até para a legenda dele, sabendo que, os visitantes seriam desde alunos, professores e população em geral, foi necessário um maior cuidado na seleção e disposição das palavras.

Portanto, foi pensando em atingir um maior público para a exposição de longa duração, aumentando seu impacto na sociedade, que organizamos uma exposição itinerante e os “folders” os quais, ao mesmo tempo em que levam ao conhecimento sobre o tema, também divulgam o acervo exposto no museu.

Acreditamos que agora devemos avaliar o impacto da exposição e os recursos associados em etapas diferentes, o que nos ajudará a ter certeza de que os objetivos pretendidos foram atingidos.

Enfatizamos que o senhor Artur é importante para a história de São Luiz e que as suas memórias e suas lembranças jamais deverão cair no esquecimento. Portanto, o nosso produto é uma contribuição ao reconhecimento, à preservação e à valorização dessa memória, que, uma vez inserida à memória coletiva são-luizense, se constituiu no acervo patrimonial da cidade. O produto contribuiu para a visibilidade da pessoa de Artur, assim como o documentário supracitado, o qual organizamos juntamente com o professor Anderson Iura Amaral Schmitz, bem como a dissertação produzida por ele e a monografia de Ivete Grundemann, formando no conjunto, peças articuladas que narram outros aspectos da história do tempo presente de São Luiz Gonzaga e a propagação do seu patrimônio cultural, assim como nos relata CURY(2006) “Atualmente, a museologia reserva aos museus, no seu sentido mais amplo, o seu caráter de meio de comunicação, sendo a exposição a principal maneira de aproximação entre sociedade e seu patrimônio cultural”.

APONTAMENTOS FINAIS

Essa dissertação de mestrado, construída entre os anos de dois mil e doze e dois mil e treze, para a Universidade Federal de Santa Maria, teve, como objetivo principal, analisar o imaginário de Artur Melo da Costa e deixar, para as futuras gerações, um registro de sua história de vida.

Consideramos, desde o início deste trabalho, a prerrogativa de que era necessário manter determinado distanciamento, permitindo assim chegar a determinadas análises sem conceitos pré- concebidos, pois, ao longo dos anos de estudo sobre a pessoa de Artur, acabamos criando vínculo com o mesmo.

Levamos em consideração que a memória, é a presença do passado na lembrança das pessoas. Sabemos que ela é seletiva, mantém apenas aquilo que é significativo para uma pessoa ou para um grupo. No caso de Artur, tivemos uma memória bastante preservada, seja pelos constantes momentos de introspecção e lembrança de cada momento na Itália, seja pelo distanciamento de informações extras sobre a Segunda Guerra Mundial, o que evitou uma mistura de informações originais com outras adquiridas. Houve em seus relatos uma grande quantidade de informações inéditas.

O documentário “Artur Melo da Costa: um herói missioneiro”, deu início a uma série de eventos que passaram a valorizar a figura de um Artur guerreiro, identificado com a história do povo missioneiro, um herói contemporâneo. Assim, a identidade missioneira não foi adquirida por Artur, mas ele é visto, pela sociedade que o constitui, como herói missioneiro. A relação Artur- guerreiro- missioneiro é uma construção dos intelectuais da região. Artur vai transitando de “soldado que participou da FEB, na Itália” à condição de herói combatente e herói missioneiro, mas ele se intitula gaúcho, usa um lenço vermelho para lembrar os maragatos e “o sangue dos irmãos que tombaram na guerra”, como citava sempre que tinha a oportunidade de falar em público sobre o referido episódio.

Com base nos depoimentos recolhidos, foi construída uma síntese biográfica, com ênfase nos momentos em que os sentimentos e valores, adquiridos ao longo de suas vivências, mais afloravam, reconstruídos pela memória.

Os historiadores que trabalham com informações advindas do método da história oral devem ter a memória de seus entrevistados como centro difusor de informações. Essas devem passar por uma análise criteriosa. O historiador deve ser crítico, analisar as informações orais como se fossem documentos escritos e

inclusive, se for possível, fazer um acompanhamento delas com os documentos existentes ou com outras informações orais, obtidas de outros entrevistados.

Pretendemos, com esta pesquisa e produto, recuperar a memória e a história do senhor Artur como patrimônio cultural da nossa região. A principal característica de um patrimônio é que a sua conservação seja de interesse público. Por meio do patrimônio cultural é possível conscientizar os indivíduos, proporcionando aos mesmos a aquisição de conhecimentos para a compreensão da história local, adequando-os à sua própria história. Reforça essa ideia a forma como Anderson Iura Amaral Schmitz cita Artur em sua dissertação, como patrimônio de patriotismo.

Também compreendemos que o que se afirma acerca do patrimônio cultural é de fundamental importância para que a comunidade se sinta ou não incluída em relação à história de Artur, e assim haja uma valorização do estudo, bem como dos seus objetos que simbolicamente representam sua história de vida.

Nossos estudos nos possibilitaram entender que o movimento apresentado por Pommer (2006) como missionarismo ocorreu em vários municípios da região noroeste. De acordo com essa autora, a partir da década de 1980, estes municípios passaram a buscar em seu passado uma forma de melhorar o presente. O passado jesuítico-missionário voltou à tona. Alguns desses entes buscaram nesse passado os fundamentos para discursos político-ideológicos, e também como uma forma de valorizar o turismo na região, inclusive em São Luiz Gonzaga.

Os “lugares de memória” em São Luiz Gonzaga evidenciam a necessidade de se manter os laços com um passado que, de uma forma ou de outra, se pretende conservar vivo no presente. Esses lugares têm a fundamental importância de vincular o que se quer guardar do passado às possibilidades de articular memórias, os quais podem sustentar entendimentos acerca de determinados aspectos. Por meio deles, foi possível perceber o quanto o município empreende esforços para preservar alguns lugares apresentados como turísticos, e se relacionam diretamente com o que se quer reverenciar do passado.

Além dos lugares que referenciam a história missionária, temos em São Luiz Gonzaga outros “lugares de memória”, os quais demonstram uma preocupação com a história mais recente e um destes locais é o Museu Senador Pinheiro Machado, onde estão expostos os objetos do senhor Artur, integrando o acervo geral do Museu.

A experiência constrói formas de viver, e de contar o vivido. Então, se os depoentes selecionaram – consciente ou inconscientemente – o que relatar, assim também o pesquisador o fez. Há aqui, portanto, uma construção conjunta, operada pela memória dos entrevistados, por seus imaginários e desejos, por aquilo que conheciam e puderam usar como código narrativo, sem dúvida, mas também pelos da pesquisadora, que fez igualmente uma seleção do que trazer para a análise e narrativa desta dissertação.

Como seres históricos que somos, sabemos de nossa finitude e nos preparamos para a morte, consciente ou inconscientemente; sentia-se nas falas de Artur a necessidade de nos falar tudo que lembrava, pois sabia que ia nos deixar logo.

A escolha e certa necessidade do método oral ocorreram, porque esta possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidos, deixando registrado, para análises futuras, suas próprias visões de mundo e aquelas do grupo social ao qual pertencem, servindo de meio para reconstruir a história/memória daqueles que haviam sido ignorados, no passado, pela historiografia tradicional/oficial.

A análise dos dados obtidos nas fontes orais, escritas e/ou visuais, permitiu a construção de três capítulos da dissertação, o primeiro trazendo a base teórica sobre a qual se funda a análise dos dois capítulos subsequentes.

É interessante frisar que, no decorrer da pesquisa, surgiram questionamentos sobre a verdadeira participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial; sendo assim, chegamos à conclusão que qualquer um que se aprofundar minimamente no assunto, com seriedade e imparcialidade, vai logo perceber que a atuação da FEB na Europa teve sim muita importância, e há inúmeros depoimentos de austeros e disciplinadíssimos oficiais europeus e norte-americanos elogiando a coragem e a dedicação incomuns dos soldados brasileiros. Quando estes retornaram à Pátria, logo após o término do conflito, foram saudados como realmente mereciam, vistos como heróis nacionais, participando em desfiles muito concorridos em diversas cidades do Brasil. Além do que, a decidida atuação dos pracinhas a favor das nações democráticas contribuiu sobremaneira para a derrocada do Estado Novo.

No segundo capítulo, analisamos, de forma mais aprofundada, os relatos do senhor Artur, estes nos levaram à conclusão da afirmação em relação à hipótese, a qual era comprovar que Artur, durante a guerra, tinha em seu imaginário episódios

de guerra presenciados durante a infância; sendo assim, podemos observar que tanto os acontecimentos de infância como os da adolescência como soldado guerreiro influenciaram seu imaginário durante todos os anos de sua vida, embora com menos vigor em alguns momentos, vindo a aflorar com sua vinda para a cidade e com o maior reconhecimento, tanto pelos órgãos responsáveis como pela população no geral. Destacamos que o foco de nossa pesquisa foi analisar o imaginário de Artur sobre si mesmo e a relação deste com os fatos vivenciados.

No terceiro capítulo, dissertamos sobre a inauguração de uma exposição permanente com materiais que retratam simbolicamente a trajetória de vida desse agente histórico. Consideramos de grande relevância a oportunidade que nos foi apresentada de desenvolver um produto que sirva como encerramento ao trabalho de pesquisa e estudo. Essa oportunidade serviu para operacionalização da vontade de realizar algo neste sentido, ou seja, um material para fomentar as possíveis e necessárias discussões sobre esse agente histórico de São Luiz Gonzaga e região.

Partimos em busca não de respostas definitivas, mas da relativização dos fatos, percebendo novas possibilidades de raciocínio, que traz muitas interrogações e coloca em questão o que já foi pensado e contado. Por meio de um olhar diferenciado, procuramos compreender as falas, as imagens, as representações, o imaginário principalmente pessoal de Artur e as práticas sociais.

É importante enfatizar os resultados desta pesquisa e do produto para a comunidade local e regional e para a família de Artur, pois projetaram ainda mais a sua história, despertando o interesse de muitos; a própria família não tinha o conhecimento de informações levantadas pela pesquisadora e agora tem acesso a elas, sem falar do orgulho de ver o resgate e valorização de um ente familiar, principalmente por meio do produto que é a salvaguarda dos materiais que expressam a história de Artur expostos no Museu da cidade.

Um dos anseios com esta pesquisa foi a de rever uma visão de patrimônio cultural que está muito ligada à idéia de objetos, espaços e eventos históricos, principalmente missioneiros para a nossa cidade e região; chamando a atenção para os agentes da história, que, como o senhor Artur, passam a integrar este patrimônio, e assim, poder deixar registradas a história e a memória desse agente histórico.

O principal desafio encontrado foi literalmente contra o tempo, pois o senhor Artur encontrava-se em estado frágil de saúde, vindo a falecer no decorrer da pesquisa, que somente pode ser concluída devido à gama de informações coletadas anteriormente a este fato.

Como pesquisadora o maior prazer foi perceber por meio do olhar ou de palavras dos visitantes, alunos, imprensa e população em geral, a importância de nossa pesquisa e do produto exposto.

À guisa de conclusão, há que se dizer que as fontes estão aí: degravadas e registradas. Muito ainda se tem para (re)analisar, para se rever ; esperamos que novos trabalhos surjam sobre este agente histórico ou tantos outros, presentes ou não, entre nós, e que mereçam nosso reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005.
- BAIOTO, R; QUEVEDO, J; NASCIMENTO, A. O. **São Luiz Gonzaga e São Lourenço Mártir**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.
- BORGES, J. **Solenidade registra homenagem a ex-combatente da FEB**. *Jornal Guia São Luiz Impresso*, edição 11, São Luiz Gonzaga, p.04, 18 maio de 2013.
- BOSI, E. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOTTOSELLE; R. **A história Missioneira nos Currículos Escolares em São Luiz Gonzaga: contribuição na formação discente e na construção da cidadania**. Dissertação de mestrado em Educação, UNIJUÍ, 2010.107p.
- BRANCO, M. T. C. – Ten Cel; SILVA, Gen. V. Benício da. (Org.). **O Brasil na II Grande Guerra**. Editora: Biblioteca do Exército, 1960.
- CASTORIADIS, C. (1982) **A instituição imaginária da sociedade**. (Guy Reynaud Trad.); Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CHAGAS, M. et al. **Patrimônio e Educação**. Revista da Faculdade Porto- Alegrense de Educação, Ciências e Letras- FAPA. Editora: Jane Beatriz Batista. Porto Alegre, N° 31, 2002.
- COTRIM, G. **História e consciência do Brasil**. São Paulo/SP: Saraiva, 2º edição, 1995.
- CURY, M. X. **Exposição: montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.
- DA SILVA, E. A. **Memórias de um Soldado**. RJ. Biblioteca do exército. 1985.
- DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**, 2006.
- DIAS, R. **Turismo e Patrimônio Cultural**. Recursos que acompanham o desenvolvimento das cidades. São Paulo: Saraiva; 2006.
- DUBY, G. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Edições 70, 1971.
- DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FAGUNDES, A. A. **E o Gaúcho, morreu?** Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande. 3ª edição, 1995. Coord. Sergius Gonzaga, Luis Augusto Fischer. Livro: Nós, os gaúchos.
- FÉLIX, L. O. **História & memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FROHLICH, S.S, **Longa Jornada com a FEB na Itália**. Brasília: EGGCF, 2011.

GOULART, J. S. **A formação do Rio Grande do Sul**. 3ªed. Porto Alegre/Caxias do Sul: Martins Livreiro/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

GRUNDEMANN, I. V. **Segunda Guerra Mundial**. Trabalho de conclusão de curso do curso de História, UNOPAR, 2010.

HASTINGS, M. **O mundo em guerra 1939-1945**. Tradução de Berilo Vargas. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Revista dos Tribunais, São Paulo, 1990.

HENGEN, J. A.M. **Turismo, História e Memória: possibilidades de integração cultural latino- americana**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Integração Latino- Americana. UFSM, Santa Maria, 2005. 126p.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd1940v2br.pdf> – Acesso em 02 de junho de 2013.

<http://coral.ufsm.br/ppgppc> – Acesso em 12 de junho de 2013.

<http://www.pirapo.rs.gov.br> – Acesso em 12/10/2012.

<http://www.saoluzrs.com.br> – Acesso em 12/10/2012.

Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/museu/>. Acessado em 10 de abril de 2013.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5ª ed. Trad. de Bernardo Leitão. Campinas: Ed Unicamp, 2003.

_____. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Edições 70, 1990. [original: 1981]

MAXIMIANO, C. C., 1971 – **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial** / Cesar Campiani Maximiano. São Paulo: Grua, 2010.

NASCIMENTO; C. N. **Um olhar sobre o Patrimônio Cultural de Bossoroca-RS**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, UFSM, 2012. 133p.

NORA, P. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. In: Revista Projeto História. São Paulo, nº 10, dez 1993.

ORDOÑEZ, M; QUEVEDO, J. **História**, São Paulo: Editora Nacional, s/a

PADOIN, M. M. Cultura rio-grandense – o gaúcho e a identidade regional. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). **Rio Grande do Sul: quatro séculos de história**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PRATS, L. **El Concepto de Patrimônio Cultural**. Política y Sociedad, (27): 63-76, 1998

PESAVENTO, S. J. **A invenção da Sociedade Gaúcha**. Ensaios FEE, Porto Alegre, ano 14, n.2, 1993.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, S. J. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PIOVESAN, G. K. **Biografia, Trajetória e História**. Artigo científico, UFSC, Florianópolis, 2007.

POMMER, R. M. G. **Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editora, 2009.

PORTELLI, A. O Que Faz A História Oral Diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, n.º 14, São Paulo, 1997.

SCHMITZ, A. I. A. S. **Artur vai a guerra: a memória de um febiano perenizada em linguagem fílmica**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, UFSM, 2011. 84p.

SEITENFUS, R. **A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção História, 33).

SEITENFUS, R. A. S. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942**: O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial. São Paulo: Ed. Nacional; (Brasília): INL.: Fundação nacional Pró-Memória, 1985.

SANTOS, P.M. **São Luiz- Sua história e sua gente, 1687-1987**. Editora, Á Notícia, s/ano.

SWAIN, T. (org.). **História no Plural**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. P. 207. Artigo: Você disse Imaginário?

TEDESCO, J.C.(org.). **Usos de Memória** (política, educação e identidade). Universidade de Passo Fundo - UPF, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ZANATTA, H.G. **Patrimônio Cultural, interesse local e proteção legal**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, UFSM, 2011.

ZANIRATO, S. H.; RIBEIRO, W. C. **Patrimônio cultural**: a percepção da natureza como um bem não renovável. Rev. Bras. Hist. vol.26, nº51. São Paulo, Jan/Jun, 2006.

VIEIRA; S.R.B. **Sobre as Ruínas do Templo.... (porque templo já não é), História Municipal de São Luiz Gonzaga (1880-1932)**. Tese de doutorado em História pela PUC, 2010.190p.

VITOR; A.G. **A coluna Prestes em Santo Ângelo/ RS: recorrendo ao passado para erigir um patrimônio**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, UFSM, 2011. 297p.

FONTES ORAIS:

Artur Melo da Costa- Objeto de estudo

Carlos Alberto Klinguelfus Mendes- comandante do 4ºRCB

Décio Schnorremberger- filho de ex- pracinha

Dilma Marian da Costa- esposa de Artur

Edite Pereira da Costa- filha de Artur

Eloir de Fátima Costa da Silva- filha de Artur

Jair Itamar Ávila Soares – presidente da Câmara de Vereadores de Pirapó

Jair Pereira da Costa- filho de Artur

Janete da Costa Oliveira- filha de Artur

João Alberto Machado Hengen- diretor dos Museus de São Luiz Gonzaga

José Antônio Caetano Braga- presidente da Câmara de Vereadores de São Luiz Gonzaga

José Maciel- ex- pracinha

Lauro Noll- vice prefeito de Pirapó

Vitor Hugo Pereira- secretário da Educação de São Luiz Gonzaga

Wilmar Pereira da Costa- filho de Artur

ANEXOS

ANEXO A – O Turismo e aqui (1). Museu Senador Pinheiro Machado

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 9 e 10 de março de 2013

O Turismo é aqui (1)

A partir desta edição, o Segundo Caderno de A NOTICIA passará a abordar o Turismo em São Luiz Gonzaga. Em cada edição, serão enfocados um ou dois pontos turísticos, através de seus históricos e imagens e/ou outras informações relevantes, mostrando aos são-luizenses e leitores da região, o potencial turístico que temos e o que podemos fazer para ter uma maior divulgação. Sim, o Turismo é aqui!



A fachada do Museu Senador Pinheiro Machado

O Museu Senador Pinheiro Machado foi fundado em 8 de maio de 1975. Antiga residência do senador da República, José Gomes Pinheiro Machado, preserva fotos, móveis e vestimentas que pertenceram ao influente político gaúcho, além de ser a memória viva dos primeiros imigrantes que deram origem à Vila de São Luiz Gonzaga. Possui

um riquíssimo acervo de moedas antigas, armas de fogo, utensílios domésticos, entre outros, pertencentes aos primeiros moradores. Fica localizado na esquina da Praça da Matriz.

VISITANTES - Atualmente, o Museu é coordenado pelo professor mestre João Alberto Machado Hengen. Em 2012, o Museu Senador



Cédulas de dinheiro e outros objetos em exposição no Museu

Museu Senador Pinheiro Machado

Pinheiro Machado teve o movimento de 2.789 visitantes, divididos da seguinte forma: de São Luiz Gonzaga – 1.923 visitantes; de outras cidades – 682 pessoas; de outros Estados – 171 visitantes e de outros Países – 13, sendo 11 da Argentina e duas dos Estados Unidos. Os visitantes são formados basicamente por estudantes e professores, além da população em geral. “Os turistas vêm conhecer nossa história local, regional e, principalmente, a nossa cultura missioneira, que é muito interessante e única no mundo”, explica João Alberto.

PROJETOS - “A comunidade são-luizense é culturalmente enriquecida e tem a sua história preservada através do Museu Senador Pinheiro Machado. Agradecemos aos doadores pelo acervo: José Gomes, Hemitério José Vieira, Renato Boteselle, Carlos Alberto Caino, Pedro Marques dos Santos, Irineu Afonso de Queiroz, José Dionísio Soares e José Grisolia Filho. Lembrando que o Museu foi fundado na gestão de Alseu da Silva



Vestimentas, móveis e armas fazem parte do acervo do Museu

Braga, em 1973/77”. lembra o coordenador João Alberto. “Como diretor dos Museus Senador Pinheiro Machado e Arqueológico, pretendo dar continuidade aos trabalhos que já vinhamos realizando, além de promover mais exposições durante o ano letivo, em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, na Semana Nacional dos Museus, de 13 de abril a 19 de maio, como a exposição São Luiz Contemporâneo – Séculos XX e XXI. Quem não conhece a história da própria

cidade, não é cidadão dela e sim, seu hóspede, como disse o urbanista Riograndense de Macedo”, destacou o professor doutor.

ATENDIMENTO - Os horários de funcionamento do Museu são de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30min e das 13h30min às 17h. Aos finais de semana, o atendimento é feito através de agendamento prévio, pelo fone 55-9918-4263. O atendimento pela manhã é feito por Maria Janete Bogado e à tarde, por João Alberto Hengen. Na próxima edição, o Museu Arqueológico de São Luiz Gonzaga.



Placa indicativa do Museu com a imagem do Senador Pinheiro Machado

ANEXO B – O Turismo e aqui (2). Museu Arqueológico – MARQ reúne um grande acervo encontrado em escavações

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 13 de março de 2013

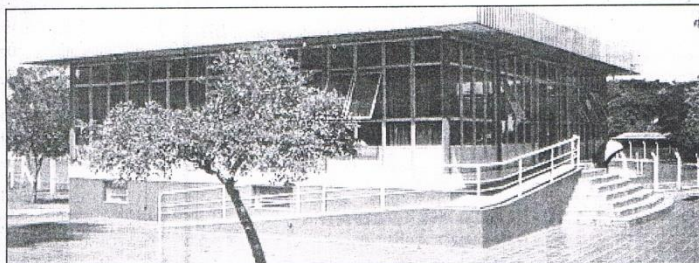
O Turismo é aqui (2)

Museu Arqueológico – MARQ reúne um grande acervo encontrado em escavações

O Museu de Arqueologia de São Luiz Gonzaga está situado no Centro Cícero Cavalheiro. Foi criado através da Lei Municipal nº 2455 de 19 de setembro de 1991 e concretizada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura em 22 de junho de 1993, já no mandato do então prefeito Jauri Gomes de Oliveira. São Luiz Gonzaga é um dos poucos municípios no Brasil a ter um museu arqueológico em pleno funcionamento.

O seu acervo, em grande parte, constitui-se pelo material arqueológico resgatado durante as pesquisas realizadas a partir de 1985, pelo professor doutor Arno Kern, da PUC/Porto Alegre, no Sítio Arqueológico de São Lourenço Mártir. A coleção está representada por materiais em cerâmica, pedra, ossos, louças e vidros, que permitem compreender parte da experiência jesuítico-guarani através do resgate do modo de viver nesse povoado.

O Museu Arqueológico teve no ano de 2012, a visita de 4.090 visitantes, assim distribuídos: São Luiz Gonzaga – 3.528 visitantes; outras cidades do Estado – 445 pessoas;

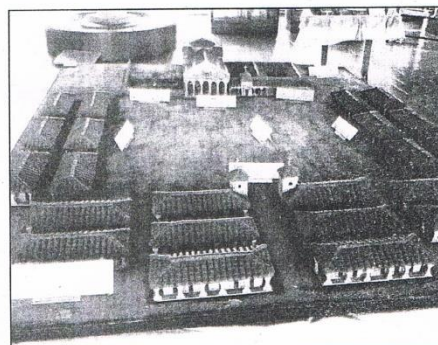


O prédio onde funciona o Museu Arqueológico, no Centro Cícero Cavalheiro

outros Estados – 107 visitantes e outros países – 10 pessoas. O atendimento no local é feito por Clarisse Steffen e Simone Ávila Matos e o horário de funcionamento, de segunda a sexta-feira, é das 8h às 11h30min e das 13h30min às 17h. Aos finais de semana e feriados, o atendimento é feito com pré-agendamento, através do número 9918-4263, com o professor mestre João Alberto Machado Hengen, coordenador dos Museus do Município.



Uma das principais peças em exposição, uma Pia Batismal em arenito



Maquete da Redução de São Luiz Gonzaga, obra de Vinicius Ribeiro

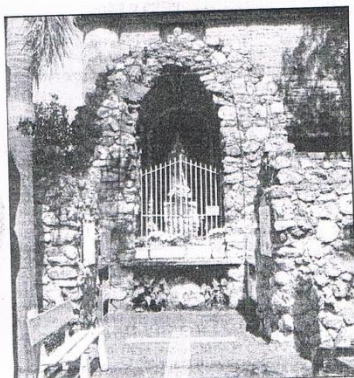
ANEXO C – O Turismo e aqui (3). Gruta Nossa Senhora de Lourdes retrata a fé do povo são-luizense

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 16 e 17 de março de 2013

O Turismo é aqui (3) Gruta Nossa Senhora de Lourdes retrata a fé do povo são-luizense



Gruta é construída com pedras semi-preciosas



Foto histórica da inauguração da Gruta Nossa Senhora de Lourdes

Para os devotos, São Luiz Gonzaga preserva a Gruta Nossa Senhora de

Lourdes, que retrata a fé de um povo, que viveu momentos de tensão e medo em 1924. Neste ano, Luiz Carlos Prestes acampou com sua tropa em São Luiz Gonzaga. As Forças Legalistas aproximavam-se da cidade para combater Prestes e as forças que ele aqui arregimentara.

Temendo um combate sangrento, um grupo de senhoras dirigiu-se a Igreja Matriz para rezar e, juntamente com o então vigário da Paróquia, Monsenhor Wolski, fizeram uma promessa: se não houvesse combate entre revoltosos da Coluna Prestes e Legalistas, ergueriam uma Gruta na parte mais alta da cidade, colocando aí a imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

A graça foi alcançada e a promessa cumprida em 1926. Desde então, muitas pessoas referem graças alcançadas

pela invocação dessa santa e a gruta tornou-se local de visitação de fiéis, peregrinos e turistas que realizam suas orações ou que apenas contemplam sua beleza.

No mês de dezembro de 2012, a Gruta sofreu um ato de vandalismo, o que gerou grande comoção na cidade, já que a imagem da santa foi danificada. O escultor Vinícius Ribeiro foi o responsável por sua restauração: "Ao começar a restauração da escultura, presenciei a qualidade superior do material, feita em cimento (areia fina, cimento e ferragem). Uma das melhores que já vi, com riqueza de detalhes. Encontrei e retirei seis camadas de tinta que estavam descaracterizando as feições da escultura (a cada nova pintura nesses 86 anos, uma camada de tinta por cima da outra). Ela foi pintada com

TELENTREGA
3352.7657
buteco do
molezza
www.oficinadapizza.net
Pizzas Lanches
Petiscos
Agora com serviço
exclusivo TELENTREGA
Viandas Quentinhas
Meio-dia

3352-3791
Dpil
Vendado Altes, 2555
São Luiz Gonzaga

Valkyria
BEAUTY

tinta própria para cimento e nas cores originais (possuía algumas cores não originais)", explicou o escultor. No mesmo mês, a imagem foi entregue novamente à comunidade, que realizou um ato religioso junto à Gruta. Agora, um vidro especial protege a santa.

ANEXO D – O Turismo e aqui (4). Estatuária Missioneira é uma das belezas expostas na Igreja Matriz

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 20 de março de 2013

O Turismo é aqui (4)

Estatuária Missioneira é uma das belezas expostas na Igreja Matriz

Márcio Greff/IAN

A imagem foi, pois, um dos meios usados pelos Jesuítas para transformar a sociedade primitiva guarani. Tocado por ela, nas suas diversas formas de representação, o indígena, artífice dessa produção ficaria embevecido pelas belezas de seu próprio talento. As diferentes manifestações do Barroco que encontramos nos atuais museus e igrejas são reflexos do espírito do povo que as produziu: mais contida ou mais exuberante, gestuais ou introspectivas, rígidas e frontalista ou mais envolvente, representou uma mostra de "expressão mestiça".

O ambiente americano e o objetivo de evangelização levaram o Barroco jesuítico guarani a se mostrar diferente das formas encontradas na escultura europeia. Aqui ela se apresentava mesclada a flora local. Na primeira fase da produção, no séc XVII, os artífices guarani expressavam um comportamento mimucioso na imitação dos moldes europeus. A fase criativa apareceu mais tarde no século XVIII, quando o domínio técnico e formal se consolidou, a assimilação das formas locais de arquitetura e escultura, aliada a sensibilidade do artesão indígena, passaram a produzir um outro estilo, o Barroco Mestiço.

As 12 imagens que estão no interior da Igreja



Santo Antônio Barroco mestiço

Matriz local, foram esculpidas nas oficinas da Missão de São Luiz Gonzaga, orientada por um irmão jesuíta. Sua matéria prima é a madei-



São Luiz Gonzaga, obra de Josep Brassaneli

ra que era encontrada na própria região. Para as imagens que deveriam ser entalhadas, policromadas e douradas usavam o cedro e o

igary. Os corantes eram extraídos de plantas ou óxidos locais com a cor ocre. Da erva-mate, se fazia o verde; do urucum, o vermelho; do

ytybu retymá, o negro. Texto extraído do livro a Imagem Guarani o acervo do Museu das Missões, autora Claudete Boff, pode ser en-



Santa Bárbara, imagem esculpida em estilo barroco europeu

contrado na Biblioteca Municipal. Com o apoio de Sandra Ferreira – Setor de Turismo da Prefeitura de São Luiz Gonzaga.

ANEXO E – O Turismo e aqui (5). Sepé Tiarajú: são-luizense e missioneiro

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 23 e 24 de março de 2013

O Turismo é aqui (5)

Sepé Tiarajú: são-luizense e missioneiro

A obra em homenagem ao símbolo maior da resistência Guarany, Sepé Tiarajú, foi executada pelo escultor Vinícius Ribeiro. Primeiramente, teve o trevo de acesso à cidade como seu local para visitas e, após alguns anos e depois de passar por uma nova pintura, atualmente está fixada em frente a Prefeitura Municipal, ganhando destaque no cenário urbano são-luizense.

Segundo alguns escritores, Sepé Tiarajú nasceu em São Luiz Gonzaga. Conforme Vinícius Ribeiro, "era imprescindível utilizarmos essa informação em nosso benefício e foi esse o motivo que me levou a confeccionar a escultura, que foi inaugurada no dia 19 de abril de 2006, exatamente no Dia do Índio, de forma urgente pois constatai, que até aquela data, a figura de Sepé era lembrada pela imprensa regional e estadual por uma escultura existente em Santo Ângelo, chamada Família Guarani", uma bela obra do escultor Olindo Donadel. Precisávamos mostrar ao mundo que esse símbolo universal de resistência era são-luizense. Hoje, quando a mídia cita esse vulto,

seguidamente focaliza o Sepé de São Luiz Gonzaga. A estátua de Sepé é um símbolo de força e determinação, sendo mais uma das imagens que representam nosso povo", disse Ribeiro.

Vinícius Ribeiro lembra que a obra foi realizada pelo preço de custo para que pudesse sair do projeto. "Na época, não pude dar de presente para a população porque não tinha condições, mas o importante é que a ideia foi aceita e a obra realizada", explicou o escultor. Explicando a obra, Vinícius destaca que "denominei esta obra de A cruz acima da lança. A cruz cristã representa o sacrifício voluntário em prol de algo grandioso, é um símbolo universal e



Escultura encontra-se em frente a Prefeitura Municipal

também representa a paz. Nessa posição, Sepé está postado tal qual uma barreira de carne e osso, com a cruz acima da lança, como a dizer que a paz era seu primeiro objetivo e a lança estava em segundo plano, porém firme. Sepé foi um símbolo de resistência, por isso, todos nós o admiramos, pois representa a força daquele que aparentemente parece ser o mais fraco", ressaltou Ribeiro.

O escultor ainda comenta que "Aos poucos, vamos compreendendo que estamos pisando sobre uma riqueza enorme chamada história e cultura. Explorar isso de forma turisticamente correta, será uma de nossas maiores fontes de renda. Ficou como missão nossa, são-luizenses, prestarmos uma homenagem merecida a este filho ilustre chamado Sepé Tiarajú e ela se concretizará, com as proteções Divinas, na forma de um monumento de seis metros de altura, feito a mão e em concreto armado. Iniciaremos ela somente após o término da Praça em torno do Monumento ao Pajador Jayme Caetano Braun, pois desta maneira não daremos margens de que nossos monumentos são abandonados. Cada coisa a seu tempo e a vez do grande Sepé Tiarajú está chegando. Espero que seja o quanto antes...", concluiu.

Foi sancionado em 21 de setembro de 2009, pelo falecido ex-vice-Presidente José Alencar, lei onde reconhecia Sepé Tiarajú como Herói Nacional. Sepé foi o 11º inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, o primeiro índio e são-luizense missioneiro a receber esta distinção.

ANEXO F – O Turismo e aqui (6). Igreja Matriz mescla estilos, com predominância do gótico

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 27 de março de 2013

O turismo é aqui (6)

Igreja Matriz mescla estilos, com predominância do gótico

A construção da atual Igreja Matriz teve início no ano de 1932. O padre Augusto Preussler, vigário da Paróquia, foi o autor do projeto com as seguintes medidas: 48 m de comprimento; 22m de largura; 3 naves e 48m de torre. Os desenhos do presbitério e o altar-mor foram executados pela firma Adelino Klein. A sua inauguração deu-se em 19 de novembro de 1945, devido a complexidade de seu projeto arquitetônico, que envolvia vários estilos, com predominância do estilo gótico.

No seu interior, encontra-se a magnífica coleção de 12 estátuas de madeira que constituem o acervo missioneiro preservado há mais de 300 anos. A igreja se destaca também por seus belíssimos vitrais, tendo a frente, duas colunas do antigo Colégio Jesuítico, demolido em 1932 para se abrir uma rua. Numa das colunas está uma



Foto antiga da Igreja Matriz, ainda sem o relógio e a Praça da Matriz em fase inicial



A Igreja Matriz atualmente

estátua do Padre Roque Gonzales e um índio guarani, esculpidos por Valentin Von Adamovich. Na outra coluna está a estátua do padroeiro São Luiz Gonzaga. Além das imagens, a igreja terá algumas particularidades que podem ser observadas na pintura do padre Armando Seibert "Nossa Senhora do Chimarrão", localizada ao lado do altar e Nossa Senhora com menino Jesus recebendo do gaúcho um chimarrão, homenagem à cultura gaúcha, hábito que herdamos dos índios. Com o apoio de Sandra Ferreira – Setor de Turismo Prefeitura de São Luiz Gonzaga.

ANEXO G – O Turismo e aqui (7). Sítio Arqueológico de São Lourenço mantém remanescentes da antiga redução. Parque Centenário marca a passagem dos 100 anos do Município



O Turismo é aqui (7) Sítio Arqueológico de São Lourenço mantém remanescentes da antiga redução



Imagens do Sítio Arqueológico

Considerado Patrimônio Histórico Nacional, o Sítio Arqueológico de São Lourenço Mártir compõem a Rota Turística de São Luiz Gonzaga, proporcionando aos seus visitantes, um profundo conhecimento do que foi a saga missioneira.

Localiza-se aproximadamente a 30 Km do Município, pela BR-285 e constitui-se numa das mais significativas heranças históricas da região. Possui uma exposição de objetos líticos e cerâmicos coletados no próprio sítio, além de

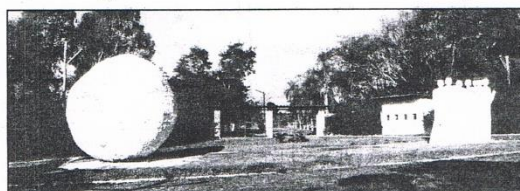
painéis explicativos com histórico da redução. É um dos quatro Sítios Arqueológicos declarados pela UNESCO como parte dos quatro roteiros turísticos mais importantes do mundo e que também integra o roteiro do Circuito Internaci-

onal das Missões. A Redução de São Lourenço Mártir foi a quinta redução a ser construída. Fundada por Bernardo de La Vega, em 1690, entre São Luiz e São Miguel, possuía uma igreja com cinco altares, todos com ornatos dourados e de

muito bom gosto. Hoje, o que restou da Redução revela, timidamente, a imponência do que deveria ter sido São Lourenço Mártir. Aberto diariamente das 8h às 18h. Informações pelo fone: (55) 3352-2699 (Setor de Turismo).

Parque Centenário marca a passagem dos 100 anos do Município

O Parque Centenário foi criado com a finalidade de preservar a área verde, dentro do perímetro urbano, e para a realização de festas, exposições e demais atividades culturais. No interior do parque, estão plantadas mais de três mil mudas de espécies nativas, ornamentais e exóticas, que proporcionam tranquilidade, possibilitando o reequilíbrio espiritual e a recuperação das energias, uma ótima opção de lazer para quem busca evitar o stress. O parque recebeu o nome de "Centenário", para marcar a passagem do aniversário de 100 anos do Município. Possui amplo espaço natural com mais de sete hectares e um pavilhão com três mil metros, além de uma pista permanente para Cross e Supercross.



Na entrada do Parque, obra de Plínio Ivar da Rosa, "Monumento à Soja"

ANEXO H – O Turismo e aqui (8). Conheça mais sobre a história e trajetória de
nosso Município

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 3 de abril de 2013

O Turismo é aqui (8)

Conheça mais sobre a história e a trajetória de nosso Município



Situada ao Noroeste do Estado, na Região das Missões, São Luiz Gonzaga foi fundada pelo padre Miguel Fernandes em 1687. Seu território é sulcado por muitos arroios e pelos rios Ijuí, Piratini e Ximbocá. Fez parte da República Guarani desde a sua fundação até 1756, quando, em con-

seqüência do Tratado de Madri – 1750 – os índios e os jesuítas foram expulsos pelos exércitos portugueses e espanhol. Nessa época, segundo os historiadores, o Brasil ainda vivia em atraso cultural e a civilização que aqui floresceu, deixou marcas que ainda hoje podem ser observadas nos

remanescentes históricos. Após a expulsão dos jesuítas das Missões, estabeleceu-se um novo plano de governo cujos resultados foram desastrosos. Tudo o que havia sido construído em arte, gosto, trabalho e sacrifício de preciosas vidas, entrou em decadência. Os índios, que

havam se transformado em pedreiros, pintores e entalhadores, foram mortos ou fugiram, abandonando o território, vítimas da fúria dos exércitos na luta pela terra.

O tempo passou e São Luiz Gonzaga entrou na fase agrícola. Depois de mais de um século de inte-

ro abandono, já no século XIX, a região começou a experimentar um clima de desenvolvimento. Em 1880, ano da emancipação política, São Luiz Gonzaga já possuía algumas das edificações necessárias para que a vila prosperasse.

A fixação do 3º Regi-

mento de Cavalaria, em 1905, representou um marco no desenvolvimento desta terra. São Luiz Gonzaga, manancial de artistas, orgulha-se por ser o chão que abriga renomados músicos. É um Município que agrada pela forma calorosa com que o povo recebe e trata os visitantes.

ANEXO I – O Turismo e aqui (9). "Não é à toa, chomisco, que sou de São Luiz Gonzaga" (Jayme Caetano Braun)

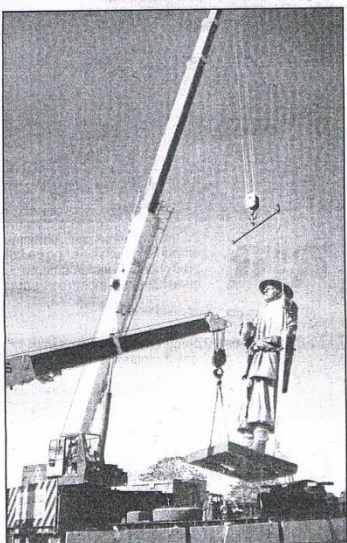
SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MÓDA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 6 e 7 de abril de 2013

O Turismo é aqui (9)

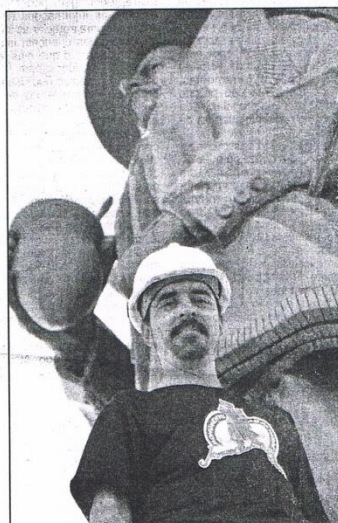
"Não é à toa, chomisco, que sou de São Luiz Gonzaga" (Jayme Caetano Braun)



O traslado do monumento que atravessou a cidade

lho do escultor Vinicius Ribeiro. A obra está localizada no trevo da CESA, na BR-285, e tem seis metros de altura, dois metros de largura e pesa aproximadamente sete toneladas. Construída em concreto armado, o monumento está fixado em uma base de cinco metros de altura e no seu entorno, está sendo construída uma praça, que proporcionará aos são-luizenses e visitantes, mais um ponto de lazer no Município.

Para a construção do monumento, foi realizada em São Luiz Gonzaga, uma grande campanha para a captação de recursos. Foram confeccionados 500 certificados numerados e aqueles interessados, adquiriram



Vinicius Ribeiro junto ao monumento em homenagem a Jayme Caetano Braun

ços na base do monumento, para que pessoas ou empresas pudessem immortalizar o seu nome. O montante arrecadado serviu para custear o trabalho, que teve a mão de obra oferecida gratuitamente por Vinicius Ribeiro.

Poucos dias antes da inauguração, o monumento de sete toneladas foi removido até o Trevo de Acesso da BR-285, pelas equipes formadas pelas empresas SS Guindastes; a SS Recicladora de Metais e a Steindorff Viaturas Militares. A movimentação teve início às 06h30min e encerrou às 17h. A inauguração da obra, no dia 10 de outubro de 2009, teve grande participação da comunidade são-luizense e regional, tendo repercussão Estadual pela importância de Jayme Caetano Braun para a cultura missioneira e gaúcha.

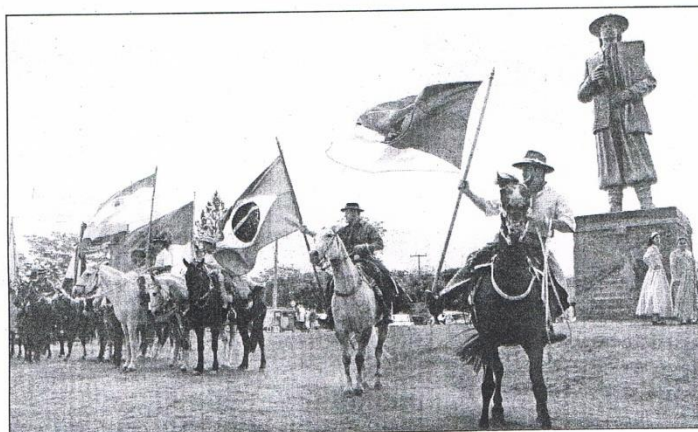
Poeta, declamador e pajador, símbolo maior da poesia gauchesca, Jayme Caetano Braun especializou-se em décimas e em seus versos, retratou os hábitos do peão campeiro, o gaúcho andarilho, o índio missioneiro, a formação dos Sete Povos das Missões e a Epopeia Farrroupilha foram alguns de seus temas. Sua temática ia da raiz às estrelas, sendo ao mesmo tempo, regional e universal.

O monumento a Jayme Caetano Braun foi inaugurado em São Luiz Gonzaga em 10 de

outubro de 2009, sendo mais um traba-

o documento, concorrendo ao final da campanha, a uma

maquete da obra. Também foram comercializados espa-



Cena da inauguração do monumento, na BR-285

ANEXO J – O Turismo e aqui (10). Centro de Criatividade são-luizense completa 30 anos de história em 2013

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 17 de abril de 2013

O Turismo é aqui (10)

Centro de Criatividade São-luizense completa 30 anos de história em 2013



Vista de alguns trabalhos em exposição no Centro de Criatividade

O Centro de Criatividade São-luizense é um dos pontos turísticos de São Luiz Gonzaga. Prestes a completar 30 anos de história (setembro), a entidade mantém a Arte Nossa, local que comercializa as obras dos artesãos cadastrados no centro. Localizado no centro da cidade, a menos de meia quadra da Praça da Matriz, a Arte Nossa realiza diversas promoções durante o ano, como as tradicionais Feira de Páscoa, Feirarte e Feira de Natal.

Por ocasião das comemorações dos 100 anos de Emancipação Político-Administrativa de São Luiz Gonzaga, em 1980, vários eventos foram promovidos, entre eles, a Mostra da Arte Missioneira, visando redescobrir as raízes da cultura missioneira. Na segunda edição do evento, em 1983, Sônia Dressan Vieira, que coordenava a comissão organizadora do II Salão de Artes, convidou um grupo de



Feira de Páscoa é tradicional em São Luiz Gonzaga

personas que manifestavam a sua criatividade através das artes plásticas, constituindo os objetivos que alcançaram e deram suporte ao surgimento do Centro de Criatividades São-luizense. Foi na Câmara de Vereadores, em 21 de setembro de 1983, que se efetivou a criação deste núcleo da área das Artes.

Entre os objetivos do Centro de Criatividade estão incentivar a atividade criadora; estimular na comunidade, o gosto pela arte; integrar pes-



Fachada da Arte Nossa, no centro da cidade

soas que possuem habilidades e/ou interesses pelas diferentes áreas de manifestação artística; oferecer oportunidade de crescimento cultural no desempenho das atividades artísticas e difusão cultural. Além de oferecer artesanato e obras de diversos artistas da cidade e região, o Centro de Criatividades oferece vários cursos aos seus associados. O horário de atendimento do Centro é o comercial, atendendo ainda pelo fone 3352-3169.

ANEXO K – O Turismo e aqui (11). A história do 4º RCB se confunde com a formação do Rio Grande do Sul

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 20 e 21 de abril de 2013

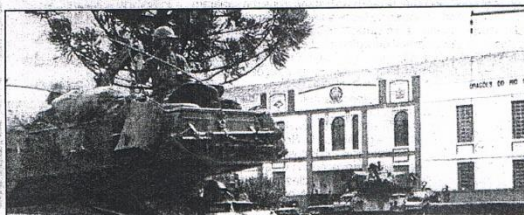
O Turismo é aqui (11)

A história do 4º RCB se confunde com a da formação do Rio Grande do Sul

O Regimento foi organizado em 3 de maio de 1737, junto ao Canal do Rio Grande, por determinação do brigadeiro Silva Paes, em decorrência da necessidade de guarnecer as fronteiras portuguesas contra a expansão dos domínios espanhóis na região. O costume lusitano de designar seus regimentos pelo nome do lugar onde estavam sediados deu-lhe a denominação de "Dragões do Rio Grande de São Pedro".

A fim de apoiar o trabalho das comissões de demarcação dos limites estabelecidos pelo Tratado de 1750 entre Espanha e Portugal, em que seriam permutadas a Colônia do Sacramento e as Missões Orientais, o Regimento foi deslocado para a margem esquerda do Rio Pardo em 1752. Na nova sede, sob a denominação de "Dragões do Rio Pardo", participou de inúmeras campanhas pela manutenção de nossas fronteiras, tanto em território riograndense como em domínios do Estado Oriental do Uruguai.

Em 1824 recebeu a denominação de 5º Regimento de Cavalaria e em 21 de março de 1836 foi comandado pelo então tenente, Manoel Luiz Osório, hoje Patrono da Arma de Cavalaria. Nesse ano, por ter aderido à Revolução Farroupilha, o Regimento foi dissolvido. O Decreto nº 1074, de 30 de novembro de 1852, determinou a reorganização do Regimento junto ao Aca-



Acampamento da Trilha, na Região de São Gabriel, o que foi feito por João Manoel Menna Barreto.

Nesse período conturbado por atritos entre brasileiros e castelhanos, o Regimento vigiou a fronteira rio-

grandense e participou da Campanha do Estado Oriental em 1864, retornando ao território brasileiro no ano se-



guinte, acampando em São Borja em 19 de novembro, após assistir a Rendição de Uruguiana. Recebendo a denominação de 5º Corpo de Caçadores a Cavalos e integrando o 2º Corpo de Exército, o Regimento participou da Guerra do Paraguai, com destacada atuação em todas as missões recebidas.

Finda a Campanha do Paraguai e com a reorganização dos efetivos do Exército, o Regimento passou a denominar-se 5º Regimento de Cavalaria Leveira, com sede em Bagé. Tendo tomado parte na Revolução Federalista de 1893, recebeu missões que o obrigavam a mudar o acampamento constantemente, sendo a última parada em Santana do Livramento, onde permaneceu até 8 de maio de 1905.

Após ter sido o elemento fundador das cidades de Rio Grande e Rio Pardo, contribuiu para o desenvolvimento de São Gabriel e Livramento, o Regimento foi transferido para São Luiz Gonzaga, onde chegou em 8 de julho de 1905, sob o comando do Ten Cel João Inácio Alves Teixeira e, em 1920, teve sua designação mudada para 3º Regimento de Cavalaria Independente.

Inicialmente acantonado nas instalações do antigo Colégio dos Jesuítas, veio a receber seu atual aquartelamento em 8 de julho de 1924. Neste período, exerceu a vigilância da fronteira, combateu o contrabando e forneceu boa parte de seu efetivo, inclusive o comandante, o então major Leovegildo de Paiva para a Campanha do Contestado. Participou, ainda, dos movimentos revolucionários de 1924 e 1932.

Em 1954 recebeu a denominação histórica "Regimento Dragões do Rio Grande".

(3º Regimento de Cavalaria), conforme Decreto Presidencial nº 36.514 de 1º de dezembro de 1954. Em 3 de maio de 1956, a população de São Luiz Gonzaga ofertou-lhe o estandarte. Com a adoção de modernos meios de combate pelo Exército, visando proporcionar maior mobilidade e potência de fogo à Cavalaria, em janeiro de 1974 a Unidade foi transformada em 4º Regimento de Cavalaria Blindado, mantendo a denominação "Regimento Dragões do Rio Grande".

A história do Regimento se confunde com a da formação do Rio Grande do Sul. Seus acampamentos e suas paradas temporárias delinearam os atuais contornos do Estado. Há um dito popular dando conta de que as fronteiras gaúchas foram traçadas "a casco de cavalo e a ponta de lança". Podemos acrescentar que, montando esses cavalos e empunhando essas lanças, estavam os soldados do "Regimento Dragões do Rio Grande".

ANEXO L – O Turismo e aqui (12). O trabalho realizado pelo Setor do Turismo em São Luiz Gonzaga

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 27 e 28 de abril de 2013

O Turismo é aqui (12) O trabalho realizado pelo Setor de Turismo em São Luiz Gonzaga

Para dar um maior suporte ao atendimento aos turistas que visitam a cidade, existe o chamado Quiosque do Turismo, localizado na Praça da Matriz, onde está localizado o Setor de Turismo de São Luiz Gonzaga, chefiado por Sandra Ferreira, formada em Turismo e que já morou em cidades turísticas, com o objetivo de aprimorar os seus conhecimentos e aplicá-los na cidade. A Secretária de Turismo é liderada por Aldimar Machado, que é responsável ainda, pelas secretarias de Agricultura, Indústria e Comércio. Em entrevista especial, Sandra e Aldimar destacam a atual situação do Turismo em São Luiz Gonzaga, projetos e curiosidades.

AN - Como é o trabalho realizado no Quiosque do Setor de Turismo? Quem são os responsáveis pelo atendimento e qual o perfil de pessoas que procuram o local?

Turismo – “Além do trabalho de atendimento ao público que está em visita a cidade, há o atendimento dos moradores, alunos e pessoas pedindo informações de endereços e indicações de ruas. O atendimento é realizado por uma pessoa”.

AN - Quantos turistas vocês atendem mensalmente e de onde eles são oriundos? Que tipo de material impresso o Quiosque disponibiliza ao visitante?

Turismo – “No mês de janeiro, foi o maior número de turistas em visita a São Miguel e também a São Luiz Gonzaga e São Nicolau, 48 pessoas. Em fevereiro reduziu para 23, oriundos de AR, SP, SC, RJ e RS. Nos outros meses fica mais restrita a população local. Estamos produzindo um material de informações e divulgação e em breve apresentaremos esse novo material mais publicitário priorizando as imagens, fazendo com que as pessoas tenham vontade de visitar o local apenas visualizando a foto do ponto turístico”.

AN - A teu ver, o que pode ser feito para alavancar o Turismo em nossa cidade? Temos pontos turísticos ricos em história e cultura, como podemos ver nesta série O Turismo é aqui e há pessoas que ainda dizem que não temos nada a mostrar na cidade... Como você se sente ao ouvir frases como esta?

Turismo – “Primeiramente preservar a nossa memória, tanto material quanto imaterial, os nossos prédios históricos municipais, torná-los parte do turismo. Quando conseguirmos ter um museu moderno e atrativo em um prédio de 100 anos, teremos um novo produto, por exemplo, e as agências vão incluir São Luiz nos roteiros, pois, a novidade é aliada

do turismo e este é apenas um dos nossos problemas. Em relação a não ter nada para mostrar, geralmente são pessoas que não apreciam o aspecto cultural das Missões, nem a sua própria origem. Quem olha uma ruína de 300 anos e diz que só vê um amontoado de pedras, nunca vai entender o nosso turismo cultural, apreciar algo que não é palpável e que está no nosso imaginário”.

AN - Para você, qual o nosso ponto turístico mais interessante pela história e pelo acervo que apresenta?

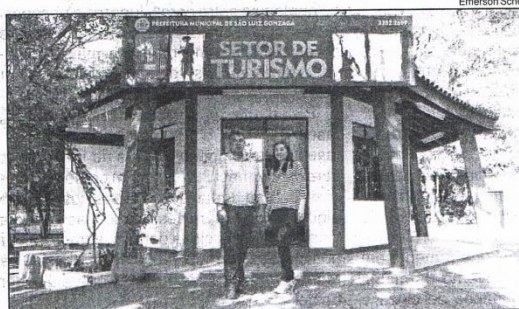
Turismo – “A estatuária Missioneira e o Sítio Arqueológico de São Lourenço no valor histórico; a música e a figura do poeta Jayme Caetano Braun, pelo seu reconhecimento nacional”.

AN - O que acha de a história do Município e das Missões serem estudadas em sala de aula, desde as séries iniciais? Teríamos uma nova geração com uma visão de Turismo diferente?

Turismo – “Elas já estão estudando e já percebo nelas uma visão diferente. Quando eu estudava, conhecíamos os indígenas da Amazônia. Hoje, as séries iniciais estudam o Guarani que aqui viveu e tem contato com esses indígenas, a história está mais próxima deles do que dos mais velhos. Com certeza, eles já sabem mais do que seus avós”.

AN - A teu ver, quando São Luiz Gonzaga estará preparada para divulgar o seu potencial turístico para todo o país, assim como vizinhos como São Miguel e Santo Ângelo?

Turismo – “Acho que São Luiz está muito bem divulgado na música que é hoje o nosso grande potencial no turismo, por que culturalmente, já está bem reconhecida. Nós não temos uma Ruína Patrimônio da Humanidade, mas possuímos as artes, a cultura e a poesia que complementam a riqueza arquitetônica. A música missioneira representa um sentimento de um povo que viveu



Sandra e Aldimar junto ao Quiosque do Turismo

e se expressa através dela; a música nos diz algo deste período. Se fosse bem analisada, poderia ser tombada como patrimônio imaterial, pois teve o seu surgimento do povo. Precisamos mudar algumas formas como as coisas são feitas e organizar o roteiro sem pensar em viver somente do turismo, pelo menos neste primeiro momento. Nossa meta é fazer a nossa parte, contribuindo para o desenvolvimento de forma gradativa”.

AN - Que projetos o Setor de Turismo estará realizando em 2013?

Turismo – “Por ter formação na área de Turismo e ter residido em uma cidade que vive disso, aprendi muito sobre o desenvolvimento turístico de uma cidade que busca gerar renda desta atividade. Penso que a forma que hoje está o Setor de Turismo, não poderemos realizar muitas ações que são necessárias a esse desenvolvimento, pois nem todos os pontos turisti-

cos são responsabilidade do Setor de Turismo por exemplo, o que acaba dificultando um pouco os objetivos gerais do turismo como um todo. Mas, com o apoio do secretário Aldimar Machado e do prefeito Junaro, vamos produzir um novo material impresso e virtual para que possamos enviar por e-mail para agências e Universidades, para que inclu-

São Luiz Gonzaga em seus roteiros. Neste ano, daremos atenção especial a São Lourenço: sinalização, atendimento as ovelhas, organização do cemitério. Estaremos organizando um Seminário de História das Missões e a Trilha Cidade São Luiz até São Lourenço na Semana do Município, com o objetivo de informar e divulgar. A secretaria está dispensando

especial atenção ao Carnaval com a intenção de atrair e movimentar a cidade com eventos culturais não somente históricos e está em nossas metas, a reestruturação do COMTUR, entre outras atividades de preservação e fomento”.

ANEXO M – O Turismo e aqui (13). A Cruz Missioneira

O Turismo é aqui (13)**A Cruz Missioneira**

Em todas as reduções missioneiras ergue-se a cruz. A maior e original, porém, está na praça fronteiriça ao templo de São Miguel. De belas proporções arquitetônicas, perto do museu, um cruzeiro vistoso, digno das atenções de qualquer visitante ou turista, está lá o que a chamam de a cruz de São Miguel. Mas essa cruz vem sendo chamada no Rio Grande do Sul simplesmente de “a cruz missioneira”.

A diversidade de nome que se tem dado a essa cruz importa em especial estudo e um tanto de incertezas. Pois para além dos onomásticos “Cruz das Missões”, ocorrem com mais frequência os seguintes: “Cruz de Lorena”, “Cruz de Borgonha”. Houve quem dissesse simplesmente tratar-se de uma réplica da “Cruz de Caravaca”, sendo Caravaca uma cidade na Província de Múrcia, na Espanha.

Embora os estudos indiquem a origem da Cruz Missioneira como a Cruz de Caravaca, ela já incorporou ao imaginário do povo rio-grandense como o símbolo máximo da espiritualidade da região das Missões. O seu significado segue sendo o de proteção e é ofertada, em forma de relíquia peitoral, ou pedestal, àquelas pessoas que se querem bem. Os dois braços, que representam a distinção arquiépiscopal ou patriarcal, para diferir da cruz de apenas um braço, são interpretados pela compreensão popular como uma representação da fé redobrada. Nas Missões, há uma Cruz Missioneira na entrada de cada cidade.



ANEXO N – O Turismo e aqui (14). A estrada de ferro – Estação Ferroviária

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 8 de maio de 2013

O Turismo é aqui (14)

A estrada de ferro – Estação Ferroviária

A Estação Ferroviária de São Luiz Gonzaga é um dos pontos turísticos mais lembrados pelos são-luizenses. A sua história está inserida com o início das estradas de ferro no Rio Grande do Sul, em 1869, o qual resumimos aqui.

Márcio Greff

A estrada de ferro no Rio Grande do Sul teve início em 1869 com o ramal Porto Alegre-São Leopoldo-Novo Hamburgo e foi completada em 1876. Mais tarde, foi construído o trecho Porto Alegre-Uruguaiana, seguindo Pelotas-Bagé, Serra do Quaraí-Itaqui, entre outras. O senador Pinheiro Machado prosseguiu a sua luta em prol de São Luiz Gonzaga, tomando as suas providências junto a área governamental, objetivando o desenvolvimento da cidade, preparando-a para dotá-la de uma estrada de ferro, o que conseguiu ver iniciada ainda nos seus dias gloriosos. A estrada de ferro, cujos trabalhos já se encontravam em fase adiantada de implantação, foram totalmente paralisadas, após a morte do senador.

Passaram-se 30 anos e no início da década de 1920, uma nova campanha se ergueu, quando o povo de São Luiz Gonzaga voltou a reivindicar a estrada de ferro. O ministro Francisco Salles anunciou que estudos haviam sido feitos e apreciados pelo Ministério da Guerra. São Luiz seria contemplado através de um ramal que, partindo de Santo Ângelo-Guarany-Serro Azul, alcançaria a cidade. Mas este projeto também morreu nas gavetas dos Ministérios. Em



A situação do prédio onde funcionou a Estação Férrea de São Luiz Gonzaga

1925, uma nova reivindicação sugeria o aproveitamento das obras Santiago-São Luiz, que haviam sido abandonadas. Getúlio Vargas, então deputado, defendeu o projeto na Câmara apoiado por seus companheiros gaúchos, o vê aprovado.

Veio a revolução de 1930 e esse projeto também não se concretizou. O futuro reservaria a Getúlio Vargas, a missão de na condição de presidente da República, realizar as obras, assim que os trabalhos até São Borja estivessem concluídos. O novo projeto da linha férrea Santiago-São Luiz abandonou

o velho traçado, considerado inaproveitável. Finalmente, em abril de 1937, foi inaugurada a linha férrea em São Luiz Gonzaga, marcada por ampla comemoração nos dias 20 e 21, contando com churrasco oferecido ao Batalhão Ferroviário e autoridades; recepção das comitivas visitantes; partida de futebol entre São Luiz e São Borja; partida de tênis entre as duas cidades; banquete ao coronel Horta Barbosa, comandante do Batalhão Ferroviário; baile no Clube Harmonia; desfile do 3º RCI; missa campal e demais festividades.

ANEXO O – O Turismo e aqui (15). A Ponte Metálica sobre o Rio Piratini

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 11 e 12 de maio de 2013

O Turismo é aqui (15)

A Ponte Metálica sobre o Rio Piratini

Até o fim do século XVIII, a ligação São Luiz/São Borja era feita através do Rio Piratini "Passo Real" – mais tarde, Passo do Pedrinho - que estava localizado no Manguieirão, área de terra situada entre os dois "vaus" do Rio Ximbocu, atualmente desativado. Nessa época, o tráfego era só viável através de um "vau", localizado logo acima da barra do Ximbocu e somente em tempo de estiagem, ou então em canoa no local onde mais tarde foi implantada a balsa.

A contar das primeiras décadas de 1800, foi

implantada uma balsa que transportava pessoal e veículos. Os animais de montaria, tração e outros eram transportados a nado. Essa situação perdurou por muitos anos até que o senador José Gomes Pinheiro Machado, que desde o princípio teve a ponte sobre o Rio Piratini como prioritária, mesmo porque conhecia pessoalmente o problema, sabia das dificuldades de acesso nesse rio, condicionado pela altura das águas, situação que muitas vezes interrompia as comunicações de São Luiz/São Borja e a região da Fronteira, por semanas e até meses.

Gracias ao senador Pinheiro Machado, foi conseguida uma ponte desmontável.

Em 1901, foi contratada a Construção da Base e Montagem, tendo como engenheiro, o dr. Escobar, filho de São Borja e lá residente. A inauguração da

obra aconteceu em 1903. Ponte de construção mista: pilares de pedra, armação metálica, pré-fabricada na Inglaterra e piso de madeira. Foi a primeira ponte construída ao longo do Rio Piratini. Após a sua queima por ocasião das revoluções

de 1923 e 1924, voltou a funcionar a balsa do "Passo do Pedrinho" e também o "vau" então existente, logo abaixo do local da ponte, mas este, só nas estiagens. Esta situação perdurou até os novos reparos e reconstrução do madeiramento,

pelos anos de 1926/27, quando foi liberado o trânsito. Em 1935, seu estado de conservação era precário. Após completa reforma pelo governo da época, a ponte prestou serviço até a data da liberação da BR-285.

ANEXO P – O Turismo e aqui (Final). Praça da Matriz é um dos mais belos
logradouros do interior do Estado

SEGUNDO CADERNO

DICAS-TV-MÚSICA-CINEMA-SOCIEDADE-LIVROS-MODA-BELEZA-QUADRINHOS-ENTREVISTAS

São Luiz Gonzaga, 11 e 12 de maio de 2013

O Turismo é aqui (15)

A Ponte Metálica sobre o Rio Piratini

Até o fim do século XVIII, a ligação São Luiz/São Borja era feita através do Rio Piratini "Passo Real" – mais tarde, Passo do Pedrinho - que estava localizado no Mangueirão, área de terra situada entre os dois "vaus" do Rio Ximbocu, atualmente desativado. Nessa época, o tráfego era só viável através de um "vau", localizado logo acima da barra do Ximbocu e somente em tempo de estiagem, ou então em canoa no local onde mais tarde foi implantada a balsa.

A contar das primeiras décadas de 1800, foi

implantada uma balsa que transportava pessoal e veículos. Os animais de montaria, tração e outros eram transportados a nado. Essa situação perdurou por muitos anos até que o senador José Gomes Pinheiro Machado, que desde o princípio teve a ponte sobre o Rio Piratini como prioritária, mesmo porque conhecia pessoalmente o problema, sabia das dificuldades de acesso nesse rio, condicionado pela altura das águas, situação que muitas vezes interrompia as comunicações de São Luiz/São Borja e a região da Fronteira, por semanas e até meses.

Graças ao senador Pinheiro Machado, foi conseguida uma ponte desmontável.

Em 1901, foi contratada a Construção da Base e Montagem, tendo como engenheiro, o dr. Escobar, filho de São Borja e lá residente. A inauguração da

obra aconteceu em 1903. Ponte de construção mista: pilares de pedra, armação metálica, pré-fabricada na Inglaterra e piso de madeira. Foi a primeira ponte construída ao longo do Rio Piratini. Após a sua queima por ocasião das revoluções

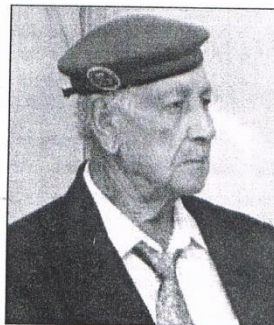
de 1923 e 1924, voltou a funcionar a balsa do "Passo do Pedrinho" e também o "vau" então existente, logo abaixo do local da ponte, mas este, só nas estiagens. Esta situação perdurou até os novos reparos e reconstrução do madeiramento,

pelos anos de 1926/27, quando foi liberado o trânsito. Em 1935, seu estado de conservação era precário. Após completa reforma pelo governo da época, a ponte prestou serviço até a data da liberação da BR-285.

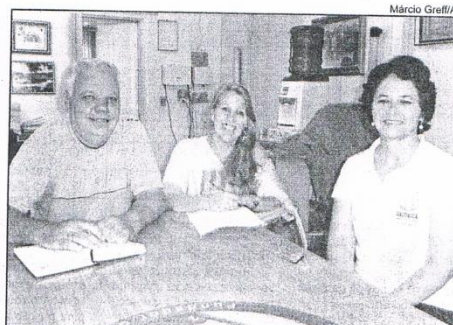
ANEXO Q – Semana Nacional dos Museus será comemorada com duas exposições

ÓRGÃO REGIONAL *a Notícia* Com entregas domiciliares às famílias de CAIBATE, BOSSOROGA, SÃO LUÍZ GONZAGA, SANTO ANTONIO DAS MISSOES, GARRUCHOS, PIRAPO, SÃO NICOLAU DEZESSEIS DE NOVENBRO, ROQUE GONZALES, MATO QUEIMADO E ROLADOR
 FUNDADO POR JOSÉ GRISOLIA EM 29/07/34
 São Luiz Gonzaga, 1º de maio de 2013 - Nº 7484

Semana Nacional dos Museus será comemorada com duas exposições



O homenageado Artur Melo da Costa



João Hengen, Mariza Ditz e Ana Lúcia Rebolho

A Semana Nacional dos Museus é realizada de 13 a 19 de maio, em comemoração ao Dia do Museu, no dia 18. Em São Luiz Gonzaga, duas exposições estão sendo programadas, no Museu Arqueológico e Museu Senador Pinheiro Machado.

No Museu Arqueológico, junto ao Centro Cícero Cavalheiro, será realizada a exposição itinerante "São Luiz Contemporâneo – Século XX e XXI". O evento tem como lema "Quem não conhece a história da própria cidade não é cidadão dela e sim, seu hóspede" – Riopar-

dense de Macedo (urbanista) e contará com 18 quadros com fotos da cidade e sua arquitetura (antes e depois). A exposição é uma parceria com o IHG – Instituto Histórico e Geográfico.

Já no dia 15 de maio, às 15h, no Museu Senador Pinheiro Machado, ocorrerá a

abertura da exposição em homenagem ao ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, Artur Melo da Costa, são-luizense falecido no ano passado. A exposição foi organizada pela mestrandia em Patrimônio Cultural pela UFSM, Mariza Klein Ditz com os apoios do diretor dos Museus de São Luiz, João Alberto Machado Hengen e de Ana Lúcia Rebolho, coordenadora do setor Pedagógico da SEMECE. Os horários de visitação das exposições são

das 8h às 11h30min e das 13h30min às 17h.

Artur Melo da Costa foi um dos 1.880 rio-grandenses que participaram da Segunda Guerra Mundial, vindo a falecer no dia 3 de novembro de 2012. Na região, era o único sobrevivente da guerra, oferecendo informações relevantes deste período da história da humanidade. Durante a exposição, passará um documentário sobre Artur Melo da Costa – "Um herói Missioneiro".

ANEXO R – Semana Nacional dos Museus abre na próxima semana, com duas exposições



ANEXO S – Semana Nacional dos Museus.

São Luiz Gonzaga, 04 de maio de 2013

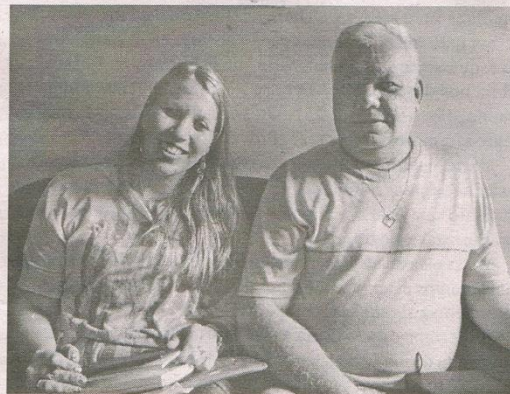
GERAL

Semana Nacional dos Museus*A Semana Nacional dos Museus é comemorada de 13 a 19 de maio de 2013, em homenagem ao dia do museu 18 de maio.*

No Museu Arqueológico de São Luiz Gonzaga acontecerá a exposição itinerante São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI. Esta exposição tem como lema “quem não conhece a história da própria cidade não é cidadão dela e sim seu hóspede” Riopardense de Macedo (urbanista). Os visitantes poderão visualizar quadros com fotos de nossa cidade fazendo uma comparação com o passado e o presente, está exposição ficará exposta até

a semana do município e pode ser agendada pelo telefone 55-99184263 com o diretor dos museus João Alberto Hengen.

Também nesta semana, no dia 15 de maio, às 15 horas, no Museu Senador Pinheiro Machado, irá acontecer a abertura da visitação ao espaço destinado aos materiais do Ex-Combatente Artur Melo da Costa. A partir desta data, estes materiais comporão o espaço destinado à exposição de longa duração do Museu. Parale-



Mariza Klein Ditz e João Alberto Hengen em visita a redação do JM

la a esta exposição de longa duração, ocorrerá uma exposição itinerante sobre o mesmo tema.

Artur Melo da Costa: são-luizense e ex-combatente da Segunda Guerra Mundial

Para o evento de apresentação do material de Artur Melo da Costa e visitação dos museus, convidam a professora mestrande em Patrimônio Cultural- UFSM, e organizadora da exposição de Artur Melo da Costa, Mariza Klein Ditz, o diretor dos Museus João Alberto Machado Hengen representando também a Secretária Municipal de Educação que está apoiando esse evento.

Artur Melo da Costa, nascido na região das Missões, é um dos 1880 rio-grandenses que participaram da Segunda Guerra Mundial. Este ilustre senhor faleceu em 03/11/12. Na região, o referido personagem histórico era o único sobrevivente da Segunda Guerra Mundial que quando vivo e lúcido, ofereceu informações relevantes desse período da história da humanidade. Deste modo, conforme os envolvidos neste evento, é imprescindível realizar um trabalho no sentido de preservar esta história.

necessária, ESTATUT...
10.415.40)

ANEXO T – Semana Nacional dos Museus com programação local

4 Guia São Luiz

04 DE MAIO DE 2013

EDUCAÇÃO/CULTURA

Semana Nacional dos Museus com programação local

A Semana Nacional dos Museus é comemorada de 13 a 19 de maio de 2013, em homenagem ao dia do museu 18 de maio.

No Museu Arqueológico de São Luiz Gonzaga acontecerá a exposição itinerante São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI. Esta exposição tem como lema "quem não conhece a história da própria cidade não é cidadão dela e sim seu hóspede" Riopardense de Macedo (urbanista). Os visitantes poderão visualizar quadros com fotos de nossa cidade fazendo uma comparação com o passado e o presente, esta exposição ficará exposta até a semana do município e pode ser agendada pelo telefone 55-99184263 com o diretor dos museus João Alberto Hengen.

Também nesta semana, no dia 15 de maio, às 15 horas, no Museu Senador Pinheiro Machado, irá acontecer a abertura da visitação ao espaço destinado aos materiais do Ex-Combatente Artur Melo da Costa.

ta. A partir desta data, estes materiais comporão o espaço destinado à exposição de longa duração do Museu. Paralela a esta exposição de longa duração, ocorrerá uma exposição itinerante sobre o mesmo tema.

Artur Melo da Costa: são-luizense e ex-combatente da Segunda Guerra Mundial

Para o evento de apresentação do material de Artur Melo da Costa e visitação dos museus, convidam a professora mestranda em Patrimônio Cultural- UFSM, e organizadora da exposição de Artur Melo da Costa, Mariza Klein Ditz, o diretor dos Museus João Alberto Machado Hengen representando também a Secretária Municipal de Educação que está apoiando esse evento.

Artur Melo da Costa, nascido na região das Missões, é um dos 1880 rio-grandenses que participaram da Segunda Guerra Mundial. Este ilustre senhor faleceu em 03/11/12. Na

região, o referido personagem histórico era o único sobrevivente da Segunda Guerra Mundial que quando vivo e lúcido, ofereceu informações relevantes desse período da história da humanidade. Deste modo, conforme os envolvidos neste evento, é imprescindível realizar um trabalho no sentido de preservar esta história.

Arquivo Guia São Luiz



ANEXO U– Tribuna Popular da Câmara usada para apresentar o trabalho de
mestranda

4

São Luiz Gonzaga, 15 de maio de 2013

GERAL

Tribuna Popular da Câmara usada para apresentar o trabalho de mestranda

História de Artur Melo da Costa é tema de exposição no Museu Senador Pinheiro Machado. Ex-combatente da Segunda Guerra Mundial deixa extenso legado cultural para São Luiz Gonzaga.



Mariza destaca vida de ex-combatente da FEB

Durante a sessão ordinária de segunda-feira, 13, na Câmara de Vereadores, ocorreu a utilização do espaço da “Tribuna Popular”. A mestranda em patrimônio cultural pela UFSM, Mariza Klein Ditz explanou para a comunidade o seu trabalho de pesquisa sobre a vida de Artur Melo da Costa. O Museu Senador Pinheiro Machado vai manter uma exposição com alguns pertences referente à trajetória de vida do ex-combatente. Também, uma exposição itinerante será disponibilizada.

Artur Melo da Costa integrou o pelotão

de 1880 soldados do Rio Grande do Sul, os quais unidos a 25 mil brasileiros participaram da 2ª Guerra Mundial. Sua memória dos feitos junto à guerra deixou um legado cultural que permanecerá para as próximas gerações. Artur faleceu no dia três de novembro de 2012, com 91 anos. O contato com a mestranda Mariza é marizakd@hotmail.com, para informações e solicitações de material histórico. (Por Pâmela

Moraes, assessora de Imprensa da Câmara de Vereadores de SLG)

ANEXO V – Coluna Presença: Artur Melo da Costa: um ilustre cidadão

10 – São Luiz Gonzaga, 15 de maio de 2013

GERAL

A Notícia



Presença

Instituto Histórico e Geográfico
de São Luiz GonzagaArtur Melo da Costa: um ilustre cidadão
Mariza Klein Ditz*

Estamos desenvolvendo uma pesquisa o curso de Pós-graduação - Mestrado - em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria. O objeto central de estudo e pesquisa é a vida de Artur Melo da Costa, nascido na região das Missões e um dos 1880 rio-grandenses que participaram da Segunda Guerra Mundial. Enfatizamos sua participação como ex-combatente do Exército Brasileiro e o uso do seu imaginário.

A problemática central consiste desse trabalho na busca do entendimento do imaginário de Artur. Estudos anteriores nos despertaram a atenção para sua convivência, ainda na infância, com um ex-combatente da Guerra do Paraguai, além do envolvimento familiar na revolução de 1930, já que seus dois irmãos mais velhos tiveram de fugir para a Argentina e um deles acabou aquartelado em São Luiz Gonzaga; as histórias que seu pai contava sobre a revolução de 1923, além de fatos que ele mesmo presenciara entre seus sete e oito anos de idade. Buscamos, assim, descobrir a ligação de suas representações com a vida real ao passar dos anos.

O presente estudo justifica-se pela importância que Artur Melo da Costa vem adquirindo na história local – relevância corroborada pela existência de um monumento em homenagem aos são-luizenses que participaram da Segunda Guerra Mundial e no qual consta seu nome. Esse marco está localizado na Praça Cícero Cavaleiro, cujo nome enaltece outro ex-combatente que também lutara na Segunda Guerra. Além disso, Artur Melo da Costa foi convidado para palestras em escolas e disso resultaram diversos registros nos jornais. Somou-se também a isso a valorização regional desse ex-combatente e, principalmente, o documentário intitulado Artur Melo da Costa: um herói missioneiro, e teremos a medida da importância desse cidadão em nossa história recente.

Esta cidade tem um passado bastante rico, devido a seu pertencimento como um dos povos missionários jesuítas espanhóis, mas São Luiz Gonzaga ainda não desenvolveu um olhar para a preservação do seu patrimônio imaterial (memórias...), por isso, essa pesquisa tem como pano de fundo a maior conscientização da população sobre esse aspecto.

Quando um historiador se propõe a fazer entrevistas de histórias de vida deve ter presente que estará trabalhando com duas formas de memória, ou seja, a individual, que consiste nos acontecimentos vivenciados pessoalmente, e a coletiva, que incide acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencer. Às vezes, pode acontecer de a pessoa nem ter participado de determinados eventos, contudo, no seu imaginário, aquilo se tornou tão importante que ela acaba se confundindo em relação a ter participado ou não de um determinado episódio. Por isso o problema consiste em o pesquisador saber interpretar esse material.

Entre os dias 13 e 17 de maio de 2013, comemora-se a Semana Nacional dos Museus. A programação da semana terá a exposição itinerante São Luiz contemporâneo séc. XX e XXI, no Museu Arqueológico, com o lema "QUEM NÃO CONHECE A HISTÓRIA DA PRÓPRIA CIDADE NÃO É CIDADÃO DELA E SIM SEU HOSPEDE". Riopardense de Macedo (urbanista).

Dia 15 de maio, às 15h, no Museu Senador Pinheiro Machado, ocorre a abertura do espaço destinado aos materiais do Ex-combatente Artur Melo da Costa, que comporão o espaço destinado a exposição de longa duração do Museu, bem como a uma exposição itinerante.

Esse tema desperta o interesse de muitas pessoas, pois, na região, esse personagem histórico participou da Segunda Guerra Mundial e ofereceu informações relevantes desse período da história da humanidade. Por sua história de vida, é imprescindível que preservar sua trajetória, a pedido de muitos visitantes do museu local para obter mais informações sobre esse personagem histórico.

Com o referido trabalho, colocaremos à disposição da população mais informações sobre esse agente histórico. Esse é o primeiro passo para que muitas outras histórias surjam desse personagem ou de outros que, muitas vezes, deixamos passar despercebidos.

*Mariza Klein Ditz é mestranda do Curso em Patrimônio Cultural – UFSM, professora de História e Geografia sócia do IHGSLG.

ANEXO A1 – Site jornal Guia São Luiz: Semana dos Museus em comemoração no Município

The screenshot shows a Firefox browser window displaying a news article on the website 'www.anoticia.com'. The article is titled 'Semana dos Museus em comemoração no Município' and is dated 18/05/2013 at 15:52. The main image shows a group of people, including a man in a white shirt and a woman in a red dress, standing in front of an exhibition display case. The article text describes the 'Semana Nacional dos Museus' and the 'Dia do Museu' on May 18th, featuring an exhibition at the Museu Arqueológico titled 'São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI'. It mentions the participation of Artur Melo da Costa, a World War II veteran, and the exhibition's focus on the city's history and the life of Artur Melo da Costa. The article also notes that the exhibition will be permanent at the Museu Senador Pinheiro Machado.

De 13 a 19 de maio, comemora-se a Semana Nacional dos Museus, sendo que o dia 18, é considerado o Dia do Museu. Em São Luiz, uma programação especial está sendo realizada, com uma exposição itinerante no Museu Arqueológico, com o título "São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI", com fotos da cidade no passado e atualmente e ainda, no Museu Senador Pinheiro Machado, enfocando a vida de Artur Melo da Costa, ex-combatente da 2ª Guerra Mundial, organizada por Mariza Klein Ditz, mestranda do Curso de Patrimônio Cultural pela UFSM, com os apoios da Secretaria de Educação, Turismo e do diretor dos Museus, João Alberto Hengen.

A abertura da exposição sobre a vida de Artur Melo da Costa teve concorrida participação, na quarta-feira à tarde, contando ainda com a presença dos familiares do ex-combatente, que foi um dos 1.880 soldados brasileiros que participaram da 2ª Guerra Mundial. Natural de Pirapó, na época distrito de São Luiz, foi para a guerra em 22/01/1945 e retornou em 03/10/1945. No Museu de Pirapó há um pouco de sua história, que também se encontra no livro oficial do Município. Na exposição, há pertences de Artur Melo da Costa, fotos e quadros, podendo ser visto, ainda, um documentário produzido em 2006, que retrata a sua vida. A exposição "São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI" seguirá até as comemorações da Semana do Município, em junho e sobre a vida de Artur Melo da Costa, será permanente no Museu Senador Pinheiro Machado.

Fotos vinculadas

De Segunda à Sexta
Das 6h às 22h
Atendimento com 6 profissionais formados em Educação Física e duas estagiárias
Fone 55 3352-1783

Este plugin é vulnerável e deve ser atualizado.
Verificar atualizações...
Ativar o Adobe Flash.

Já encontrou seu Imóvel?
Clique Aqui

IDISA
Instituto de Diagnóstico por Imagem

ANEXO B1 – Site Jornal Guia São Luiz

The screenshot displays the website guiasaoluiz.net in a Firefox browser window. The main content is a preview of the newspaper "Guia São Luiz Impresso", which is priced at R\$ 1,00. The newspaper cover features a map of São Luiz and several news items, including "Projeto prevê pavimentação de mais de 100 quadras" (Page 12), "Ingresso na UERGS em 2014 será pelo ENEM" (Page 06), "URI revive tempo da discórdia" (Page 04), "Prefeito Junaro não garante reposição salarial neste mês" (Page 14), "Drogas e celulares são concentrados no presídio" (Page 14), "Muitos acidentes de trânsito nos últimos dias" (Page 13), and "Idosa deixa casa após ser ameaçada pelo neto" (Page 14). The website is surrounded by various advertisements: "Faby Car VEÍCULOS" (55) 3352-7382, "XIS FAMÍLIA" 9643.4569, "Submarino Viagens" (Em até 10x SEM JUROS!), "Exposição sobre Artur Melo da Costa foi inaugurada" (Página 04), "Pilates" 3352-4056, "COLCHÕES Ortobom" 3352-4131, "CLIQUE AQUI", "AUDITEC assessoria contábil", "Quer diferente? A gente faz pra você" 3352-3030, and "NOVA DESIGN". A "BIG SALE" banner is also visible on the right side. The browser's address bar shows the URL guiasaoluiz.net/2013/05/guia-impresso-no-11/. The system tray at the bottom indicates the date is 02/06/2013 and the time is 19:52.

ANEXO C1 – Site Rádio Missioneira: Vice- Prefeito de Pirapó participou da homenagem à Artur Melo da Costa

The image shows a screenshot of the website for Rádio Missioneira (1010 FM) on the date of Sunday, June 2, 2013. The page features a news article titled "Vice-Prefeito de Pirapó participou da homenagem à Artur Melo da Costa", dated May 16, 2013. The article describes how Vice-Mayor Lauro Noll visited the São Luiz Gonzaga museum and gave an interview. A photograph shows Lauro Noll speaking at a podium with a banner for Artur Melo da Costa. The article continues with details about municipal challenges and future projects. The website layout includes a navigation menu, a search bar, and a "MURAL DE RECADOS" section with listener messages. A Facebook widget is visible at the bottom right.

RÁDIO MISSIONEIRA
1010 FM

ESCUTE A RÁDIO AO VIVO!

Musical ou Jornada Esportiva
Das 18:30 às 21:30

Home • Empresa • Notícias • Programação • Eventos • AO VIVO! • Recados • Contato

Notícias

Vice-Prefeito de Pirapó participou da homenagem à Artur Melo da Costa

16 de maio de 2013 às 10:11

O vice-prefeito de Pirapó, Lauro Noll, na visita que realizou ao museu de São Luiz Gonzaga na tarde de quarta-feira (15), concedeu entrevista à reportagem da Rádio Missioneira. Afirmou que Artur Chedes, com era conhecido o ex-combatente, era uma pessoa íntegra, honesta e admirado por todos na comunidade pirapoense. Disse que se sente orgulhoso de ter conhecido o ex-combatente e feliz pela homenagem.

Lauro também falou sobre as atividades relativas à administração do seu município. Disse que apesar das dificuldades financeiras que encontraram no início do mandato, as atividades estão ocorrendo com normalidade. Destacou a manutenção das estradas nos últimos dias, não só do interior, para a colheita, mas também no centro do município.

Afirmou que nos próximos meses Pirapó receberá do Governo Federal, uma motoniveladora, uma retroscavadeira e um caminhão caçamba, que irão complementar o parque de máquinas. Lauro disse ainda que vários projetos foram encaminhados ao governo, para que recursos sejam repassados ao município.

O vice-prefeito finalizou a entrevista dizendo que toda a equipe que governa o município está à disposição da comunidade. "Dentro do possível faremos de tudo para atender", ressaltou.

Por Amanda Lima

Fonte: Rádio Missioneira

2

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

01:08 **AGSL vence de goleada o líder do campeonato**

adalberto conrado "to na escuta aqui do alegre abraços deste ouvinte."

Rodrigo Kutter "Em Sapucaia comendo um churrasco e escutando o programa! Abraço a essa grande família"

Fernanda "Concordo contigo Rose! Os políticos precisam honrar o voto de confiança que recebem do povo! Valorizar a cultura local é muito importante, e todos da Família Ortaça são verdadeiros embaixadores de SLG!"

Alan "bom dia a todos, gostaria de..."

Mais recados Deixe seu recado!

FACEBOOK

Rádio Missioneira

2.383 pessoas curtiram Rádio Missioneira.

ANEXO D1 – Site Rádio Missioneira: História de ex-combatente da 2ª Guerra Mundial é eternizada em exposição

The image shows three stacked screenshots of a web browser displaying a news article on the Rádio Missioneira website. The browser's address bar shows the URL: www.radiomissioneira.com/noticias/view/id/30733/historia-de-ex-combatente-da-2-guerra-mundial-e-etc.html#UFUZVockyRiA.facebook. The page features the station's logo, navigation menus, and a search bar. The main article is titled "História de ex-combatente da 2ª Guerra Mundial é eternizada em exposição" and is dated 15 de maio de 2013 às 08:15. The text describes an exhibition at the Museu Senador Pinheiro Machado, featuring photographs, a map, and a red sash. It mentions the veteran Artur Melo da Costa and the researcher Mariza Klein. A photo of the exhibition is shown with the caption "Créditos fotos: Enyel da Rosa/Arquivo". The article concludes with a thank you to the family and sponsors. A Facebook widget on the right shows 2,382 likes. At the bottom, there is a section for "ÚLTIMAS NOTÍCIAS" with a headline "AGSL vence de goleada o líder do campeonato".

NOTÍCIAS

História de ex-combatente da 2ª Guerra Mundial é eternizada em exposição

15 de maio de 2013 às 08:15

A história de vida de ex-combatente da 2ª Guerra Mundial, Artur Melo da Costa Pirapense e Missioneiro, será eternizada com uma exposição no Museu Senador Pinheiro Machado. A exposição inaugurou na tarde de ontem, em solenidade que contou com a presença de autoridades locais e regionais, além da família de Artur.

A autora da exposição é a mestrande Mariza Klein, que desde 2005 realiza trabalhos sobre a vida de Artur. Ela contou:

Na exposição, os visitantes encontrarão fotos, quadros com o percurso dos brasileiros na guerra, emblemas de homenagens que o ex-combatente recebeu, a bandeira usada em seu funeral e o lenço vermelho, sempre usado por Artur, que segundo ele, representava o sangue dos colegas mortos em batalha.

A professora Mariza, disse que sente-se com a missão cumprida, pela concretização de mais uma etapa de sua pesquisa, que ainda terá continuidade. "Todos terão a honra de conhecer mais sobre a história do senhor Artur".

Uma das exposições é itinerante, e pode ser levada para escolas e outros estabelecimentos. O documentário realizado em 2006, também pela mestrande, pode ser emprestado para mostrar aos alunos ou para todos que tiverem interesse.

Ela agradece à família de Artur por ter recebido a professora em todas as oportunidades e colaborando com a pesquisa. Também agradeceu ao patrocinadores do trabalho, CFC Cadore, unidade local da Caixa Econômica Federal e Feron Supermercados.

Por Amanda Lima

Fonte: Rádio Missioneira

FOTOS VINCULADAS:

Créditos fotos: Enyel da Rosa/Arquivo

2,382 pessoas curtam Rádio Missioneira.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

01:06 AGSL vence de goleada o líder do campeonato

ANEXO E1– Site Jornal online Guia São Luiz: Solenidade registra homenagem a ex-combatente da FEB

The image shows a screenshot of a web browser displaying a news article on the website 'guiaaoluiz.net'. The article is titled 'Solenidade registra homenagem a ex-combatente da FEB' and is dated May 15, 2013. The article text describes a ceremony at the Museu Senador Pinheiro Machado, where a visitation to the space of Ex-Combatant Artur Melo da Costa took place. It mentions that the visit was emotionally moving and that Artur Melo's family members were present. The article also notes that Artur Melo's remains were returned to his family and that his personal belongings, including a red hat, were displayed at the museum. The article is surrounded by numerous advertisements for various services, including 'Tele-Entrega', 'Viagens', 'Agafarma', 'Faby Car', 'Pilates', and 'Auditec'. The browser's address bar shows the URL 'guiaaoluiz.net/2013/05/solenidade-registra-homenagem-a-ex-combatente-da-feb/' and the page is viewed in Portuguese.

Solenidade registra homenagem a ex-combatente da FEB
 – 15 DE MAIO DE 2013
 POSTADO EM: GERAL, LOCAIS, NOTÍCIAS

Na tarde desta quarta-feira (15) ocorreu a abertura da visitação ao espaço destinado aos materiais do Ex-Combatente Artur Melo da Costa, no Museu Senador Pinheiro Machado. Os novos materiais farão parte da exposição de longa duração do Museu.

Visivelmente emocionada, Edite Pereira da Costa qualificou como um momento maravilhoso a homenagem e o espaço reservado em memória de seu pai, o ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial, Artur Melo da Costa.

Edite relembrou fatos que marcaram sua infância, como quando seus pais, após seu Artur ter retornado da Itália, seguiram para a lavoura. Era a única oportunidade que os filhos tinham de satisfazer a curiosidade e conferir as fotografias e cartas, da época em que seu Artur esteve no Rio de Janeiro e na Itália, guardadas em um imenso baú.

Além de Edite, estavam presentes também os filhos Jair Pereira da Costa, Janete da Costa Oliveira e Eloi Pereira da Silva que não usaram a palavra, entretanto, demonstravam-se profundamente emocionados.

Do acervo de objetos do praçinha, chama a atenção o lenço vermelho que seu Artur dizia usar em lembrança e homenagem ao sangue de seus colegas que lutaram na guerra. Os objetos, doados pela família, eram guardados por seu Artur como uma relíquia e agora comporão à exposição de longa duração do Museu.

A organizadora da exposição de Artur Melo da Costa, professora mestranda em Patrimônio Cultural- UFSM, Mariza Klein Ditz, ressaltou a importância de valorizar a história. Ela registrou mais de 30 gravações de seu Artur que estão à disposição no Museu Senador Pinheiro Machado.

Esteve presente na solenidade seu José Maciel, ex-combatente e colega de Artur Melo da Costa, bem como, diversas autoridades municipais, o vice-prefeito e o presidente da Câmara Municipal de Pirapó e familiares do ilustre ex-combatente.

fotos: Guia São Luiz

Publicidade:
 Tele-Entrega: 3352-3281, 3352-1081
 Agafarma: 3352-2100
 Ofertas Arrasadoras: BOXINOVARE, 3352.7354, 9939.8752, Rua Rui Ramos, 1161
 Viagens: em até 10x
 Ponto Certo: Ofertas, 3352-3478
 TELE-ENTREGA: (55) 3352-4770
 Faby Car: 155) 3352-7382
 CARDÁPIO CLIQUE AQUI
 Pilates: 3352-4056
 Lourencar: 3352-3643
 AUDITEC: 3352-3030
 NOVA DESIGN: 3352-3030



ANEXO F1 – Solenidade registra homenagem a ex-combatente da FEB

Guia **R\$ 1,00**
São Luiz
Impresso

São Luiz Gonzaga - RS - Ano 01 - Nº 11
 18 de Maio de 2013

Exposição
 sobre
 Artur Melo
 da Costa foi
 inaugurada

Página 04



4 **Guia**
São Luiz

18 DE MAIO DE 2013

EDUCAÇÃO/CULTURA

Solenidade registra homenagem a ex-combatente da FEB

Na tarde da última quarta-feira (15) ocorreu a abertura da visitação ao espaço destinado aos materiais do Ex-Combatente Artur Melo da Costa, no Museu Senador Pinheiro Machado. Os novos materiais farão parte da exposição de longa duração do Museu.

Visivelmente emocionada, Edite Pereira da Costa qualificou como um momento maravilhoso a homenagem e o espaço reservado em memória de seu pai, o ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra

Mundial, Artur Melo da Costa.

Edite relembrou fatos que marcaram sua infância, como quando seus pais, após seu Artur ter retornado da Itália, segulam para a lavoura. Era a única oportunidade que os filhos tinham de satisfazer a curiosidade e conferir as fotografias e cartas, da época em que seu Artur esteve no Rio de Janeiro e na Itália, guardadas em um imenso baú.

Além de Edite, estavam presentes também os filhos Jair Pereira da Costa, Janete da Costa Oliveira e

Eloir Pereira da Silva que não usaram a palavra, entretanto, demonstravam-se profundamente emocionados.

Do acervo de objetos do pracinha, chama a atenção o lenço vermelho que seu Artur dizia usar em lembrança e homenagem ao sangue de seus colegas que lutaram na guerra. Os objetos, dados pela família, eram guardados por seu Artur como uma relíquia e agora comporão a exposição de longa duração do Museu.

A organizadora da exposição de Artur Melo

da Costa, professora mestrande em Patrimônio Cultural-UFSM, Mariza Klein Ditz, ressaltou a importância de valorizar a história. Ela registrou mais de 30 gravações de seu Artur que estão a disposição no Museu Senador Pinheiro Machado.

Esteve presente na solenidade seu José Maciel, ex-combatente e colega de Artur Melo da Costa, bem como, diversas autoridades municipais, o vice-prefeito e o presidente da Câmara Municipal de Pirapó e familiares do ilustre ex-combatente.

Josef Borges/Guia São Luiz



Familiares de Artur Melo da Costa junto à mestrande da UFSM professora Mariza Klein Ditz

ANEXO G1- Semana dos Museus em comemoração no Município

Segundo Caderno

São Luiz Gonzaga, 18 e 19 de maio de 2013

Semana dos Museus em comemoração no Município



Mariza Ditz com os familiares de Artur Melo da Costa



Parte do público presente na abertura da exposição ao ex-combatente



A exposição no Museu Arqueológico

De 13 a 19 de maio, comemora-se a Semana Nacional dos Museus, sendo que o dia 18, é considerado o Dia do Museu. Em São Luiz, uma programação especial está sendo realizada, com uma exposição itinerante no Museu Arqueológico, com o título "São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI", com fotos da cidade no passado e atualmente e ainda, no Museu Senador Pinheiro Machado, enfocando a vida de Artur Melo da Costa, ex-combatente da 2ª Guerra Mundial, organizada por Mariza Klein Ditz, mestrande do Curso de Patrimônio Cultural pela UFSM, com os apoios da Secretaria de Educação, Turismo e do diretor dos Museus, João Alberto Hengen.

A abertura da exposição sobre a vida de Artur Melo da Costa teve concorrida participação, na quarta-feira à tarde, contando ainda com a presença dos familiares do ex-combatente, que foi um dos 1.880 soldados brasileiros que participaram da 2ª Guerra Mundial. Natural de Pirapó, na época distrito de São Luiz, foi para a guerra em 22/01/1945 e retornou em 03/10/1945. No Museu de Pirapó há um pouco de sua história, que também se encontra no livro oficial do Município. Na exposição, há pertences de Artur Melo da Costa, fotos e quadros, podendo ser visto, ainda, um documentário produzido em 2006, que retrata a sua vida. A exposição "São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI" seguirá até as comemorações da Semana do Município, em junho e sobre a vida de Artur Melo da Costa, será permanente no Museu Senador Pinheiro Machado.

ANEXO H1 – Exposição do Ex-Combatente Artur Melo da Costa

RAL

Jornal Missioneiro

9

São Luiz Gonzaga, 12 de maio de 2013

GEI

Tribuna Popular é utilizada para apresentação de trabalho de mestranda

História de Artur Melo da Costa é tema de exposição no Museu Senador Pinheiro Machado. Ex-combatente da 2ª Guerra Mundial deixa extenso legado cultural para São Luiz Gonzaga.

Durante a sessão ordinária desta segunda-feira (13) na câmara de vereadores, ocorreu a utilização do espaço da "Tribuna Popular". A mestranda em patrimônio cultural pela UFSM, Mariza Klein Ditz explanou para a comunidade o seu trabalho de pesquisa sobre a vida de Artur Melo da Costa.

O museu Senador Pi-



Mariza Klein Ditz explanou para a comunidade o seu trabalho

neiro Machado vai manter uma exposição com alguns pertences referente à trajetória de vida do ex-combatente. Também, uma exposição itinerante será disponibilizada.

Artur Melo da Costa integrou o pelotão de 1880

soldados do Rio Grande do Sul, os quais unidos a 25 mil brasileiros participaram da 2ª Guerra Mundial. Sua memória dos feitos junto à guerra deixou um legado cultural que permanecerá para as próximas gerações. Artur faleceu no dia três de novembro de 2012, com 91 anos.

O contato com a mestranda Mariza é marizakd@hotmail.com, para informações e solicitações de material histórico. Por Pâmela Moraes – Assessora de Imprensa da Câmara de Vereadores de SLG



Exposição do Ex-Combatente Artur Melo da Costa

Foi aberto no dia 15 de maio, às 15 horas, no Museu Senador Pinheiro Machado, o espaço destinado aos materiais do Ex-Combatente Artur Melo da Costa. A partir desta data, estes materiais comporão o espaço destinado à exposição de longa duração do Museu. Paralela a esta exposição de longa duração, ocorrerá uma exposição itinerante sobre o mesmo tema.

-Artur Melo da Costa: são-luizense e ex-combatente da Segunda Guerra Mundial: Artur Melo da Costa, nascido na região das Missões, é um dos 1880 rio-grandenses que participaram da Segunda Guerra Mundial. Este ilustre senhor faleceu em 03/11/12. Na região, o referido personagem histórico era o único sobrevivente da Segunda Guerra Mundial que quando vivo e lúcido, ofereceu informações relevantes desse período da história da humanidade. Deste modo,

conforme os envolvidos neste evento, é imprescindível realizar um trabalho no sentido de preservar esta história.

Semana Nacional dos Museus encerra domingo

Exposição itinerante São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI segue até a Semana do Município

No Museu Arqueológico de São Luiz Gonzaga está acontecendo a exposição itinerante São Luiz Contemporâneo Século XX e XXI. Esta exposição tem como lema "quem não conhece a história da própria cidade não é cidadão dela e sim seu hóspede" Riopardense de Macedo (urbanista). Os visitantes poderão visualizar quadros com fotos de nossa cidade fazendo uma comparação com o passado e o presente, esta exposição ficará exposta até a semana do município e pode ser agenda-da pelo telefone 55-99184263 com o diretor dos museus João Alberto Hengen.